



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**RELAÇÃO ENTRE ASPECTOS DE
VINCULAÇÃO, MECANISMOS DE
DEFESA E TRAÇOS DISFUNCIONAIS
DA PERSONALIDADE:
UM ESTUDO COM UMA AMOSTRA
DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Tiago Manuel Caeiro Fragoso
Orientação: Prof. Doutor Rui C. Campos

Mestrado em Psicologia
Área de especialização: Psicologia Clínica e da Saúde



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia
Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação

**Relação entre aspectos de vinculação, mecanismos de defesa e traços
disfuncionais da personalidade:
Um estudo com uma amostra de estudantes universitários**

Tiago Manuel Caeiro Fragoso

Orientador:
Prof. Doutor Rui C. Campos

Janeiro, 2012

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado foi possível devido ao contributo e ao apoio de várias pessoas às quais gostaria de dar o devido agradecimento.

Em primeiro lugar, ao Prof. Rui C. Campos pela sua valiosa orientação e por toda a disponibilidade que sempre mostrou para me guiar nesta tarefa. O seu auxílio, revisões, críticas e esclarecimentos foram sem dúvida fundamentais para a concretização desta dissertação.

Queria também agradecer ao Prof. Armando Raimundo, ao Prof. Pedro Neves e à Prof. Ana Fialho Silva pela sua simpatia e por me terem disponibilizado tempo precioso das suas aulas para que eu pudesse aplicar os questionários, sem os quais esta dissertação não seria possível de realizar.

Não posso também deixar de agradecer à minha família e amigos por todo o apoio durante este período. Devo destacar a amizade do David, da Patrícia e principalmente do Rui que infindáveis vezes me forneceram apoio durante a concretização desta dissertação.

E claro, um agradecimento especial à Carla, cuja presença e apoio emocional ajudaram a tornar alturas difíceis em alturas menos difíceis.

Resumo

Este estudo analisou a correlação entre estilos de vinculação, mecanismos de defesa e padrões disfuncionais de personalidade. Uma amostra de estudantes universitários constituída por 145 indivíduos preencheu o Millon Clinical Mutiaxial Inventory-II (MCMI-II; Millon, 1987), o Defense Mechanisms Inventory (DMI; Ihilevich & Gleser, 1986) e o Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP; Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho, 1999). Calcularam-se as correlações de Pearson e realizaram-se regressões lineares e robustas para estudar a relação das 13 escalas de personalidade do MCMI-II com as escalas do PAMaDeP e do DMI. Os resultados são discutidos de um ponto de vista desenvolvimental e psicodinâmico, tendo por base a teoria da vinculação e encarando a personalidade patológica num contínuo com a personalidade “normal”.

Palavras-chave: Estilos de vinculação, padrões disfuncionais de personalidade, mecanismos de defesa, estudantes universitários.

Abstract

This study has analyzed the correlation between styles of attachment, defense mechanisms and dysfunctional patterns of personality. A sample of college students of 145 individuals completed the Millon Clinical Mutiaxial Inventory-II (MCMI-II; Millon, 1987), the Defense Mechanisms Inventory (DMI; Ihilevich & Gleser, 1986) and the Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP; Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho, 1999). Pearson correlations were calculated and linear and robust regressions were realized for the study of the relation between the 13 scales of the MCMI-II and the scales of the PAMaDeP and the DMI. The results are discussed from a developmental and psychodynamic point of view, with basis in the attachment theory and viewing personality pathology as a continuum with “normal” personality.

Key-words: Attachment styles, dysfunctional patterns of personality, defense mechanisms, college students.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
I – Fundamentação teórica	5
1. Relação precoce e desenvolvimento	5
1.1. A Teoria das Relações de Objecto.....	5
1.1.1. <i>Os contributos de Klein</i>	7
1.1.2. <i>Os contributos de Winnicott</i>	8
1.1.3. <i>Os contributos de Blatt</i>	10
1.2. A Teoria da Vinculação	11
1.2.1. <i>Vinculação às figuras parentais</i>	12
1.2.2. <i>Flexibilidade na vinculação</i>	13
1.2.3. <i>Modelos internos dinâmicos</i>	14
1.3. Vinculação ou Relação Objectal?	16
2. Mecanismos de defesa	19
2.1. O conceito de mecanismo de defesa	19
2.2. Os diferentes tipos de mecanismos de defesa.....	20
2.3. Os mecanismos de defesa ao longo do desenvolvimento	22
2.4. O Modelo de Ihlevich e Gleser	22
2.4.1. <i>Desenvolvimento do modelo</i>	23
2.4.2. <i>Categorização dos mecanismos de defesa</i>	24
3. Traços de personalidade e perturbações de personalidade	27
3.1. A noção de padrão ou estilo de personalidade	29
3.2. Padrões disfuncionais da personalidade.....	29
3.3. As perturbações de personalidade presentes no DSM-IV-TR.....	35
3.4. As perturbações de personalidade segundo a sua relevância psicodinâmica	37
3.5. O Modelo de Theodore Millon	38
4. Mecanismos de defesa, personalidade e psicopatologia	43
4.1. Considerações gerais.....	43

4.2. Alguns dados empíricos	47
5. Relação precoce, vinculação e psicopatologia.....	49
5.1. Considerações gerais.....	49
5.1.1. <i>Desenvolvimento e psicopatologia no adulto.....</i>	<i>50</i>
5.1.2. <i>A importância da vinculação para a psicopatologia.....</i>	<i>52</i>
5.2 - Estilos de vinculação e traços disfuncionais da personalidade.....	54
5.3. Vinculação e psicopatologia: alguns dados empíricos	60
II – Estudos empíricos	63
6. Objectivos e hipótese de investigação	63
6.1. Objectivos	63
6.2. Hipóteses de investigação	66
7. Metodologia.....	77
7.1. Participantes	77
7.2. Instrumentos de medida.....	80
7.2.1. <i>Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na</i>	
<i>Psicopatologia (PAMaDeP)</i>	<i>80</i>
7.2.2. <i>Inventário Multiaxial Clínico de Millon (MCMI-II).....</i>	<i>82</i>
7.2.3. <i>Defense Mechanisms Inventory (DMI).....</i>	<i>83</i>
7.3. Procedimento	84
7.4. Metodologia de análise dos dados recolhidos.....	85
8. Resultados	87
8.1. Estatística descritiva.....	87
8.2. Análise de correlações	89
8.2.1. <i>Resultados.....</i>	<i>89</i>
8.3. Análise da regressão.....	92
8.3.1. <i>Validação dos pressupostos.....</i>	<i>93</i>
8.3.2. <i>Resultados.....</i>	<i>93</i>
9. Discussão de resultados.....	101
9.1. Análise das semelhanças entre padrões de personalidade.	101
9.2. Padrões de personalidade, vinculação e mecanismos de defesa....	103
9.3. Limitações e estudos futuros.....	116
9.3.1. <i>Homogeneidade da amostra</i>	<i>116</i>

9.3.2. <i>O protocolo de avaliação</i>	117
9.3.3. <i>Questões de abuso e maus tratos</i>	117
9.3.4. <i>Mecanismos de defesa</i>	117
9.3.5. <i>Medidas diferentes de vinculação</i>	118
9.3.6. <i>Sobreprotecção materna e abandono</i>	118
9.3.7. <i>População clínica</i>	118
9.3.8. <i>Diferenças entre sexo</i>	118
9.3.9. <i>Estudos longitudinais</i>	119
10. Conclusões	121
Referências	125
Anexos	i
Anexo I.....	iii
Pacote de questionários aplicados aos participantes do sexo masculino.....	iii
Anexo II.....	v
Pacote de questionários aplicados aos participantes do sexo feminino	v
Anexo III.....	vii
Frequências da variável Qperd.....	vii
Anexo IV	xi
Testes de normalidade	xi

Índice de Tabelas

Tabela 1: Médias, máximos, mínimos e desvios-padrão das escalas de personalidade do MCMI-II	87
Tabela 2: Médias, máximos, mínimos e desvios-padrão dos estilos de defesa do DMI	88
Tabela 3: Médias, máximos, mínimos e desvios-padrão das escalas de vinculação do PAMaDeP	88
Tabela 4 e 5: Correlações entre as variáveis em estudo	90
Tabela 6 a 12: Análise de regressão para as variáveis em estudo	94

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição dos participantes da amostra por sexo	77
Gráfico 2: Distribuição dos participantes da amostra pela idade	77
Gráfico 3: Distribuição dos participantes da amostra por curso	79
Gráfico 4: Distribuição dos participantes da amostra por ano lectivo	79

Introdução

As perturbações de personalidade não só são das formas de psicopatologia mais frequentes e generalizadas na população, como também são de difícil diagnóstico e tratamento. Isto porque as perturbações de personalidade remetem para o funcionamento típico do indivíduo – fazem parte integrante da forma como este sente, age e compreende o mundo. É, no fundo, o indivíduo em si e não uma “doença” que existe à parte do indivíduo em questão. Entendendo a personalidade normal num contínuo com as perturbações da personalidade como o defendem diversos autores, pode pensar-se que existirão traços disfuncionais destes – característicos das perturbações de personalidade – em todos os indivíduos, em maior ou menor grau. Podendo não preencher ou ficar aquém dos requisitos para o diagnóstico de uma perturbação de personalidade, isso não significa que estes traços disfuncionais da personalidade não provoquem sofrimento e não sejam significativos no contexto psicoterapêutico.

Este estudo assenta pois na ideia da personalidade como um contínuo, sendo o normal e o patológico pontos de um vasto espectro de funcionamento, focando-se nos modelos dimensionais de psicopatologia da personalidade. Tentaremos dar um contributo para a compreensão da personalidade e o seu funcionamento – adaptativo ou não – à luz da vinculação e dos mecanismos de defesa. O objectivo é compreender a relação entre características das relações precoces, dos mecanismos de defesa e a personalidade (e em particular dos padrões disfuncionais da personalidade). Recorrer-se-á para tal à aplicação dos questionários Millon Clinical Mutiaxial Inventory-II (MCMI-II), do Defense Mechanisms Inventory (DMI) e do Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP) e será estudada uma população universitária. Os padrões disfuncionais de personalidade considerados são os estabelecidos por Theodore Millon (Millon, 1987). A perspectiva dos mecanismos de defesa considerada será a de Ihlevich e Gleser (1986) e a das características de vinculação será a de Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho (1999).

A primeira parte do trabalho é centrada na fundamentação teórica e é composta por cinco capítulos:

No capítulo 1 apresentaremos uma breve descrição das teorias desenvolvimentais referentes à qualidade das relações precoces. Destacamos a Teoria das Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação e veremos que estas partilham várias características e que é vantajosa a fusão das duas perspectivas. Veremos também que estas teorias estabelecem um bom modelo explicativo para o desenvolvimento da personalidade e da psicopatologia. No capítulo 2 veremos a definição de Mecanismo de Defesa, bem como os tipos de mecanismos de defesa e os mecanismos de defesa ao longo do desenvolvimento, destacando por fim o modelo de Ihilevich e Gleser (1986). No capítulo 3 analisaremos a personalidade, da normal à patológica, definindo os diferentes tipos de padrões de personalidade e a sua ligação com as perturbações de personalidade. Adoptando o modelo de Millon (1987), veremos também o que torna um padrão de personalidade disfuncional ou desajustado. No capítulo 4 veremos que existe uma estreita relação entre mecanismos de defesa e personalidade – normal e patológica – sendo essa relação fundamentada através de dados teóricos e empíricos. Finalmente, no capítulo 5 é analisada em profundidade, através de dados teóricos e empíricos, a relação entre os estilos de vinculação na relação precoce e o desenvolvimento da personalidade, nomeadamente de padrões disfuncionais de personalidade, sendo também estudada a forma como se processa esta relação.

A segunda parte do trabalho é constituída pelo estudo empírico em si e é composta por cinco capítulos:

No capítulo 6 serão apresentados os objectivos e as hipóteses de investigação com base nos dados teóricos e empíricos previamente analisados. No capítulo 7 será explicitada a metodologia do estudo, fazendo a caracterização da amostra e dos instrumentos de medida utilizados (o PAMadep, o MCMI-II e o DMI), e explicitando também o procedimento da recolha dos dados e a metodologia utilizada na análise dos dados recolhidos. No capítulo 8 serão apresentados os resultados do estudo – ou seja, a

estatística descritiva dos dados obtidos e a apresentação do estudo das correlações e das regressões efectuadas às escalas de vinculação, mecanismos de defesa e padrões de personalidade em estudo. O capítulo 9 consistirá na discussão destes resultados à luz da teoria e de estudos empíricos prévios, bem como na ponderação das limitações de estudo e propostas de estudos futuros. Finalmente, no capítulo 10 são apresentadas as conclusões do estudo.

I – Fundamentação teórica

1. Relação precoce e desenvolvimento

Para compreendermos a relação entre os factores presentes no desenvolvimento do indivíduo e a formação de traços disfuncionais de personalidade, primeiro temos de compreender esses factores e esse desenvolvimento em si. Como tal, poderemos recorrer a duas grandes teorias explicativas que se reportam às relações precoces e ao desenvolvimento: a Teoria das Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação, que passaremos a apresentar e que, como veremos mais à frente, se complementam apesar de terem sido desenvolvidas sob perspectivas diferentes.

1.1. A Teoria das Relações de Objecto

O conceito de *relação objectal* advém da teoria psicanalítica. Embora não exista uma só teoria chamada Teoria das Relações de Objecto, sendo antes uma designação que se refere a um grupo de teorias semelhantes entre si, todas as suas concepções têm como princípio a noção de que a personalidade de um indivíduo pode ser melhor analisada ao estudar as representações mentais, ou *introjectos*, das figuras significativas (particularmente, as figuras parentais) que se formam nos primeiros estádios de desenvolvimento em fases precoces da vida em resposta às interações com membros da sua família (Beebe & Lachman, 1988; Besser & Blatt, 2007; Bornstein, 2003; Johnson, Zinmier, & Golden, 1987; T. Millon, Grossman, S. Millon, Meagher, & Ramnath, 2004; Wolitzky, 2006). Estes *introjectos* tornam-se a base para formas simbólicas do *self* e para representações de objectos que se manifestam posteriormente na vida do indivíduo, servindo de estruturas mentais inconscientes que organizam as suas experiências e que só são parcialmente acessíveis a uma reflexão consciente (Beebe & Lachman, 1988; Besser & Blatt, 2007; Blatt & Auerbach, 2000; Blatt, Auerbach & Levy, 1997; T. Millon et al., 2004). Como tal, estas representações mentais possuem

necessariamente uma componente afectiva, cognitiva e experiencial das interacções com as figuras significativas para o indivíduo (Blatt & Lerner, 1983). Significa isto que a qualidade das relações interpessoais determina características no mundo interno representacional através da sua internalização. Por sua vez, estas estruturas cognitivo-afectivas internas irão moldar as subsequentes experiências interpessoais (Blatt, 1974; Blatt & Lerner, 1983; Campos, 2006).

A *Teoria das Relações de Objecto* parte, portanto, do princípio que o indivíduo, durante a sua infância, desenvolve um *modelo interno funcional* das relações no qual ele próprio e os outros, bem como as suas interacções, são mentalmente representados, sendo este modelo representativo da qualidade das experiências da criança (Beebe & Lachman, 1988; Wolitzky, 2006). A libido do indivíduo é encarada como um agente que procura um objecto e não o prazer em si, porque o principal objectivo do organismo não é a satisfação dos impulsos instintivos mas sim a satisfação da necessidade inerente de se relacionar com outros (Millon et al., 2004; Wolitzky, 2006). O “objecto” de um instinto é o agente através do qual o objectivo instintivo é atingido, sendo este agente geralmente concebido como outra pessoa (Ainsworth, 1969; Johnson, Zinmier, & Golden, 1987; Wolitzky, 2006). É de modo geral aceite que o primeiro objecto da criança é a sua mãe (ou figura materna) e que a origem da representação de relação objectal se dá no primeiro ano de vida, sendo esta relação inicial encarada, pela maioria dos psicanalistas, como sendo de natureza oral (Ainsworth, 1969; Beebe & Lachman, 1988; Johnson, Zinmier, & Golden, 1987).

Contudo, este processo não finda na tenra infância. As representações dos objectos tornam-se, com a maturação, cada vez mais diferenciadas, integradas e precisas. Evoluem de representações globais e amorfas a representações mais compartimentadas e mais ou menos diferenciadas, resultando finalmente em representações altamente articuladas e integradas (Besser & Blatt, 2007; Blatt, 1974; Blatt, Auerbach & Levy, 1997). Estas representações desenvolvem-se de um nível *sensório-motor* passando para um nível *objecto-perceptivo*, e depois para um nível *icónico*, e atingindo finalmente

o nível *conceptual*, que é conseguido nos últimos estádios de separação/individuação através da resolução da crise edipiana (Blatt, 1974). A partir daqui, o contacto directo com o objecto deixa de ser necessário para que se mantenha a sua representação. As perturbações no desenvolvimento das representações objectais poderão demorar algum tempo a revelar-se, tornando-se visíveis apenas quando o objecto não estiver disponível para proporcionar apoio e estrutura que possam servir de compensação para colmatar falhas nas representações previamente formadas (Blatt, 1974; Campos, 2006).

Os últimos estádios de desenvolvimento da representação objectal baseiam-se na integração e extensão dos anteriores. Os vários tipos de representação estão disponíveis, sendo que o nível de representação indica o nível de desenvolvimento do ego (Blatt, 1974), pelo que níveis de representação elevados proporcionam a estrutura para interacções mais eficazes com a realidade, maior modulação e transformação dos impulsos, e maior capacidade para lidar com a perda (Campos, 2006).

Diversos autores deram um contributo para a compreensão do impacto das relações precoces no desenvolvimento segundo a perspectiva da teoria de relações de objecto. Destacam-se, no entanto, três autores: Melanie Klein, Winnicott e Sidney Blatt, cujos contributos iremos apresentar de forma sucinta.

1.1.1. Os contributos de Klein

Para Melanie Klein há a existência desde o início da vida de um Ego primitivo e imaturo ao qual falta coesão e que vai desde logo ficar exposto à angústia suscitada pelo conflito entre a *pulsão de vida* e a *pulsão de morte*, às quais vão corresponder as pulsões libidinais de amor e as pulsões agressivas/destrutivas (Klahr, 1985/2005). Esta coexistência de impulsos opostos, presentes desde o nascimento, vai obrigar o Ego frágil do bebé a gerir a angústia suscitada por este conflito. Assim, dois tipos de angústia irão manifestar-se durante os primeiros meses de vida da criança e irão permanecer activas durante toda a vida do indivíduo, podendo ressurgir em casos de regressão. Estes dois tipos de angústia marcam e têm expressão na

Posição Esquizoparanóide, em que a angústia de perseguição é a que está mais activa e predomina durante os três/quatro primeiros meses de vida e depois torna-se menos marcada; e na *Posição Depressiva*, em que a angústia de perda do objecto é forte, surgindo na segunda metade do primeiro ano, e atingindo a sua expressão máxima por volta dos seis meses, declinando após este período (Klahr, 1985/2005).

Segundo Klein, existe então um Ego rudimentar desde o nascimento que, para se defender contra o conflito nascido da luta entre pulsões, irá projectar para o exterior a pulsão de morte. Ao mesmo tempo, uma parte da pulsão de vida é igualmente projectada para criar um “objecto ideal”. O Ego cliva-se então numa parte libidinal e numa parte destrutiva e vai prender-se ao objecto parcial “seio” da mãe. Em contrapartida, o Ego vai introjectar o objecto ideal, fazer dele uma parte de si mesmo e identificar-se com este, podendo também receber de volta a parte má, destrutiva, vivida como persecutória. O Ego, através desta oscilação entre projecção/introjecção, cliva o objecto “seio” e vai estabelecer uma dupla relação entre seio bom e seio mau, sendo a clivagem um dos primeiros mecanismos de defesa utilizados pelo Ego contra a angústia (Klahr, 1985/2005).

Para a criança, distinguir a mãe como pessoa inteira, diferente dela, implica reconhecer a sua dependência em relação a ela, uma entidade que é ao mesmo tempo boa e má. A criança experimenta então simultaneamente sentimentos agressivos e sentimentos de amor, começando a manifestar-se a ambivalência em relação ao objecto (Klahr, 1985/2005). É quando o Ego do bebé se unifica que este pode perceber o exterior como diferente dele e estabelecer relações não com objectos parciais mas com um objecto total – a figura materna. Nessa fase, a criança é capaz de reconhecer o objecto “inteiro” e não clivado (Klahr, 1985/2005).

1.1. 2. Os contributos de Winnicott

Winnicott aprofunda mais esta temática e estabelece esta relação entre criança, mãe e realidade, sendo que a maneira como a mãe e o meio ambiente apresentam o mundo à criança determina o estabelecimento da relação de

objecto que se faz através de dois esquemas: o *Fenómeno Transitivo* e a *Agressividade* (Funk-Bretano, 1985/2005). Segundo o primeiro, no início, a criança tem uma relação primária com a realidade exterior baseada na experiência de onipotência e na ilusão de que ela própria cria o objecto desejado. Esta fase de ilusão supõe portanto uma sobreposição daquilo que a criança concebe e do que a mãe fornece; constitui uma zona intermédia entre a subjectividade e a objectividade. Durante o período de desadaptação progressiva da mãe – *fase de dependência relativa* – a criança tem uma relação apenas com objectos parciais (por exemplo o seio) e ainda que a criança tenha um certo conhecimento específico da mãe em determinados momentos privilegiados, ela não a distingue ainda como uma pessoa. No entanto, a partir dos quatro meses o bebé começa a integrar nos seus esquemas internos pessoas que são “objectos-outros-que-não-eu” que permitem que a ilusão encontre um suporte na realidade. É o que Winnicott designa por *fenómeno transitivo*, e são os objectos transitivos que contribuem para o percurso da criança da pura subjectividade para a objectividade (Funk-Bretano, 1985/2005). O *fenómeno transitivo* constitui portanto uma tentativa realizada para unir e comunicar – serve de recusa da separação em relação à mãe. Mais que o representante simbólico da mãe, o objecto é sobretudo um intermediário: insuficiente mas necessário para a identificação real. É, além disso, a primeira manifestação da criança para criar ou imaginar o objecto – isto é, para simbolizar (Funk-Bretano, 1985/2005).

O segundo esquema referido por Winnicott, a *Agressividade*, realça a importância da atitude da mãe para a evolução da criança no momento em que esta passa pelas dificuldades da posição depressiva. Para Winnicott a agressividade está na origem do princípio de realidade – está presente antes da integração da personalidade, sendo quase sinónimo de actividade. A criança tem necessidade de um objecto externo para satisfazer as suas pulsões e é através da agressividade que se consegue diferenciar do mundo exterior através da expressão instintiva e da actividade motora. Na fase de dependência relativa, é portanto a adaptação incompleta da mãe às

necessidades da criança que vai fornecer à criança a noção da realidade dos objectos (Funk-Bretano, 1985/2005).

Neste estágio, quando a mãe aceita receber as pulsões agressivas do seu filho e continua a amá-lo, a criança, que já é capaz de distinguir a mãe como objecto total em certos momentos, pode sentir uma angústia de destruição e de perda em relação ao objecto materno (Funk-Bretano, 1985/2005). A consequência da frustração de não obter tudo o que quer, é este odiar o objecto, e é este ódio – esta agressividade – que vai levar a criança à manifestação do desejo da (e conseqüentemente, à) diferenciação do seu *self* em relação ao mundo exterior (Funk-Bretano, 1985/2005). Segundo Winnicott, é a agressividade que, em última instância, leva à capacidade de se estar só. Mas é também a experiência de estar sozinho, na presença do objecto, que conduz à capacidade de estar só (Funk-Bretano, 1985/2005).

1.1.3. Os contributos de Blatt

É de uma forma geral aceite pelas teorias de relação de objecto a relação entre a forma como estas relações foram vividas pelo indivíduo no seu relacionamento precoce e o posterior desenvolvimento de psicopatologia, onde se incluem as perturbações de personalidade (Porcerelli, Cogan & Hibbard, 1998). Esta relação é explicada através da internalização dessas relações e das suas representações mentais, que servem como bases de referência para relações interpessoais posteriores, permitindo ao indivíduo antecipar (correcta ou incorrectamente) as respostas dos outros e produzir inferências sobre os seus pensamentos, sentimentos, objectivos e motivações (Beebe & Lachman, 1988; Bornstein, 2003).

Na tentativa de compreender esta relação poder-se-á destacar o modelo de Blatt que postula que os introjectos das figuras parentais têm um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade e das dinâmicas relacionais (Besser & Blatt, 2007; Blatt, Auerbach & Levy, 1997; Bornstein, 2003). Blatt destaca vários pontos-chave no desenvolvimento de representações mentais e indica a relevância destes pontos na compreensão da psicopatologia. Estes pontos-chave são a *consistência dos limites* (na qual o indivíduo é capaz de

estabelecer e manter uma sensação de individualidade e de separação entre o *self* e o outro, e entre *self* e não-*self*), a *consistência emocional* (na qual o indivíduo é capaz de estabelecer e manter com o outro uma ligação emocional consistente), a *consistência do objecto* (que se reporta à capacidade do indivíduo de estabelecer e manter uma relação emocional positiva com um outro significativo, especialmente quando o outro está ausente ou quando existe conflito com esse outro) a *consistência do self* (na qual o indivíduo tem uma representação estável, consolidada e coesa de si próprio como sendo distinto dos outros numa realidade espaço-temporal, independentemente do seu estado emocional) e, finalmente, o *pensamento operacional* (que se refere à capacidade de coordenar relações através de várias dimensões e de se considerar a si próprio como integrante de uma configuração interpessoal complexa num contexto social) (Blatt & Auerbach, 2000; Campos, 2009).

Blatt sugere que quando os introjectos são fracos ou ausentes o indivíduo terá uma configuração de personalidade caracterizada por dependência, insegurança e um sentimento de desesperança e de vazio; quando os introjectos são rígidos e exigentes, formar-se-á uma configuração de personalidade caracterizada por sentimentos de culpa, desvalorização e autodesprezo (Bornstein, 2003). Assim, as várias formas de psicopatologia nos adultos envolvem diferentes tipos de défices nos esquemas que representam o mundo, défices esses resultantes de disrupções na relação entre a criança e o seu cuidador (Besser & Blatt, 2007; Blatt & Auerbach, 2000).

Os estudos têm demonstrado, em geral, que este modelo se revela útil para prever no indivíduo o risco de psicopatologia, a forma que essa psicopatologia tomará, os factores desencadeantes e os tipos de intervenções mais eficazes (Bornstein, 2003).

1.2. A Teoria da Vinculação

O termo *vinculação*, embora utilizado ocasionalmente por psicanalistas como Freud, tem a sua origem na *Teoria da Vinculação de Bowlby*. O termo em si refere-se a um laço afectivo que uma pessoa desenvolve em relação a outro indivíduo em particular (Ainsworth, 1969), sendo esta vinculação uma

capacidade inata, específica e discriminativa, livre de um carácter imaturo, e acontecendo em todas as idades (Ainsworth, 1969; Cassidy, 1999; Erozkan, 2009; Guisinger & Blatt, 1994). Uma vez formada, a vinculação tende a manter-se. É resistente a distâncias temporais ou espaciais, mesmo sob o impacto de condições adversas (Ainsworth, 1969; Cassidy, 1999). Este carácter de persistência também é partilhado pelo que os psicanalistas designam de “relação objectal” (Ainsworth, 1969), e tal como a teoria das relações de objecto, a teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal de os indivíduos desenvolverem ligações afectivas de proximidade ao longo da existência com o objectivo de se sentirem seguros; uma ligação que lhes permita explorar o mundo em seu redor e assim conhecerem-se e conhecerem o outro (Ma & Huebner, 2008; Matos & Costa, 1996; Schwartz, 1993).

1.2.1. Vinculação às figuras parentais

Tal como nas teorias das relações de objecto, também é geralmente aceite na teoria da vinculação que o primeiro laço estabelecido pelo indivíduo é com a mãe ou um substituto desta figura materna, e que esta é a figura de vinculação privilegiada (Ainsworth, 1969). Bowlby afirma que a vinculação afectiva da criança à imagem materna não se deve a uma libidinização secundária das funções neurofisiológicas de base, mas corresponde a uma verdadeira pulsão primária do mesmo nível que as pulsões de autoconservação (Golse, 1985/2005). Esta pulsão primária – autêntica necessidade de vinculação – vai portanto procurar satisfazer-se no seio da díade mãe-filho pelo investimento das primeiras percepções que constituem para o bebé fontes de prazer (odor e calor da mãe, contacto cutâneo ou visual, entre outros) (Golse, 1985/2005).

Segundo a teoria de Bowlby, ao longo do primeiro ano de vida, o bebé vem a estabelecer uma relação privilegiada com a figura que lhe proporciona cuidados básicos e, desse modo, assegura a sua sobrevivência (Soares, 2007). Ao realizar regularmente este papel, o adulto tenderá a tornar-se para o bebé uma figura de vinculação e, em princípio, tornar-se-á capaz de proporcionar uma experiência de segurança quando o bebé sentir algum

“perigo”, mal-estar ou medo (Riggs & Jacobvitz, 2002; Soares, 2007). Compreende-se então que a relação de vinculação esteja centrada na regulação da segurança, visto que há uma figura – vinculada – que procura protecção, e há uma figura – de vinculação – concebida como sendo mais forte e mais capaz de se confrontar com o mundo, e que proporciona segurança, conforto ou ajuda em caso de tal ser necessário. É no âmbito desta relação assimétrica e complementar que, nos primeiros meses de vida, a proximidade com a figura materna pode ser estabelecida, através de comportamentos de sincronização (como por exemplo chorar, palrar e sorrir) cujo efeito pretendido é trazer essa figura para junto do bebé; ou através de comportamentos de aproximação (como por exemplo agarrar, procurar, seguir) cujo objectivo é conduzir o bebé até à mãe (Cassidy, 1999; Soares, 2007).

Apesar da centralização da teoria na díade mãe-filho, os estudos mais recentes sobre vinculação às figuras parentais alertam que não devemos desprezar a importância que a figura paterna poderá ter nos processos de vinculação. A investigação na última década-e-meia tem vindo a apontar fortemente para a importância em estudar mais a fundo a relação de vinculação com a figura paterna, sendo que os dados até à data têm indicado que esta é independente da relação de vinculação com a figura materna, contribuindo ambas para o desenvolvimento sócio-emocional da criança numa relação complementar (Bretherton, 2010; Brown, Shoppe-Sullivan, Mangerlsdorf, & Neff, 2010; de Minzi, 2010; Ducharme, 2002; George, Cummings & Davies, 2010; Goodsell & Meldrum, 2010; Howes, 1999; McElwain, 2004).

1.2.2. Flexibilidade na vinculação

No final do primeiro ano de vida o bebé tem à sua disposição formas mais variadas e eficazes de obter a proximidade. Os comportamentos mais simples foram-se diferenciando e articulando, integrando-se em sistemas mais sofisticados e complexos, permitindo desse modo ajustamentos progressivos em função dos resultados que vão sendo atingidos e dos objectivos que vão sendo estabelecidos (Blatt & Blass, 1990; Soares, 2007). Assim, ao longo do tempo, o objectivo de proximidade com a figura de vinculação pode manter-se,

sendo atingido através de comportamentos específicos diferentes. Esta flexibilidade nos comportamentos utilizados para atingir o objectivo da vinculação pode ser encarada a dois níveis: por um lado, significa que a criança pode manter uma organização interna estável do sistema de vinculação em relação à figura de vinculação ao longo do tempo e dos diferentes contextos, ainda que os comportamentos específicos envolvidos possam variar (Soares, 2007). Por outro lado, esta possibilidade de usar uma variedade de comportamentos diferentes permite ao bebé responder com flexibilidade às mudanças do ambiente ao mesmo tempo que procura atingir o seu objectivo. O uso flexível de uma variedade de comportamentos de vinculação, dependendo das circunstâncias, permite assim assegurar uma maior eficácia das respostas para atingir os objectivos estabelecidos (Soares, 2007).

Esta variedade de comportamentos passa, ao longo de tempo, por uma espécie de selecção, na qual permanecem os comportamentos mais eficazes. Nos primeiros anos de vida de uma criança, esta demonstra uma enorme quantidade de comportamentos aparentemente aleatórios que têm um papel importante na exploração do ambiente em que esta se situa (Eskedal, 1998; Schwartz, 1993). Apresenta certas capacidades e temperamento, e é através da experiência com pais, fratria, outros membros da família e pares, que a criança aprende a discriminar entre os comportamentos que são recompensados e permitidos e os comportamentos que não o são (Eskedal, 1998; Schwartz, 1993). Este processo torna-se cada vez mais restrito e selectivo, resultando por fim em padrões consistentes de estratégias de *coping* intrapsíquicas, interpessoais e interculturais, padrões esses que formam a sua personalidade (Eskedal, 1998).

1.2.3. Modelos internos dinâmicos

O sistema comportamental da vinculação não envolve apenas comportamentos mas tem, também, componentes cognitivos e emocionais. Durante o primeiro ano de vida, ao longo das interacções com as figuras que lhe prestam cuidados, o bebé vai construindo gradualmente um conjunto de conhecimentos e expectativas, quer sobre a forma como essas figuras actuam

e respondem aos seus pedidos de ajuda e de protecção (em termos da sua acessibilidade e responsividade), quer sobre o *self* em termos do seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros. Bowlby designa estes conhecimentos e expectativas de *modelos internos dinâmicos de vinculação*, construídos a partir das interacções repetidas com as figuras de vinculação e internamente organizados sob a forma de representações generalizadas sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações (Soares, 2007).

Estes modelos internos permitem ao sujeito tomar decisões sobre os seus comportamentos de vinculação face a uma figura em particular, e antecipar o futuro e fazer planos o que, desse modo, lhe permite operar mais eficientemente (Soares, 2007). Os modelos internos também se constituem como guias para a interpretação das experiências e para a orientação dos comportamentos de vinculação – eles vão “colorir” o modo como o sujeito compreende e como se comporta em situações relevantes para a vinculação (Soares, 2007). Neste sentido, em termos operatórios, o sistema de vinculação poderá ser concebido como pondo em marcha um processo de natureza comportamental-cognitivo-emocional (Soares, 2007).

Concebendo o objectivo do sistema de vinculação como forma de obter disponibilidade da figura de vinculação, Bowlby apresenta três proposições: 1) quando se tem confiança na disponibilidade da figura de vinculação há menos tendência para sentir medo crónico ou intenso; 2) a (não)confiança na disponibilidade da figura de vinculação é construída ao longo dos primeiros anos e tende a resistir ao longo da vida; 3) as diferentes expectativas de acessibilidade e responsividade que os indivíduos vão construindo reflectem as suas diferentes experiências (Riggs & Jacobvitz, 2002; Soares, 2007). De forma resumida pode dizer-se que o ênfase na (in)disponibilidade da figura de vinculação está associada à visão da (in)segurança da vinculação – a experiência de segurança acompanha a avaliação da figura de vinculação como disponível, e a ansiedade ou insegurança associam-se à percepção de ameaça a esta disponibilidade (Soares, 2007).

Neste quadro experiencial, as avaliações da disponibilidade da figura de vinculação são influenciadas quer pelo modo como as experiências passadas

são processadas, quer pelo modo como as experiências actuais são avaliadas (Soares, 2007). Vários autores sugerem que, com a idade, estas funções da vinculação vão sendo progressivamente transferidas dos pais para os pares. Isto é, se na infância as figuras de vinculação mais significativas tendem a ser os adultos (designadamente os pais), na idade adulta são geralmente os pares (frequentemente um companheiro amoroso) que preenchem as necessidades de vinculação do sujeito (Allen & Land, 1999; Erozkan, 2009; Ma & Huebner, 2008; Matos & Costa, 1996). No adulto, os modelos desenvolvidos na história das interacções com as figuras de vinculação ao longo da vida, constituem importantes grelhas de leitura e construção da realidade, sendo utilizados para prever a disponibilidade e a responsividade do outro e orientar o sujeito para as relações de proximidade (Blatt & Homann, 1992; Cassidy, 1999; Matos & Costa, 1996; Schwartz, 1993).

Através deste modelo explicativo, segue-se em lógica que a composição da família será geralmente a base de aprendizagem de atitudes e relações patogénicas, e a ausência de adultos que sirvam de modelos significativos dentro da família ou uma identificação com pais ou outras figuras de autoridade com desvios comportamentais serão factores que frequentemente privam as crianças da oportunidade de adquirir padrões de comportamento complexos que são necessários na vida adulta (Eskedal, 1998). Mais uma vez, esta explicação do desenvolvimento da psicopatologia também é, ela própria, semelhante à descrita na teoria das relações de objecto quando utiliza a noção de modelos funcionais internos.

1.3. Vinculação ou Relação Objectal?

Ao encontrar as semelhanças referidas entre estas duas teorias, teremos necessariamente de colocar a questão: qual das duas teorias será a mais indicada para compreender as relações precoces com as figuras parentais e subsequentes efeitos destas na formação dos traços de personalidade (“normais” e patológicos)? Tanto a teoria das relações de objecto como a teoria da vinculação colocam ênfase na importância das interacções sociais no desenvolvimento da personalidade (Ainsworth, 1969;

Blatt, Auerbach & Levy, 1997; Diamond, 2004; Goodman, 2004; Wolitzky, 2006), e embora sejam conceitos que (pelo menos aparentemente) se sobrepõem, foram desenvolvidos segundo tradições teóricas diferentes que se focalizaram desde o início em diferentes problemas terapêuticos e em diferentes contextos (Ainsworth, 1969).

O principal ponto de sobreposição é a preocupação com as origens e o desenvolvimento das primeiras relações interpessoais da criança com a figura materna (Ainsworth, 1969) visto que, tal como Bowlby, Freud definiu a situação de perigo prototípica como a da perda da mãe e do seu amor, afirmando que a ansiedade nas crianças não é mais, na sua origem, do que uma expressão do facto de estarem a sentir a perda da pessoa que amam (Diamond, 2004). Por outro lado, a ideia de que as *representações de objecto* fornecem uma organização e uma direcção para as manifestações do comportamento – bem como as relações interpessoais, funções perceptivas e cognitivas, e concepções do sujeito em relação a si próprio e ao outro – aproxima bastante a noção de *representação objectal* à ideia dos *modelos internos dinâmicos* da teoria de vinculação, que consiste em representações mentais de um aspecto do mundo, dos outros, do *self*, ou de relações com outros de relevância especial para o indivíduo (Blatt, Auerbach & Levy, 1997; Goodman, 2004). Em ambas as teorias, estas representações mentais orientam a organização da informação no que toca a experiências relacionadas com a vinculação, com sentimentos e ideações e com avaliações da experiência, e podem afectar a linguagem e o pensamento tanto como o comportamento não-verbal (Goodman, 2004). Ambas as teorias, de uma forma ou outra, conceptualizam representações mentais como esquemas cognitivo-afectivos que proporcionam informação carregada de afectos para com os objectos, o *self*, e para com a relação entre estes através de uma internalização gradual de memórias episódicas (Goodman, 2004).

É com base nestas semelhanças que alguns teóricos sugerem que os modelos funcionais de vinculação e de representação de objecto se sobrepõem devido ao facto de ambos serem formas de conceptualizar os esquemas cognitivo-afectivos internalizados, que formam a base do mundo intrapsíquico,

que por sua vez molda as relações interpessoais (Blatt, Auerbach & Levy, 1997; Diamond, 2004; Goodman, 2004). Parece então que *representação objectal* e *modelos internos dinâmicos* são conceitos que, se não iguais, são pelo menos semelhantes (Goodman, 2004).

De facto, os resultados do estudo realizado por Goodman (2004), sugerem que estes dois constructos teóricos estão realmente relacionados, embora não sejam conceptualmente idênticos, e portanto propõe-se que a tendência para convergir estas tradições teóricas é uma promissora via para a compreensão do desenvolvimento das primeiras relações sociais e, portanto, do desenvolvimento da personalidade (Ainsworth, 1969). Neste estudo consideramos favorável uma integração das duas teorias na compreensão dos factores em estudo.

2. Mecanismos de defesa

Neste capítulo abordaremos a temática dos mecanismos de defesa, definindo o seu conceito, os diferentes tipos de mecanismo de defesa e o seu desenvolvimento, e por último iremos referir o modelo estabelecido por Ihilevich e Gleser (1986).

2.1. O conceito de mecanismo de defesa

O conceito de mecanismo de defesa terá sido uma das maiores contribuições dadas por Freud para a compreensão do funcionamento humano. A Teoria Psicanalítica dita que o Ego se encontra numa tentativa constante de satisfazer as existências impulsivas do Id, mantendo-se dentro dos limites da realidade e respeitando as restrições morais do Superego (T. Millon et al., 2004). Tal implica que o indivíduo esteja sempre vulnerável a um sentimento de ansiedade e é por isso que o Ego necessita de defesas (T. Millon et. al, 2004). Segundo Freud, os mecanismos de defesa seriam todas as técnicas das quais o Ego se socorre quando ocorressem conflitos que poderiam levar ao surgimento de uma neurose (Ihilevich & Gleser, 1986). Estes mecanismos operariam a um nível inconsciente ao qual o indivíduo não teria acesso – pois as ameaças seriam demasiado dolorosas para enfrentar conscientemente – sendo observáveis de forma indirecta apenas através de impulsos patogénicos ou pela presença de comportamentos incongruentes, emoções exageradas ou lapsos de memória selectivos (Ihilevich & Gleser, 1986).

Hoje em dia, os mecanismos de defesa podem ser definidos como os processos psicológicos automáticos que protegem o indivíduo da ansiedade e da percepção interna ou externa de perigos ou stressores, e que podem ser estabelecidos num contínuo de maturidade do Ego (Ihilevich & Gleser, 1986; Yu, Chamorro-Premuzic & Honjo, 2008). Podem também ser definidos como uma disponibilidade específica para respostas relativamente estáveis que falsificam a realidade sempre que os recursos ou motivação do indivíduo são insuficientes para resolver conflitos internos ou ameaças externas ao bem-estar (Ihilevich & Gleser, 1986). Têm como função, no fundo, a manutenção da

homeostasia emocional, sendo fortes preditores do bem-estar e da saúde mental dos indivíduos, regulando dissonâncias cognitivas e minimizando mudanças internas e externas súbitas, bem como influenciando a forma como os eventos são percebidos (Vailant & McCullough, 1998; Yu et. al., 2008).

Os mecanismos de defesa gerem conflitos e afectos, de forma inconsciente e independente, são reversíveis e podem ser adaptativos ou patológicos (T. Millon et al., 2004; Vailant & McCullough, 1998). Alguns investigadores sugerem que, além de aumentar a auto-estima e reduzir a ansiedade, as defesas do indivíduo também mantêm os afectos dentro de limites suportáveis, adiam ou rediregem impulsos biológicos, integram mudanças no autoconceito e gerem conflitos não resolvidos com os outros (Ihilevich & Gleser, 1986).

2.2. Os diferentes tipos de mecanismos de defesa

É de alguma forma difícil medir objectivamente os tipos de mecanismos de defesa. Desde a concepção inicial de Freud (onde se incluía a Repressão, a Regressão, o *Turning Against Self*, a Formação Reactiva, a Anulação, a Introjecção, a Projecção, o Isolamento e o *Reversal*) foram propostos novos tipos de mecanismos de defesa e os investigadores psicodinâmicos têm conceptualizado os estilos de defesa de várias formas, levando a que existam mais de quarenta padrões de resposta diferentes (Ihilevich & Gleser, 1986).

Num esquema geral, quanto aos tipos de mecanismo de defesa, podem considerar-se: o *Acting Out* (isto é, conflitos que são traduzidos em acções com pouca ou nenhuma reflexão), a *Negação* (a recusa em admitir uma realidade externa ou interna dolorosa), a *Desvalorização* (a atribuição de qualidades irrealisticamente negativas ao próprio ou aos outros como forma de punir o próprio ou reduzir o impacto do objecto desvalorizado), a *Deslocação* (conflitos que são deslocados de um objecto ameaçador para um menos ameaçador), a *Dissociação* (na qual existe uma ruptura na integração da consciência, memória ou percepção do mundo interno ou externo), a *Fantasia* (o evitamento do conflito ao criar situações imaginárias que satisfazem impulsos ou desejos), a *Idealização* (a atribuição de qualidades irrealisticamente positivas ao próprio

ou ao outro), o *Isolamento do Afecto* (a diluição do conflito ao separar ideias de afecto, mantendo assim uma consciência intelectual ou aspectos factuais mas perdendo o contacto com emoções ameaçadoras), a *Omnipotência* (na qual é criada uma imagem do próprio incrivelmente poderosa, inteligente ou superior de forma a superar eventos ou sentimentos ameaçadores), a *Projectão* (na qual emoções ou características pessoais são retiradas ao indivíduo e colocadas nos outros), a *Identificação Projectiva* (sentimentos ou reacções desagradáveis não só são projectadas nos outros, como são também mantidas na consciência e vistas como reacções ao comportamento do recipiente), a *Racionalização* (na qual é construída uma explicação do comportamento após a sua ocorrência de forma a justificar as acções do indivíduo), a *Reacção Formativa* (na qual pensamentos ou impulsos inaceitáveis são contidos ao adoptar a posição que expressa a noção do directo oposto), a *Repressão* (quando pensamentos e desejos proibidos são escondidos do consciente), a *Clivagem* (atributos opostos num só objecto são separados em posições deliberadamente não integradas, resultando em ciclos de idealização e desvalorização à medida que cada extremo é projectado no próprio e nos outros), a *Sublimação* (emoções inaceitáveis são difundidas ao serem canalizadas para comportamentos socialmente aceitáveis), e a *Anulação* (a tentativa de livrar o próprio de um sentimento de culpa ou mal estar através de comportamentos que compensam os outros de forma factual ou simbólica), entre outros (T. Millon et al., 2004).

Existem alguns autores que argumentam que, devido a esta enorme variedade de mecanismos de defesa, é necessário um sistema de classificação baseado em formas mais simples que contenham a maioria destas defesas. Para tal, poder-se-ão recorrer aos critérios da complexidade da defesa em si, do seu nível de vigilância, ou do nível em que esta é ou não adaptativa. Cada uma destas abordagens tem os seus problemas, visto que implicariam o agrupamento de defesas que estão associadas a diferentes tipos de psicopatologia, que requerem diferentes tipos de intervenção terapêutica, e que estão associadas a diferentes tipos de respostas (emocionais, comportamentais e cognitivas) perante a ameaça (Ihilevich & Gleser, 1986).

Apesar desta falta de consenso sobre o número de mecanismos de defesa, sobre como os classificar, e sobre quais os atributos de cada um, os resultados de várias investigações confirmam que, independentemente da sua derivação teórica, o estilo de defesa é um preditor importante de dimensões da personalidade e do ajustamento do indivíduo (Bornstein, 2006).

2.3. Os mecanismos de defesa ao longo do desenvolvimento

De acordo com a teoria psicanalítica, os protótipos biológicos das defesas psicológicas operam desde a infância. Assim que estas formas de protecção se desenvolvem em defesas psicológicas, passam a exercer uma influência poderosa na forma como o indivíduo experiencia a realidade (Ihilevich & Gleser, 1986). À medida que ocorre o desenvolvimento da infância para a adolescência e desta para a adultícia, os sujeitos desenvolvem gradualmente um estilo de defesa estável – uma forma característica de lidar com a ansiedade e com ameaças externas – que evolui de um padrão de defesa mais imaturo para – idealmente – um mais maduro (Bornstein, 2006).

Uma das questões mais importantes a responder será então quando é que um mecanismo de defesa é desadaptativo. O seu uso considera-se, geralmente, patológico através da sua frequência e do nível de distorção da realidade que provoca (Ihilevich & Gleser, 1986). No desenvolvimento dito “normal”, o sujeito é capaz de fazer uma síntese integrativa de mecanismos defensivos evoluídos dos vários tipos (evitantes e neutralizantes). É quando este desenvolvimento é perturbado que pode surgir um desequilíbrio no estilo defensivo do indivíduo. (Blatt, 1990,1991, 1992, 1995; Campos, 2006).

2.4. O Modelo de Ihilevich e Gleser

Apresentaremos agora em detalhe o modelo de Ihilevich e Gleser (1986), dado que o presente estudo utilizará como modelo de mecanismos de defesa o instrumento desenvolvido por estes autores.

2.4.1. Desenvolvimento do modelo

Ao longo das décadas, vários autores classificaram os mecanismos de defesa segundo a sua “vigilância”, “complexidade” e “nível de adaptação” (Ihilevich & Gleser, 1986). Na década de 1960, Haan (1963) e Kroeber (1963) criaram um modelo que caracterizava os mecanismos de defesa como necessariamente rígidos, dominados pelo passado do indivíduo e deturpadores da realidade, em oposição à sua definição de *coping*. Segundo este modelo, os mecanismos de defesa eram desadaptativos e parte integral da psicopatologia. Já Vaillant (1971), uma década mais tarde, aceitava a existência de mecanismos de defesa adaptativos, criando 4 categorias para arrumar os vários tipos de mecanismos de defesa – defesas maduras (como o Humor e o Altruísmo), defesas imaturas (como a Projecção), defesas neuróticas (como a Intelectualização, por exemplo) e defesas psicóticas (Negação, Delírios, entre outras). Esta classificação das defesas mostrou-se, no entanto, inconsistente com a maioria dos estudos empíricos que demonstram que indivíduos em níveis de adaptação diferentes usam a maioria das defesas clássicas, embora as usem com diferentes graus de distorção da realidade (Ihilevich & Gleser, 1986).

Ihilevich e Gleser (1986), inspirados pelos trabalhos destes autores bem como os de Lazarus, French, Menninger, Caplan e Horowitz, decidiram tomar uma perspectiva diferente, propondo que aquilo que torna o mecanismo de defesa adaptativo ou desadaptativo é a sua flexibilidade e o nível em que é apropriado ao contexto. Esta perspectiva começou por ser explorada por Anna Freud (1965) que enfatizou que os mecanismos de defesa associados a um funcionamento desadaptativo em casos patológicos, estavam presentes de forma adaptativa noutros indivíduos – o problema não seria o mecanismo de defesa em si, mas a sua inflexibilidade (Ihilevich & Gleser, 1986).

Segundo esta perspectiva, o que precipita a defesa são as emoções negativas (medo, culpa ou qualquer outra emoção que ameace o Ego), e a maioria das defesas associadas com o funcionamento normal envolvem a modificação, distorção ou elaboração de pensamentos e sentimentos (Juni, 1999) ao retirá-los da consciência (Repressão, por exemplo), atacando outros

objectos substitutos dos objectos de ameaça reais (como na Deslocação), ou criando a ilusão de que as ameaças internas têm uma origem externa (Projecção, por exemplo). No fundo, é criada a ilusão de controlo sobre as ameaças percebidas, de forma a resolver conflitos internos numa situação que seria intolerável se trazida à consciência (Ihilevich & Gleser, 1986). Significa isto que até mesmo algum grau de distorção da realidade pode ser benéfico (Ihilevich & Gleser, 1986).

2.4.2. Categorização dos mecanismos de defesa

Os mecanismos de defesa são vistos por estes autores como reacções automáticas involuntárias perante conflitos e ameaças que são activadas quando o *coping* ou estratégias de resolução de problemas não são eficazes (Ihilevich & Gleser, 1986). São disposições relativamente estáveis e inconscientes dirigidas para a resolução de conflitos entre valores internos do indivíduo e experiências ou exigências externas experienciadas como sendo opostas às internas (Ihilevich & Gleser, 1994). Nesta linha, Ihilevich e Gleser (1986) definem cinco estilos de resposta defensiva – *Turning Against Object*, *Projection*, *Principalization*, *Turning Against Self*, *Reversal* – cada um caracterizado por um conjunto específico de operações mentais, respostas emocionais e reacções comportamentais, e podem englobar a maioria dos mecanismos de defesa clássicos mencionados na teoria psicanalítica, correspondendo a certos tipos de psicopatologia e estando associados a vários factores demográficos, biológicos e de personalidade. Estes cinco estilos de resposta defensiva cumprem funções de falsificação de realidade; ilusão de controlo da ameaça; redução, redirecção ou regulação da ansiedade e de aumento da auto-estima (Ihilevich & Gleser, 1986). Vejamos mais em pormenor os cinco estilos de defesa:

Turning Against Object – esta categoria envolve a expressão directa ou indirecta de agressão, com o propósito de obter um domínio percebido de ameaças externas ou de mascarar conflitos internos que são demasiado dolorosos para confrontar de forma consciente (Ihilevich & Gleser, 1986). O indivíduo ataca perante o perigo percebido, diminuindo a ansiedade ao

transformar a experiência de se sentir ameaçado numa experiência de agente ameaçador – uma ilusão de poder e força que aumenta o bem-estar do indivíduo (Ihilevich & Gleser, 1994). Dentro desta categoria, podemos encontrar as defesas clássicas de *deslocamento* e de *identificação com o agressor* (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994).

Projection – esta categoria envolve a atribuição de intenções ou características negativas a um outro sem evidência real que o suporte, activando respostas defensivas a uma ameaça ou conflito percebidos que justifiquem a expressão de hostilidade ou rejeição (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994). Estas falsas atribuições podem ter base nas próprias características negativas do indivíduo que este, de forma inconsciente, nega; Podem também ter o propósito de aumentar a auto-estima do indivíduo ao rejeitar estas características no próprio, inferiorizando o outro em comparação, ao atribuí-las a este. Poderá ser também que ao rejeitar ou atacar os outros que, presumivelmente, terão essas características, isso dê ao indivíduo a sensação de controlo sobre esses atributos. Poderá também ter o propósito de redirigir a ansiedade amorfa para uma ameaça externa concreta, o que pode promover um funcionamento mais adaptativo (Ihilevich & Gleser, 1986). Este tipo de defesa representa a maioria das formas de *projecção* e de *externalização* (Ihilevich & Gleser, 1986).

Principalization – este processo falsifica a realidade ao reinterpretá-la através do uso de uma variedade de princípios gerais, expressos na forma de clichés e lugares-comuns de forma a obscurecer o conflito interno ou a ameaça externa percebida, e substituindo uma compreensão genuína por uma “verdade vazia” sobre a qual o indivíduo exerce um controlo intelectual (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994). Ao invocar estes princípios, o indivíduo desloca a sua atenção de assuntos específicos para assuntos abstractos, modificando assim a importância pessoal das ameaças percebidas (Ihilevich & Gleser, 1986). Incluem-se aqui defesas clássicas como a *intelectualização*, *racionalização* e o *isolamento do afecto* (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994).

Turning Against Self – esta categoria inclui manobras intrapunitivas que são exercidas de forma a falsificar a realidade com o propósito de reduzir as

ameaças à auto-estima percebidas pelo indivíduo (Ihilevich & Gleser, 1986). Quando confrontado com ameaças ou conflitos, o indivíduo dirige crítica excessiva, raiva ou hostilidade não justificada para o *self*, criando assim um “colchão” que atenua o impacto dos acontecimentos negativos (e, portanto, da ansiedade), ao esperar sempre o pior possível de uma dada situação (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994). Estas defesas são frequentemente expressas em formas exageradas e persistentes de autocríticas, expectativas negativas e afecto depressivo (Ihilevich & Gleser, 1986), e impilcam respostas pessimistas, masoquistas e autodestrutivas (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994).

Reversal – nesta categoria existe uma redução do conflito interno ou de ameaças externas percebidas ao se minimizar a sua importância ou ao eliminá-las da consciência (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994), criando um controlo ilusório sobre uma realidade desagradável, atenuando a ansiedade e aumentando o sentimento de bem-estar (Ihilevich & Gleser, 1994). Incluem-se aqui defesas como a *negação*, a *repressão* e a *formação reactiva* (Ihilevich & Gleser, 1986; 1994).

3. Traços de personalidade e perturbações de personalidade

A história da caracterização formal da personalidade iniciou-se na Grécia antiga. O primeiro sistema explicativo das dimensões da personalidade foi a doutrina dos humores corporais, explicitada por Hipócrates que concluiu que todas as doenças derivavam de um excesso ou desequilíbrio entre os quatro humores: bílis negra, bílis amarela, sangue e fluema – a estes corresponderiam quatro temperamentos básicos, respectivamente: melancólico, colérico, sanguíneo e fleumático (Rodrigues & Gonçalves, 2009). Estas concepções estão claramente datadas e foram empiricamente repudiadas. Foram os tratados de psiquiatria descritiva, imediatamente anteriores à viragem do séc. XX, que avançaram o estudo da personalidade patológica ao proporem as primeiras classificações psiquiátricas com descrições minuciosas das personalidades patológicas. A nosologia psiquiátrica que acabou por se impor foi a de Emil Kraepelin que sistematizou o seu pensamento sobre perturbações da personalidade na 8ª edição do seu Tratado em 1913, sendo que a classificação europeia mais conhecida das perturbações da personalidade foi posteriormente proposta por Kurt Schneider (Rodrigues & Gonçalves, 2009).

Embora o estudo das perturbações de personalidade tenha uma história e uma origem únicas, duas fontes tiveram uma influência particularmente forte nas conceptualizações da patologia da personalidade no final do séc. XIX / início do séc. XX (Bornstein, 2006). Em primeiro lugar, as descrições clínicas dos comportamentos característicos de vários estilos de personalidade disfuncionais e as inter-relações de diferentes síndromas baseados na personalidade. Esta abordagem conceptualizou, de modo geral, a patologia da personalidade em termos de traços básicos subjacentes e que se combinam de modo a formar padrões de comportamento interpessoal disfuncional fáceis de reconhecer (Bornstein, 2006). Em segundo lugar, a Teoria Psicanalítica que se focalizou na dinâmica interna dos estilos de personalidade problemáticos – Freud articulou em detalhe a sua hipótese de que disfunções nas experiências de infância poderiam conduzir a uma fixação em relação a preocupações e conflitos característicos de uma fase de desenvolvimento em particular,

levando à formação de um *carácter-tipo* mais tarde na vida do sujeito, representante de uma expressão indirecta destes conflitos (Bornstein, 2006).

As mais conhecidas e talvez as mais completas conceptualizações acerca das perturbações da personalidade são provenientes das teorias psicanalíticas (Rodrigues & Gonçalves, 2009). Estas são de certa forma completadas pelos teóricos psicodinâmicos que deram realce à importância das experiências infantis precoces, na medida em que são estas experiências que predispõem o indivíduo a padrões duradouros de adaptação patológica (Rodrigues & Gonçalves, 2009). Em teoria, os acontecimentos precoces determinam sistemas defensivos enraizados de forma profunda, que conduzem o indivíduo a reagir a novas situações como se estas reflectissem o que ocorreu na infância (Rodrigues & Gonçalves, 2009). Estes estilos defensivos antecipatórios persistem durante toda a vida e resultam em desadaptações progressivas; isto é, perturbações da personalidade. Os padrões de comportamento subsequentes não são, portanto, mera função de influências casuais, mas derivam directamente de causas antecedentes constituídas por experiências de vida consistentemente disfuncionais. Na sua maior parte, estas causas permanecem fora da consciência e são mantidas inconscientes dada a sua potencialidade conflituosa – memórias e impulsos conflituosos e sua natureza primitiva – pelo qual o conceito de conflito intrapsíquico é central do ponto de vista analítico (Rodrigues & Gonçalves, 2009).

As perturbações de personalidade são estáveis e duradouras, reflectindo um padrão persistente de uma personalidade disfuncional ao longo da vida, e podem ser detectadas logo desde a adolescência ou no início da vida adulta (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Sanislow et. al., 2009; Trull & Widiger, 2003). Os dados indicam que os indivíduos com perturbações de personalidade constituem a maior parte dos sujeitos da população psiquiátrica (Montgomery, Lloyd, & Holmes, 2000; Thormählen, Vinnars, Nore'n & Barber, 2009; Trull & Widiger, 2003) e são frequentemente vítimas de ansiedade e sofrimento psicológico, levando a problemas recorrentes a nível médico, social e psiquiátrico (Magnavita, 2004; Montgomery, et al., 2000; Samuels et. al, 2002; Trull & Widiger, 2003). Mais, a prevalência de dependência de

substâncias, perturbações alimentares, fobias, problemas psicosexuais e tentativas de suicídio são, dependendo dos estudos, de 4 a 8 vezes mais comuns em indivíduos com este tipo de perturbação, relativamente aos restantes sujeitos da comunidade (Magnavita, 2004; Motgomery, et al., 2000; Trull & Widiger, 2003).

3.1. A noção de padrão ou estilo de personalidade

Hoje em dia, na tentativa da compreensão da personalidade humana, a perspectiva dos padrões de personalidade é talvez a mais antiga e amplamente aceite das abordagens (Costa & McCrae, 2006). Um estilo de personalidade é definido como um padrão de percepção, relacionamento, pensamento e comportamento duradouro, que é expresso ao longo do tempo e em contextos diferentes (Costa & McCrae, 2006; Jordan, 2004; T. Millon et al., 2004). O conjunto de traços de personalidade compõe a personalidade, podendo considerar-se a personalidade (normal ou patológica) como um padrão intrínseco e duradouro que engloba toda a matriz da pessoa e que está activo, funcional ou disfuncionalmente, no meio em que o indivíduo está inserido (Millon & Grossman, 2006).

3.2 . Padrões disfuncionais da personalidade

Embora muitas formas de psicopatologia estejam correlacionadas com a personalidade, as perturbações de personalidade são, por definição, conceptualizadas como dependendo de traços de personalidade disfuncionais (Hopwood et. al, 2009; Jordan, 2004; Williams & Gunn, 2006). O próprio Freud admitia três semelhanças entre traços de personalidade e doenças mentais: ambos tinham origem em experiências da infância, ambos eram manifestações de forças inconscientes (psicodinâmicas), e ambos eram motivados pela ansiedade ou redução de tensão (Reiss, 2008). A lista de critérios para cada perturbação de personalidade inclui sete, oito ou nove itens, cada um dos quais implica algum tipo de traço, atitude ou comportamento característico, fortemente ligado a essa perturbação em particular (T. Millon et al., 2004). Quando vários desses traços ocorrem em conjunto pode-se dizer que

constituem uma perturbação da personalidade (T. Millon et al., 2004). Mas qualquer concepção de personalidade precisa de distinguir traços patológicos dos traços ditos “normais”, bem como de outras perturbações mentais. Uma das formas possíveis de conceptualizar as perturbações da personalidade, será como um conjunto de traços presentes em estilos normais da personalidade só que levados a um extremo; ou como resultantes de disfunções associadas a perfis específicos de personalidade (Rossier, Rigozzi & Personality Across Culture Research Group, 2008). Sinteticamente, é quando os traços de personalidade são inflexíveis e desadaptativos – consoante as expectativas da cultura em que o indivíduo está inserido – que estes causam um défice funcional ou ansiedade (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Jordan, 2004; Trull & Widiger, 2003).

Theodore Millon (1994) enquadra os padrões disfuncionais da personalidade em quatro categorias definidas por características fundamentais gerais: a) *dificuldade em experienciar prazer*, que inclui os padrões Evitante e Esquizóide; b) *desajustamento do ponto de vista interpessoal*, que inclui os padrões Histriónico, Dependente, Narcísico e Anti-Social da personalidade; c) *que experienciam conflito intrapsíquico*, que inclui os padrões Sádico ou Agressivo, Compulsivo, Negativista e Masoquista ou Autodestrutivo; d) e *com défice estrutural*, que inclui os padrões Esquizotípico, Borderline e Paranóide (Millon & Davis, 1996).

Os indivíduos com um padrão Esquizóide mostram-se pouco expressivos e com pouca vitalidade emocional e caracterizam-se pela sua letargia, embotamento e pouca actividade, concentrando-se em práticas solitárias e por centros de interesse abstractos (Debray & Nolle, 2001/2004; Millon, 1994). Não parecem ter interesse na interacção com os outros preferindo situar-se na periferia das relações sociais, manifestando-se como sujeitos solitários, frios, distantes e absorvidos em si próprios sem que isto pareça causar-lhes incómodo (Debray & Nolle, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009; Millon, 1994). À distância que mantêm do verdadeiro contacto humano e à sua incapacidade para perceber ou para ter em conta os sentimentos dos outros junta-se o seu humor regular, plano e monótono, num

reduzido registo emocional (Debray & Nolle, 2001/2004). Os padrões Esquizotípico, Paranóide e Evitante estão associados a este padrão, partilhando algumas características (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

O padrão Evitante ou Ansioso da personalidade caracteriza os indivíduos que, como os que possuem o padrão Esquizóide, evitam as relações com os outros. No entanto, o evitante afasta-se do outro não por falta de interesse mas por medo de críticas, desaprovação, rejeição ou de ser ridicularizado (Debray & Nolle, 2001/2004). Consequentemente, expressa pouco à vontade e está em constante hesitação na interação com os outros. Aliás, a hesitação e inibição marcam cada aspecto da sua vida quotidiana, mostrando-se inibidos, acanhados e suprimindo os seus sentimentos, isto porque não participam nas relações sociais sem a certeza de serem apreciados (Debray & Nolle, 2001/2004). Estão convictos de que são inferiores e de menor valor e portanto exageram na sua ansiedade perante eventos inócuos atribuindo-lhes o significado de estar a ser ridicularizados e criticados, desconfiando sistematicamente do outro que é percebido como superior e inacessível, ou como cheios de comiseração ou compaixão (e por isso humilhantes) (Debray & Nolle, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009; Millon, 1994). Este padrão encontra-se frequentemente associado à personalidade Esquizóide (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

O padrão Dependente reporta-se a indivíduos que se expressam como indefesos e com falta de assertividade, procurando o cuidado dos outros numa dinâmica em que se subjugam por sua própria vontade por medo de serem abandonados e de terem de cuidar de si próprios (Millon, 1994). Sofrem de uma “docilidade patológica” que implica uma incapacidade para tomar decisões na vida diária, a necessidade de transferir para os outros responsabilidades básicas da sua própria vida, o medo de discordar dos outros e consequentemente perder o seu apoio, e o medo da solidão e de ficarem entregues a si próprios e portanto a vontade de fazer o que for necessário para evitar que tal aconteça, procurando relações de apoio de substituição assim que suceda uma ruptura (Debray & Nolle, 2001/2004). Este padrão tem uma

relação com os padrões de personalidade Evitante, Borderline, Esquizotípica e Compulsiva (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

Indivíduos que possuam aquilo a que se chama padrão Histriónico da Personalidade expressam-se com dramatismo, sendo impulsivos e altamente emocionais. Procuram a reafirmação do outro, recorrendo, se para tal necessário, à manipulação devido à sua exigência e ao desejo extremo de serem o centro das atenções (Millon, 1994). São dependentes activos que procuram de forma activa a atenção e o auxílio dos outros. A sedução através de engodos de carácter sexual é a estratégia principal na sua missão para obter atenção, e conseqüentemente, vivem num jogo de ilusões de relações interpessoais fortemente sexualizadas (Debray & Nollet, 2001/2004). Este padrão demonstra também uma associação frequente com os padrões de personalidade Borderline, Narcísica, Anti-Social e Dependente (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

O indivíduo com um padrão Narcísico é caracterizado por uma atitude arrogante e falta de empatia para aqueles que considera inferiores a si próprio, sentindo-se no direito de manipular e explorar os outros, tomando-os como garantidos e usando-os para ampliar o seu *self* e satisfazer os seus desejos (Millon, 1994). Exibe também grandiosidade, necessidade constante de ser admirado, intolerância à crítica e a certeza de ser merecedor de um estatuto privilegiado (Debray & Nollet, 2001/2004). Este padrão demonstra uma associação com os padrões Borderline e Histriónico (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

O indivíduo Anti-Social mostra-se como sendo de pouca confiança nas suas relações – é irresponsivo a obrigações pessoais, passando por cima dos outros sem preocupação por condutas e normas sociais (Millon, 1994). Não é por acaso que este padrão de personalidade também é designado de Padrão Psicopático da Personalidade. Ao anti-social agrada-lhe a ideia de ser imune às restrições sociais, o que lhe dá a sensação de liberdade e de não estar preso a pessoas, lugares, obrigações ou rotinas (Debray & Nollet, 2001/2004; Millon, 1994). Tem como principais características uma facilidade em agir independentemente do domínio da acção, e o agir sem pensar (passagem ao

acto). Tem também uma obsessão em afirmar-se de forma solitária e temerária, e sente desprezo por emoções ternas (consideradas como fraqueza), pela introspecção e pelo outro (Debray & Nolle, 2001/2004).

O padrão Agressivo da personalidade está presente em indivíduos que reagem de forma abrupta e inesperada. São extremamente reactivos e sentem atracção pelo risco e pelos danos que podem causar sem serem detidos pelos castigos e consequências dos seus actos (Millon, 1994). Sentem prazer no acto de serem intimidatórios, coercivos e ao humilhar os outros, expressando regularmente o seu desdém por estes (Millon, 1994).

O indivíduo com um padrão Compulsivo da personalidade é extremamente disciplinado e organizado, demonstrando perfeccionismo e aderência às convenções e normas sociais, chegando até a ser demasiado zeloso em questões de moralidade, ética, regras formais e boa-educação (Debray & Nolle, 2001/2004; Millon, 1994). Esta personalidade organiza-se em redor do perfeccionismo e do desejo de atingir a total perfeição aos olhos dos outros e do próprio, agarrando-se a pormenores e tarefas que são, a maior parte das vezes, irrelevantes (Debray & Nolle, 2001/2004).

O Negativista ou Passivo-Agressivo é marcado pelo comportamento de oposição que, apesar de silencioso, marca todos os aspectos da sua vida (Debray & Nolle, 2001/2004). Toma papéis conflituosos nas relações sociais, passando de dependente e submisso a assertivo, hostil e independente consoante a situação e se é ou não confrontado com as suas falhas. É intolerante para com os outros e resiste a corresponder às expectativas que estes poderão ter dele próprio. Costuma ser desconfiado, cínico, pessimista e descrente para com eventos positivos (Millon, 1994). A verdade é que o negativista é um verdadeiro misantropo, vê-se a si próprio como incompreendido, azarado e pouco apreciado pelos outros, reconhecendo-se como amargurado e desiludido com a vida (Debray & Nolle, 2001/2004; Millon, 1994). Consequentemente, estes indivíduos são vistos pelos outros como frios, egoístas, invejosos, desdenhosos, rabugentos, irritáveis, resmungões, e até mesmo perversos e maldosos, obtendo um prazer sádico quando algo corre

mal como que em confirmação do seu pessimismo (Debray & Nolle, 2001/2004; Millon, 1994).

O padrão Autodestrutivo reporta-se ao indivíduo que não se dá a experiências que proporcionem prazer e que evita exhibir sinais de estar a disfrutar da vida, colocando-se numa posição de inferioridade e de abjecção (Millon, 1994). Afasta-se dos que o poderão apoiar relacionando-se com o outro através de auto-sacrifício e serviliência, acabando por permitir e até encorajar os outros a maltratarem-no e a explorarem-no. Incentiva a condena por parte dos outros, aceitando críticas injustas e culpa não merecida (Millon, 1994).

À semelhança do indivíduo Esquízóide, o indivíduo Esquízotípico prefere a privacidade e o isolamento, mas distingue-se pela sua marcada estranheza. É disfuncional na sua capacidade de se relacionar empaticamente com os outros, que o vêem como excêntrico e estranho devido aos seus comportamentos aberrantes causados pela sua tendência para a fantasia, dissociação, despersonalização e desrealização (Millon, 1994). Por sua vez, o contacto com os outros fá-lo duvidar da realidade habitual, levando-o a desenvolver crenças sobrenaturais. Apesar de ele próprio sentir que é estranho, não procura disfarçar a sua estranheza pois não chega a saber de que é feita a normalidade. É solitário e distante, a sua lógica mental e a sua linguagem são complexas e pouco habituais, e a sua afectividade é inapropriada e reservada (Debray & Nolle, 2001/2004). Este padrão está associado aos padrões Evitante, Esquízóide, Paranóide e Borderline, com os quais partilha algumas características (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

O padrão Borderline implica indivíduos com impulsos imprevisíveis e súbitos, bem como mudanças abruptas de humor e de afectos (Millon, 1994). A intensidade e a instabilidade das reacções emocionais, a impulsividade dos comportamentos agressivos ou toxicómanos, a imprecisão no sentimento de identidade de si e uma sensação quase permanente de um vazio interior, de tédio ou de raiva, fazem com que o seu equilíbrio emocional esteja em constante risco e que inflija danos físicos a si próprio (Debray & Nolle, 2001/2004; Millon, 1994). Apesar de necessitar de afecto e atenção tem

comportamentos contrários, mostrando-se manipulativo e volátil, o que proporciona rejeição em vez de apoio. O borderline tem um medo absoluto do abandono, reagindo perante a percepção deste de forma agressiva e autodestrutiva (Millon, 1994). De facto, as suas relações são sempre precárias, instáveis e potencialmente conflituosas, intercalando entre a intensa admiração de uma personagem eleita ou amada e a sua total rejeição e desprezo (Debray & Nollet, 2001/2004). Este padrão de personalidade está associado a outros padrões disfuncionais de personalidade, mas associa-se de forma mais significativa com o padrão Anti-Social (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

Por último, os indivíduos que demonstram um padrão Paranóide da personalidade têm como característica principal estarem sempre alertas e vigilantes de uma suposta malícia dos outros. Têm uma atitude relutante para com as pessoas que conhecem e não perdoam ofensas (Millon, 1994). Procuram consistentemente possíveis motivos maliciosos e ocultos no comportamento dos outros que poderão conspirar contra eles, isto porque percebem-se como importantes e, por isso, merecedores de perseguição (Millon, 1994). Esta suspeita e as incessantes dúvidas são internas, mas como a suspeita interna é intolerável para o paranóide, este projecta-a nos outros de forma automática e rigidifica a sua posição de eterno questionador do carácter e intenções dos outros, nunca baixando a guarda (Debray & Nollet, 2001/2004). Este padrão de personalidade pode encontrar-se associado aos padrões Narcísico, Evitante, Esquizóide, Esquizotípico e Borderline (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009)

3.3. As perturbações de personalidade presentes no DSM-IV-TR

No DSM-IV-TR são propostas 10 Perturbações de Personalidade agrupadas em três *clusters*, baseados nas suas semelhanças descritivas (Thobaben, 2008).

O *Cluster A* inclui perturbações de personalidade que se manifestam através de comportamentos estranhos e excêntricos, e inclui as perturbações Paranóide, Esquizóide e Esquizotípica da personalidade (Associação

Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Magnavita, 2004; Millon & Grossman, 2004; Thobaben, 2008; Trull & Widiger, 2003).

O *Cluster B* engloba perturbações da personalidade que incluem frequentemente um padrão de comportamentos erráticos, emocionais, ou dramáticos, tais como as perturbações Anti-Social, Estado-Limite (Borderline), Histrionica, e Narcísica da personalidade (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Magnavita, 2004; Millon & Grossman, 2004; Thobaben, 2008; Trull & Widiger, 2003).

Finalmente, o *Cluster C* inclui perturbações de personalidade caracterizadas por comportamentos ansiosos e receosos, fazendo parte deste as perturbações Evitante, Dependente e Obsessivo-Compulsiva da personalidade (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Magnavita, 2004; Millon & Grossman, 2004; Thobaben, 2008; Trull & Widiger, 2003).

Na Perturbação Paranóide da Personalidade, o indivíduo tem uma crença geral de que as pessoas o irão explorar, magoar ou enganar, embora não exista nenhuma evidência que apoie essa crença; Na Perturbação Esquizóide da Personalidade, está ausente no indivíduo um desejo de intimidade ou de pertença a um grupo e frequentemente prefere estar sozinho a estar com os outros, não mostrando um espectro completo de emoções; Na Perturbação Esquizotípica da Personalidade, o indivíduo sente-se desconfortável ou mesmo incapaz de manter relações próximas, exibindo também comportamentos e pensamentos estranhos que são tipicamente vistos pelos outros como excêntricos, erráticos e bizarros; Na Perturbação Anti-Social da Personalidade, o indivíduo não tem em consideração os direitos dos outros, manifestando um padrão de comportamento impulsivo, irresponsável, irreflexivo e por vezes criminoso; Na Perturbação Borderline da Personalidade, há uma instabilidade nas relações do indivíduo, decisões, estado de humor e percepção de si próprio, manifestando-se frequentemente como impulsivo e inseguro; O comportamento do indivíduo com Perturbação Histrionica da Personalidade é caracterizado por demonstrações exageradamente emocionais, uma procura persistente de atenção e uma reacção exagerada a problemas ou eventos triviais (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006;

Frey, 2003); A Perturbação Narcísica da Personalidade, é caracterizada por um sentido exagerado da sua importância e capacidades em conjunto com uma falta de empatia pelos outros; Na Perturbação Evitante da Personalidade, há características que a tornam semelhante à fobia social tais como hipersensibilidade à possibilidade de rejeição e a resultante retirada social, apesar de uma forte necessidade de se sentir amado e aceite pelos outros; Na Perturbação Dependente da Personalidade, o indivíduo é extremamente passivo e tende a colocar as necessidades dos outros acima das suas, não sendo assertivo perante os outros e deixando que estes tomem responsabilidade pela sua vida; E finalmente, na Perturbação Obsessivo-Compulsiva da Personalidade, o indivíduo tem uma grande preocupação pela ordem, por regras, perfeccionismo e controlo (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Frey, 2003).

3.4. As perturbações de personalidade segundo a sua relevância psicodinâmica

Outra forma de categorizar estas perturbações é recorrendo a duas categorias gerais no que toca à sua relevância psicodinâmica. Seis destas perturbações de personalidade são fortemente afectadas por processos psicodinâmicos, que são centrais à sua etiologia (Bornstein, 2006). Estas perturbações – que formam aquilo a que pode ser chamado de *cluster psicodinâmico primário* – incluem a perturbação Dependente, Narcísica, Histriónica, Obsessivo-Compulsiva, Paranóide, e Estado-Limite (Borderline) da personalidade (Bornstein, 2006). Pode ser estabelecida uma ligação entre estas perturbações e relações precoces problemáticas que levam a défices no funcionamento do ego, introjecções disfuncionais, e estilos de defesa ineficazes (Bornstein, 2006).

As quatro restantes perturbações de personalidade também são influenciadas por processos psicodinâmicos, embora estes sejam secundários em relação a outras variáveis (Bornstein, 2006). Assim, as perturbações Antisocial, Evitante, Esquizóide e Esquizotípica da personalidade agrupam-se então num *cluster psicodinâmico secundário*. Todas estas perturbações são

caracterizados por percepções não adaptativas do *self* ou dos outros, de problemas na percepção da realidade, e em estilos defensivos que prejudicam o funcionamento social e/ou o controlo de impulsos. Nestas perturbações considera-se predominante a influência de causas neurofisiológicas que precedem os processos psicodinâmicos, embora seja aceite a relevância dos processos psicodinâmicos no funcionamento destas, visto que estes irão ajudar a moldar o subsequente funcionamento intra e interpessoal (Bornstein, 2006).

3.5. O Modelo de Theodore Millon

O *Modelo dos Estilos de Personalidade* de Millon conjuga teoria com avaliação e intervenção, o que amplia a sua relevância para a investigação científica no âmbito da psicologia clínica (Alchieri, Cervo & Núñez, 2005). Theodore Millon desenvolveu uma teoria com base numa perspectiva de aprendizagem biopsicossocial e aplicada à personalidade e à patologia de personalidade, ao estabelecer categorias da personalidade através de deduções formais, incorporando para tal modelos teóricos da personalidade e da psicologia integrados numa perspectiva em que biologia, psicologia, socialização e cultura estão em permanente interacção (Alchieri, et al., 2005). O seu modelo resulta de uma combinação de constructos desenvolvidos a partir de diferentes escolas psicológicas, contendo os princípios da aprendizagem característicos dos modelos comportamentais bem como os conceitos psicanalíticos, tendo também em consideração o substrato neurobiológico do comportamento (Alchieri, et al., 2005). É uma tentativa de conciliação das diversas perspectivas psicológicas, sendo que, mais recentemente, incluiu pontualmente alguns aspectos da teoria evolucionista (Alchieri, et al., 2005).

Segundo este conjunto de referências conceptuais e baseando-se também nos trabalhos de Freud, Millon propôs um modelo dimensional da personalidade baseado em três polaridades básicas das quais se podem derivar os padrões e as perturbações de personalidade (Erdberg, 2004; Wiggins & Pincus, 1993). Estas são: a *natureza do reforço* (positivo, negativo,

ambos ou nenhum), *a fonte do reforço* (o próprio, o outro ou ambivalente), e o *estilo de coping do indivíduo* (Wiggins & Pincus, 1993).

Millon articulou as perturbações de personalidade consoante a forma como estas polaridades se combinam e dão origem a diferenças funcionais dentro de oito domínios clínicos: *actos expressivos, comportamento interpessoal, estilo cognitivo, representação de objectos, auto-imagem, mecanismos de regulação, organização morfológica e humor/temperamento* (Wiggins & Pincus, 1993). Segundo Millon, os estilos de personalidade poderão ser desadaptativos em diferentes graus de gravidade, resultando em última instância nas Perturbações de Personalidade identificadas no Eixo II (Erdberg, 2004). Foi com esta base que Millon construiu testes psicológicos com o propósito de quantificar tais constructos e para que ficassem disponíveis para o trabalho clínico e de investigação, um dos quais o *Millon Clinical Mutiaxial Inventory-II* (MCMI-II) (Erdberg, 2004).

Millon salienta, no entanto, que as Perturbações de Personalidade são melhor conceptualizadas como protótipos, cada uma contendo variações pelas quais o estilo de personalidade básico se manifesta (Erdberg, 2004). Millon (1993) concebe a personalidade como o equivalente psicológico da estrutura e das funções de um sistema biológico, utilizando a metáfora do corpo humano. Encara as perturbações como surgindo aquando da ocorrência de um desequilíbrio e falta de sincronicidade nos componentes internos; um trauma ou deterioração numa estrutura em particular que acaba por funcionar mal de forma persistente; ou quando se dá uma “infecção” por parte de entidades externas (equivalentes a bactérias ou vírus) que põem em causa a integridade do sistema (Alchieri, et al., 2005; Millon, 1993; Millon & Grossman, 2006). Este sistema desenvolve um padrão integrado de características e inclinações que estão profundamente ligadas umas às outras, e que não são facilmente erradicada, estando presentes em cada faceta da experiência de vida do indivíduo (Millon, 1993).

Nesta perspectiva, as perturbações de personalidade são resultantes de falhas no padrão de carácter dinâmico das competências adaptativas do sistema, da mesma forma que, num corpo, uma doença não é causada apenas

pela entrada de organismos alienígenas que contaminam o sistema, como é também o reflexo das deficiências e da incapacidade do corpo de lidar/combater com esses organismos (Alchieri, Cervo & Núñez, 2005; Magnavita, 2004; Millon, 1993; Millon & Grossman, 2006). As perturbações de personalidade são, portanto, áreas de vulnerabilidade, e cada patologia da personalidade possui diferentes vulnerabilidades (Millon & Grossman, 2006).

Os estilos de personalidade são resultado das experiências de aprendizagem que se desenvolvem em contextos familiares e escolares, assim como uma série de eventos vitais presentes desde o nascimento (Alchieri, et al., 2005). Quando as condutas fulcrais a estes contextos e experiências de vida se mostram insuficientes ou desajustadas, elas podem levar à expressão de ações desadaptadas, chamadas patogénicas. Esta desadaptação pode ocorrer de três formas: 1) o sujeito é exposto a situações ansiogénicas quando não dispõe ainda de capacidades maduras para enfrentá-las devido à fragilidade dos seus sentimentos de segurança e controlo, sendo que a persistência neste tipo de comportamentos geradores de ansiedade pode proporcionar a estruturação de estratégias defensivas globais desadaptativas que impedem um desenvolvimento saudável; 2) existem condições emocionalmente neutras que reforçam ou ensinam estilos de comportamento pouco adaptados ao ambiente, pelo que o indivíduo aprende formas de comportamento não adaptativas; 3) as experiências são insuficientes, devido à falta de estimulação adequada, o que irá produzir um défice de aprendizagem de comportamentos mais adaptativos em termos de competências básicas (Alchieri, et al., 2005).

Millon afirma no entanto que não existe uma linha que divida claramente o comportamento patológico do não patológico, sendo estes conceitos posições diferentes num espectro ou contínuo de gravidade (Clarkin & Lenzenweger, 1996; Cramer, 1999; Magnavita, 2004; Millon, 1993; 1996; T. Millon et al., 2004; Widiger, Livesley & Clark, 2009). Essencialmente, a patologia tem base nas mesmas forças que estão envolvidas no desenvolvimento de um funcionamento normal (Millon, 1993; 1996); a perturbação de personalidade é menos uma perturbação ou uma doença por si

só, e mais um padrão desadaptativo de personalidade (Millon, 1996; Millon & Grossman, 2006). As Perturbações de Personalidade são assim melhor definidas como comportamentos incomuns, irrelevantes ou estranhos ao grupo de referência do indivíduo em questão (T. Millon et al., 2004).

4. Mecanismos de defesa, personalidade e psicopatologia

4.1. Considerações gerais

Presentemente, os mecanismos de defesa são vistos como sendo de extrema importância na compreensão do funcionamento humano, da personalidade e da psicopatologia (T. Millon et al., 2004; Wolitzky, 2006). Como já referimos, personalidade e mecanismos de defesa são conceitos que andam de mão dada – não é por acaso que esta relação entre personalidade e mecanismos de defesa estará presente nas reformulações propostas para o DSM-V, que está previsto alterar a sua definição de Perturbações de Personalidade para que representem uma falha no desenvolvimento da identidade do *self* e na capacidade para o funcionamento interpessoal (Associação Psiquiátrica Americana, 2010). A inclusão de um eixo para os mecanismos de defesa no futuro DSM-V é justificada por, apesar de cada indivíduo usar uma variedade de defesas, cada perturbação de personalidade parecer “preferir” um conjunto particular de defesas em detrimento de outras (T. Millon et al., 2004; Vaillant & McCullough, 1998).

Outra das limitações inerente ao facto de o DSM-IV-TR não ter em consideração os modelos de defesa do indivíduo é que avalia, por exemplo, pânico e somatização como perturbações diferentes quando poderão ser sintomas com uma etiologia semelhante (Vaillant & McCullough, 1998). Estas informações podem ser usadas para construir um perfil defensivo que ilustre como uma perturbação de personalidade se protege de fontes internas ou externas de ansiedade, *stress* ou de ameaça (T. Millon et al., 2004; Vaillant & McCullough, 1998). Isto porque os mecanismos de defesa não só fazem parte do próprio construto da perturbação de personalidade como são também sintomas desta (T. Millon et al., 2004; Vaillant & McCullough, 1998).

Na personalidade Compulsiva por exemplo, de forma a lidar com pulsões agressivas suscitadas por um meio familiar controlador e excessivamente exigente, o indivíduo compulsivo recorre à formação reactiva para inverter estes impulsos. Assim, ao conformarem-se com as estruturas internalizadas do Superego, estes indivíduos aparentam ser altamente contidos

e sob controlo de si mesmos apesar de, internamente, estarem absorvidos de raiva e agressividade. Esta necessidade de silenciar a sua agressividade poderá também ser acompanhada do uso excessivo da isolação do afecto, na qual pode manter os aspectos intelectuais de uma ideia desagradável, descartando-se da natureza desorganizante dos afectos desconfortáveis associados a essa ideia (T. Millon, 2004; Vaillant & McCullough, 1998). Já os histriónicos preferem o uso da repressão de forma a manterem o seu mundo simples e “cor-de-rosa”, e os narcísicos, por outro lado, utilizam principalmente a racionalização de forma a justificar o seu comportamento exploratório dos outros. Os Paranóides, no entanto, usam a projecção de forma a transferir para os outros a culpa que sentem dos seus próprios impulsos agressivos, tornando-se eles os perseguidos e as vítimas (T. Millon, 2004; Vaillant & McCullough, 1998). Já na personalidade Anti-Social, a passagem ao acto reflecte um processo no qual a imediata expressão motora de um desejo ou conflito inconsciente permite ao indivíduo manter-se ignorante da ideia ou do afecto que acompanha tal acção; e para o indivíduo Esquizóide, a sua capacidade de recorrer à fantasia como mecanismo de defesa permite-lhe diminuir o sentimento de solidão ao criar na sua mente relações humanas fantasiadas (Vaillant & McCullough, 1998).

No *setting* terapêutico, sendo que cada perturbação de personalidade está fortemente associada a certos mecanismos de defesa, esta característica prototípica pode auxiliar na construção de hipóteses para casos individuais que poderão comparar-se aos dados obtidos através da avaliação (T. Millon, 2004). Ao ser apresentado um cliente com um padrão Narcísico da personalidade, eventualmente pré-diagnosticado, é possível que este indivíduo possua a tendência para usar de forma exagerada a racionalização e essa informação poderá depois ser comparada com outras informações provenientes da terapia em si. No entanto, a maioria dos indivíduos combina aspectos de dois ou mais padrões de personalidade, tornando a avaliação e tratamento dos casos bastante complexos (T. Millon, 2004; Vaillant & McCullough, 1998). Apesar disso, o estudo dos mecanismos de defesa utilizados pelo indivíduo são uma boa ferramenta para compreender melhor o indivíduo e, conseqüentemente,

construir um modelo eficaz de intervenção (T. Millon, 2004; Vaillant & McCullough, 1998). Para tal, deve-se enfatizar a importância de averiguar quais os mecanismos usados tipicamente pelo indivíduo, qual o impacto destes na relação com os outros, e como é que esses mecanismos exacerbam outros problemas experienciados pelo indivíduo (T. Millon, 2004). De facto, os mecanismos de defesa do indivíduo podem ser um foco do trabalho terapêutico, visto que ao melhorar as estratégias deste e tornando o seu modelo de defesa mais flexível, estamos a dirigir-nos a grande parte do seu problema (Vaillant & McCullough, 1998).

Não é, portanto, nova a noção de que a investigação das perturbações de personalidade beneficia da inclusão dos mecanismos de defesa (Yu et al., 2008). Já Anna Freud afirmava que os mecanismos de defesa tinham como papel principal a redução da ansiedade e eram responsáveis pela origem e manutenção de várias perturbações mentais, estabelecendo a relação entre perturbações mentais e mecanismos de defesa específicos (Ihilevich & Gleser, 1986). Além disso, em concordância com as teorias de relação objectal e da vinculação, experiências precoces positivas estão associadas a um estilo de defesa flexível e adaptativo onde predominam defesas maduras (sublimação e intelectualização, por exemplo) (Bornstein, 2006). Experiências precoces negativas, por outro lado, conduzem à formação de estilos de defesa menos maduros e, portanto, menos eficazes, caracterizados por estratégias de *coping* que implicam uma maior distorção de eventos internos e externos (regressão e projecção, por exemplo) (Bornstein, 2006). Resumidamente, as defesas psicológicas determinam a forma como se interpreta aquilo que é percebido, tendo uma profunda influência nas crenças e decisões do indivíduo. Para além de terem, portanto, um papel central na psicopatologia, têm também funções vitais na adaptação e no desenvolvimento normal da personalidade (Ihilevic & Gleser, 1986).

A relação entre mecanismos de defesa e estilos de personalidade tem sido conceptualizada de diferentes formas. Blatt (1990) postula dois grandes estilos de personalidade definidos através do processo desenvolvimental do indivíduo – ou seja, pela configuração da sua personalidade. O estilo de

personalidade *anaclítico* engloba indivíduos que colocam maior ênfase no relacionamento interpessoal – são, regra geral, mais figurativos no seu pensamento, focando-se sobretudo em afectos e imagens visuais. Já o estilo de personalidade *introjectivo* engloba indivíduos que colocam maior ênfase na autodefinição. O seu pensamento tende a ser mais literal, sequencial e crítico, e a acção, o comportamento manifesto, a lógica, a consistência e a causalidade estão realçadas e são diminuídas as relações e os sentimentos (Campos, 2003). Estas duas configurações básicas da personalidade implicam diferentes tipos de mecanismos de defesa (Blatt, 1990; Campos, 2003). Os indivíduos anaclíticos usam sobretudo mecanismos de defesa de tipo evitante (como a *negação*, a *repressão*, entre outros), enquanto que indivíduos introjectivos usam sobretudo mecanismos de defesa neutralizantes (como a *projectão*, a *intelectualização*, entre outros) (Blatt, 1990; Campos, 2006). Estes dois tipos de mecanismos de defesa têm o mesmo objectivo – manter os aspectos psíquicos dolorosos fora da consciência – mas fazem-no de forma diferente. Os mecanismos de tipo evitante impedem que o indivíduo reconheça a existência de questões conflituais, eliminando assim da consciência o estímulo ansiogénico; os mecanismos de tipo contra-activo não evitam o conflito, mas transformam os conflitos de forma a que estes se possam expressar de uma forma mais aceitável (Blatt, 1990; Campos, 2006).

A relação entre mecanismos de defesa e Perturbações de Personalidade tem sido estudada de forma aprofundada e os resultados indicam que são constructos distintos e separados, mas que quando estudados em conjunto, trazem uma melhor compreensão do funcionamento do indivíduo (Mullen, Blanco, Vaughn, & Roose, 1999; Vaillant & McCullough, 1998). Isto está em concordância com a teoria psicanalítica que implica a noção de que a maioria dos sintomas das Perturbações de Personalidade reflecte os tipos de defesa característicos do indivíduo (Bornstein, 2005), estando estes, portanto, ligados ao próprio funcionamento da psicopatologia.

Alguns estudos debruçam-se sobre esta relação entre tipos de defesa e diferentes perturbações de personalidade, sendo que cada manifestação de patologia da personalidade parece ter uma certa “preferência” por certos tipos

de defesa (T. Millon et al., 2004), apesar de alguns resultados contraditórios entre estudos (Bornstein, 2005). Olhando para a personalidade – da normal à patológica – num contínuo, o modelo de Millon define uma relação entre cada padrão de personalidade e um tipo de mecanismo de defesa específico. Assim, Millon (1994) associa o padrão Esquizóide à intelectualização, o padrão Evitante à fantasia, o padrão Dependente à introjecção, o padrão Histriónico à Dissociação, o padrão Narcísico à racionalização, o padrão Anti-Social ao *acting-out*, o padrão Agressivo à isolamento, o padrão Compulsivo à formação reactiva, o padrão Negativista ao deslocamento, o padrão Autodestrutivo a um mecanismo de exageração, o padrão Esquizotípico à anulação, o padrão Borderline à regressão, e finalmente o padrão Paranóide à projecção.

4.2. Alguns dados empíricos

Embora os dados apoiem a utilidade de avaliar estilos de defesa na predição do ajustamento e do comportamento social em indivíduos com perturbações de personalidade, os resultados no que tocam à relação entre estilo de defesa e perturbação de personalidade são controversos (Bornstein, 2006). Algumas investigações mostram uma relação entre estilos de defesa e perturbações de personalidade, e entre estilo de defesa e várias formas de comportamento relacionadas com as perturbações de personalidade (Bornstein, 2006; Muris, Winands & Horselenberg, 2003). Outras investigações, no entanto, não mostram quaisquer tipos de ligações previsíveis entre defesas e perturbações de personalidade, indicando antes que a presença de uma patologia de personalidade clinicamente significativa (de uma forma geral) está associada com o uso de defesas imaturas e não-adaptativas, sem se encontrarem diferenças consistentes entre estilo de defesa ao longo das diversas categorias de perturbações de personalidade (Bornstein, 2006).

Berman e McCann (1995), no entanto, pesquisaram a associação entre perturbações de personalidade, recorrendo ao MCMI e aos modelos de mecanismos de defesa estabelecidos por Ihlavich e Gleser. Desse modo, a Perturbação Anti-Social da Personalidade está associada a níveis elevados de TAO (*Turning Against Object*) e PRO (Projecção), e níveis baixos de PRN

(Principalização); a Perturbação Evitante da Personalidade a níveis elevados de PRO e TAS (*Turning Against Self*) e níveis baixos de PRN e REV (Reversão); a Perturbação Borderline da Personalidade a níveis altos de TAS e baixos níveis de PRN e REV; a Perturbação Dependente da Personalidade a altos níveis TAS e REV e baixos níveis de TAO; a Perturbação Histriónica bem como a Narcísica da Personalidade a níveis altos de TAO e níveis baixos de TAS; a Perturbação Paranóide da Personalidade a níveis elevados de PRO e baixos níveis de PRN; a Perturbação Obsessivo-Compulsiva da Personalidade a níveis altos de PRN e REV e a baixos níveis de TAO; a Perturbação Esquizóide da Personalidade a níveis elevados de TAS; e finalmente a Perturbação Esquizotípica da Personalidade a níveis altos de PRO e TAS e níveis baixos de PRN e REV.

5. Relação precoce, vinculação e psicopatologia

5.1. Considerações gerais

Com base no que foi dito anteriormente podemos defender que a base dos comportamentos, a forma como as pessoas pensam, resolvem problemas, sentem e interpretam os acontecimentos e se relacionam com os outros, é resultado, em grande parte, dos padrões internos estabelecidos durante a infância através da duplicação das respostas e reacções dos seus pais e familiares próximos, sendo estas características posteriormente apresentadas ao longo da vida do indivíduo (T. Millon, et al., 2004). Os padrões interpessoais de cognição, comportamento e afecto, estabelecidos nos primeiros anos de vida, parecem ser centrais para o funcionamento interpessoal e o ajustamento psicológico futuros (Campos, 2006; Westen, 1990) e a relação entre criança e figuras materna e paterna deve ser vista como sendo fundamental para o desenvolvimento afectivo de todo o ser humano (Blatt, Wein, Chevron & Quinlan, 1979; Campos, 2009; Campos, Besser & Blatt, 2010).

Nesta perspectiva, é possível encarar as diferentes formas de psicopatologia, bem como os traços disfuncionais da personalidade, como o resultado de perturbações no processo de desenvolvimento normal do relacionamento e da autodefinição, considerando os sintomas psicopatológicos como tentativas compensatórias e distorções do desenvolvimento normal de carácter inflexível (Blatt, 1991; Blatt & Blass, 1996; Blatt & Shichman, 1983). A perturbação psicológica poderá e deverá, portanto, ser concebida numa perspectiva relacional e desenvolvimental que contempla a continuidade e a descontinuidade da qualidade dos processos (in)adaptativos ao longo do crescimento (Soares, Carvalho, Dias, Rios & Silva, 2007). Por outras palavras, as experiências do indivíduo, desde a infância, criam uma trajectória que, na fase adulta, culmina num certo conjunto de características, adaptativas ou não (Bornstein, 2003). Se o processo normal de desenvolvimento for perturbado numa determinada altura sem que condições ou circunstâncias posteriores possam minorar essa perturbação, as dificuldades experienciadas vão repetir-se, consolidando-se como formas distorcidas de adaptação (Campos, 2003).

Quanto mais cedo no desenvolvimento ocorrerem estas perturbações e quanto mais acentuadas as distorções em relação ao percurso normal desse desenvolvimento, mais grave será a patologia (Blatt, 1990).

As várias formas de psicopatologia podem derivar assim de disrupções nos processos normais fundamentais de desenvolvimento ao longo de diferentes momentos, disrupções essas que interferem na capacidade de criar e desenvolver relações interpessoais maduras e satisfatórias, e de desenvolver uma identidade positiva, realista e consolidada (Blatt & Levy, 1998). Os esquemas cognitivo-afectivos do *self* e do *outro* ficam marcados por interações interpessoais significativas disfuncionais e expressam o nível desenvolvimental do indivíduo bem como outros aspectos importantes da sua vida psíquica (Besser & Blatt, 2007). Significa isto que, em teoria, uma vinculação segura deverá fornecer ao indivíduo a capacidade de responder de forma mais adaptativa a stressores, permitindo-lhes ir buscar apoio a amigos, família ou mesmo ajuda profissional (Ma & Huebner, 2008; Riggs & Jacobvitz, 2002). Por contraste, indivíduos que tiveram uma vinculação insegura poderão ter um maior risco de problemas emocionais devido a distorções e a enviesamentos na sua forma de pensar e na incapacidade de regular as suas emoções, limitando por sua vez a sua capacidade de resposta flexível a situações desfavoráveis (Ma & Huebner, 2008; Riggs & Jacobvitz, 2002). É quando entram em acção estes stressores que as defesas associadas a diferentes padrões de personalidade são activadas, resultando em comportamentos desadaptativos e numa vulnerabilidade em relação à desorganização cognitiva e às perturbações emocionais (Riggs & Jacobvitz, 2002).

5.1.1. Desenvolvimento e psicopatologia no adulto

Grande parte da psicopatologia no adulto pode ser entendida então como a expressão de perturbações que ocorreram em determinados pontos do desenvolvimento dos vários níveis de esquemas cognitivo-afectivos, em consequência de perturbações nas relações significativas do indivíduo (Blatt, 1991; Blatt, 1995). Estas terão repercussões em momentos específicos da vida

adulta, dos quais se destacam o fim da escolaridade, o início da actividade profissional e consequente autonomia financeira, o viver e estabelecer-se num espaço próprio, o casamento e a parentalidade (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007).

O estabelecimento da autonomia e da intimidade assumem-se como as tarefas nucleares do desenvolvimento do jovem adulto sendo que, de forma fundamental, a consolidação da identidade íntegra e promove um sentido de diferenciação face aos pais e aos outros, constituindo-se num factor primordial para assegurar a autonomia inerente à idade adulta (Faria et al., 2007). Concomitantemente ao processo de diferenciação do *self*, subsiste também a necessidade de construção de intimidade, partilha e interdependência no contexto de relações íntimas enquanto relações de amizade ou de amor (Faria et al., 2007). No adulto, a consolidação da intimidade e autonomia constituem-se como os alicerces para o assumir de novas tarefas desenvolvimentais, nomeadamente o compromisso no contexto relacional e profissional e a parentalidade (Faria et al., 2007). Há então que ter em conta que a formação de ligações afectivas no adulto implica atender, por um lado, ao repertório desenvolvimental necessário para o seu estabelecimento e, por outro, à questão da continuidade e da mudança na organização da representação da vinculação (Faria et al., 2007).

Neste sentido, a Teoria da Vinculação apresenta a relação da criança com as suas figuras de vinculação como uma matriz a partir da qual vão ser construídos conhecimentos e expectativas acerca do *self*, de outros significativos e do mundo, que vão orientar o funcionamento interpessoal e influenciar o estabelecimento de relações íntimas mais tarde no desenvolvimento (Faria et al., 2007). Também verdade é que um sentido do *self* cada vez mais diferenciado, integrado, maduro e sólido, facilita o estabelecimento de relações cada vez mais maduras, estáveis e mutuamente satisfatórias, sendo que por sua vez, o estabelecimento de relações interpessoais de qualidade possibilita o desenvolvimento de uma identidade ou autodefinição mais evoluída (Blatt, 1991; Campos, 2006).

Não devemos no entanto cair no erro de presumir que as perturbações no desenvolvimento dos esquemas cognitivos se tornam fixas e imutáveis. Elas podem de facto ser alteradas por acontecimentos posteriores (Campos, 2003). Todavia, as primeiras estruturas cognitivo-afectivas estabelecem trajectórias de desenvolvimento básicas que se consolidam com experiências posteriores que as reforçam, visto que os indivíduos tendem a procurar experiências consonantes com as suas próprias expectativas e a interpretar os acontecimentos de acordo com os esquemas pré-existentes (Blatt, 1995), existindo portanto uma tendência para manter a trajectória disfuncional estabelecida (Blatt & Shichman, 1983), sendo fácil para o indivíduo entrar num ciclo vicioso de desadaptação.

5.1.2. A importância da vinculação para a psicopatologia

Sendo que as manifestações sintomáticas das várias patologias, desde a esquizofrenia às neuroses, resultam em grande parte de diferentes tipos de perturbações nas estruturas ou esquemas cognitivo-afectivos, estabelecidos nas relações interpessoais ao longo do desenvolvimento (Blatt, 1991; Blatt, 1995), a investigação longitudinal tem salientado o papel relevante desempenhado pela vinculação nas trajectórias de (in)adaptação (Soares et al., 2007). A influência da vinculação tem sido compreendida à luz da noção de modelos internos dinâmicos de vinculação, construídos a partir das experiências de vinculação.

Os indivíduos com história de relações de vinculação seguras constroem representações positivas do *self* e dos outros, em contraste com indivíduos com histórias de vida adversas, marcadas pela vinculação insegura, que tenderão a construir o *self* e o mundo como imprevisíveis, marcados pela desconfiança, pela desvalorização ou pela ambivalência. A qualidade das experiências de vinculação e a sua representação através de modelos internos dinâmicos vão afectar o desenvolvimento sócio-emocional, influenciando de modo significativo a interpretação que o indivíduo vai fazer do mundo, a forma como lida com os problemas interpessoais e os desafios relacionais no quotidiano, bem como as estratégias comportamentais que caracterizam o seu

funcionamento e que podem facilitar ou dificultar a sua adaptação ao meio (Soares et al., 2007). Estas estratégias de vinculação dividem-se entre *primárias* – sensíveis ao contexto e às suas condições de activação (a procura de proximidade da figura de vinculação em situação de alarme, por exemplo) – e *secundárias* – cujo objectivo é minimizar ou manipular as respostas não adaptativas do sistema comportamental principal, substituindo-as por outras biologicamente preferíveis por aumentarem a eficácia reprodutiva. As estratégias *secundárias* (de desactivação ou de hiperactivação do sistema de vinculação) dificultam o processamento dos sinais de perturbação, na medida em que estes sinais podem desencadear ou activar o medo em relação à disponibilidade da figura de vinculação, conduzindo a expressões distorcidas ou sintomáticas de perturbação (Soares et al., 2007). De acordo com o tipo de estratégia secundária, estas expressões sintomáticas tomam diferentes formas; indivíduos com estratégias de desactivação procuram excluir, defensivamente, os sinais de perturbação, e os seus sintomas tendem a ter uma função de distractibilidade, minimizando a necessidade de receber suporte ou minimizando a vulnerabilidade pessoal face à situação de perigo. Os indivíduos com estratégias de hiperactivação tendem a amplificar os sinais de perturbação num esforço mal-adaptativo e prolongado para obterem a atenção e o conforto de uma figura de vinculação (Soares et al., 2007).

Na mesma linha de conceptualização sobre a relação entre vinculação e psicopatologia, um outro conceito importante é o da desorganização da vinculação. A desorganização da vinculação traduz o colapso das estratégias organizadas, de tipo seguro ou de tipo inseguro (pois ainda que de qualidade distinta, ambas revelam organização da vinculação). Segundo alguns autores, a desorganização do comportamento de vinculação numa situação de *stresse* ocorre porque a criança foi alarmada pela figura de vinculação e não apenas pelas condições da situação externa (Soares et al., 2007). Dado que a criança tende a procurar a proximidade quando alarmada, qualquer comportamento da figura parental que directamente a alarme, coloca-a numa situação paradoxal irresolúvel; não se pode aproximar (estratégias segura ou insegura-resistente), nem pode afastar a sua atenção (estratégia insegura-evitante), havendo por

consequente um colapso de estratégia (Soares et al., 2007). Ao nível comportamental, a desorganização da vinculação pode manifestar-se em situações de *stresse* através de sequências ou simultaneidade de comportamentos contraditórios ou bizarros, de posturas anómalas, de estereotipias, entre outros (Soares et al., 2007). Em jovens e adultos, a desorganização pode exprimir-se ao nível do discurso e das narrativas sobre experiências de vinculação adversas ou de natureza traumática (por exemplo, experiências de perda ou abuso), através de lapsos na organização do discurso, na organização do pensamento e através de reacções comportamentais reveladoras de perturbação significativa (Soares et al., 2007). Estas relações entre o tipo de vinculação e o desenvolvimento de psicopatologia têm sido demonstradas em diferentes períodos desenvolvimentais, independentemente do carácter dos estudos e da metodologia utilizada, apontando para a importância das relações de vinculação para o desenvolvimento e manutenção de diversas perturbações psicológicas (Soares et al., 2007). Contudo, no geral, os estudos sobre este tema permanecem ainda numa abordagem descritiva, sendo necessário avançar para uma análise mais compreensiva sobre os mecanismos e processos envolvidos nas relações entre a vinculação e a psicopatologia (Soares & Dias, 2007). Particularmente em Portugal, a investigação sobre vinculação e psicopatologia em adultos é pobre em diversidade, tendo-se dedicado principalmente à temática das perturbações alimentares e numa perspectiva estritamente descritiva (Soares et al., 2007). No entanto, algum trabalho tem sido realizado sobre o estudo da relação entre o estilo das relações precoces e depressão (Campos, 2010; Campos et al., 2010) e entre as representações parentais e traços desadaptativos da personalidade (Franco & Campos, 2010).

5.2 - Estilos de vinculação e traços disfuncionais da personalidade

Seja pela importância da representação das experiências precoces de vinculação e a sua influência na trajetória desenvolvimental, ou pelo modo como a teoria da vinculação se aplica ao estudo das relações interpessoais e

dos processos de personalidade (Faria et al., 2007), mantém-se que a significância do estilo de parentalidade é, desde o início, central para o desenvolvimento individual e estabelece o tom para bases de referência de interpretação de eventos internos e externos ao indivíduo no emergir da sua personalidade (Blatt, Wein, Chevron & Quinlan, 1979; Eskedal, 1998). Segue-se em lógica que, se a vinculação insegura estabelece uma base desenvolvimental na qual mais tarde irá assentar a psicopatologia (Faria et al., 2007; Page, 2001; Soares et al., 2007), poderá então pensar-se que estará também ligada às perturbações de personalidade, visto que esta forma de psicopatologia é relativamente duradoura e central à organização da personalidade (Bender, Farber & Geller, 2001; Bogaerts, Vanheyle & Desmet, 2006; Eskedal, 1998; Magnavita, 2004; Page, 2001; Soares et al., 2007). E de facto, em estudos anteriores (Page, 2001), já foi estabelecida uma relação entre a organização da vinculação na infância e a ocorrência de perturbações de personalidade mais tarde na vida do indivíduo. Mas apesar de a gravidade da privação parecer estar relacionada com a gravidade da perturbação, está ainda por esclarecer se se trata de uma relação linear ou não linear (Soares, 2007).

A teoria da vinculação tem sido, portanto, explorada como forma de compreender as origens das perturbações de personalidade, e é sugerido que as manifestações sintomáticas das várias patologias, desde a esquizofrenia às neuroses, resultam em grande parte de diferentes tipos de perturbações nas estruturas ou esquemas cognitivo-afectivos, estabelecidos nas relações interpessoais ao longo do desenvolvimento são caracterizadas por persistentes dificuldades nas relações interpessoais, que são frequentemente, por sua vez, características centrais das perturbações em si mesmas (Bogaerts et al., 2006). Assim, definindo as perturbações de personalidade de um ponto de vista ontogenético como resultado final de processos relacionais, elas relacionam-se com uma vinculação insegura na infância e com interações específicas disruptivas entre pais-criança durante os primeiros anos de vida (Bogaerts et al., 2006).

De acordo com as concepções de diversos autores, é possível arrumar os diferentes padrões disfuncionais de personalidade com determinadas características dos objectos internos, resultando estas, naturalmente, das interações estabelecidas com as figuras de vinculação. Nos indivíduos com um padrão Esquizóide as representações internas dos objectos são fracas e pouco articuladas, possuindo menor profundidade no que toca à dinâmica entre desejo e conflito do que as presentes em indivíduos mais bem ajustados (Millon, 1994). Uma possível origem, se bem que incerta, para este número reduzido de constructos é a deficiência de estimulação de aprendizagem por parte das figuras parentais, também elas inibidas, frias e distantes (Debray & Nollet, 2001/2004). Na Perturbação Esquizóide da Personalidade, o objecto é representado como sendo assustador e intimidante (Bornstein, 2005).

No padrão Evitante da personalidade, as representações internas dos objectos são compostas de memórias intensas e facilmente reactivadas de relações prévias de natureza problemática e carregadas de conflito (Millon, 1994). Isto porque as relações precoces foram marcadas por atitudes de rejeição e de crítica (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Como o objecto é representado como alguém que critica e julga (Bornstein, 2005), o evitante procura a fuga à crítica e à humilhação, experienciando rejeição por parte dos outros que considera superiores a si próprio (Debray & Nollet, 2001/2004). É, portanto, considerado que estes esquemas centrais negativos de autodesvalorização derivem provavelmente de experiências precoces e repetidas de rejeição e/ou de críticas por parte das suas figuras significativas (Debray & Nollet, 2001/2004).

Já o padrão Dependente está associado a angústia de separação na infância bem como a mães fóbicas e hiperpreocupadas e a pais indiferentes ou desprovidos de sentido educativo (Debray & Nollet, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Para além disso, pais superprotectores e constantemente inquietos, que ampliam a gravidade de pequenos perigos, e que se tornam incapazes de dar responsabilidades aos seus filhos sem alarme excessivo, formam indivíduos inseguros e impedidos de desenvolverem a sua autoconfiança, o que está em concordância com o perfil do dependente

(Debray & Nolle, 2001/2004). Este sente-se incapaz de resolver os seus próprios problemas e portanto as representações internas são de natureza imatura, tanto quanto às impressões dos outros como ao nível dos impulsos, e possui competências mínimas de lidar com stressores (Millon, 1994). Consequentemente, o objecto é representado como confiante e protector (Bornstein, 2005).

As representações internas de indivíduos com o padrão Histriónico da personalidade são em grande parte compostas de memórias superficiais de relações passadas, e colecções de afectos e conflitos dissociados do próprio (Millon, 1994). Concomitantemente, o objecto é aborrecido e sem interesse (Bornstein, 2005). Em termos de estilos de vinculação que possam proporcionar este padrão, ele está associado principalmente a pais raramente severos e que reforçam qualidades dos seus filhos relacionadas com critérios estéticos predominantes (como a beleza e a sedução) em detrimento de qualidades intelectuais. A recompensa perante estes atributos superficiais irá fazer com que estes se tornem estratégias predilectas para a criança, por oposição a qualidades intelectuais ou morais que são menos admiradas pelas figuras parentais e por isso menos reforçadas (Debray & Nolle, 2001/2004).

No indivíduo com um padrão Narcísico as representações internas são compostas de memórias ilusórias de relações passadas. Os desejos e conflitos inaceitáveis para o *self* são facilmente transformados consoante a necessidade, enquanto que os outros são considerados dissimulados e pretensiosos (Millon, 1994). O sentimento de inferioridade e de inveja subjacente ao seu esquema de sobrecompensação manifesta-se através de fantasias grandiosas e pela ligação a personalidades impertinentes ou cínicas que são reverenciadas e imitadas, fazendo com que o narcísico alterne entre a admiração e o desprezo – admiração pelo desejo de emular o modelo, e desprezo subsequente da inveja de não ser como esse modelo. O objecto é habitualmente representado como sendo de pouca importância e valor (Bornstein, 2005; Debray & Nolle, 2001/2004). A possível origem deste esquema é algo ambígua e as teorias propõem que tenha a ver com um sentimento de carência, insuficiência ou de inferioridade que conduziria ao

indivíduo receber uma existência desvalorizada, levando a criança a procurar ou simular qualidades positivas e êxitos para se fazer amar (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Este comportamento poderá desenvolver-se de três formas: num clima familiar pouco caloroso, destacando-se uma figura materna pouco afectiva; ou, por outro lado, com pais que respondam aos filhos com uma admiração exagerada (supergratificação narcísica), distorcendo a imagem de si mesmo acentuada por uma modelagem social, ou através de ênfase num estatuto ou atributo especial que os torne, por sua vez, “especiais”; ou então através de experiências de humilhação afectivas ou escolares precoces, definindo a personalidade da criança em redor de relações de superioridade-inferioridade e dominação-submissão, visto que esta “aprende” que a interacção humana é baseada em poder sobre o outro (Debray & Nolle, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

O padrão Anti-Social da personalidade está associado a rejeição por parte das figuras parentais e do corpo social (Debray & Nolle, 2001/2004), e consequentemente as representações internas são compostas de relações degradadas que proporcionam atitudes vingativas e impulsos cáusticos, desvalorizando os sentimentos dos outros (Millon, 1994) e recalçando ou ignorando as suas próprias emoções (Debray & Nolle, 2001/2004). O indivíduo Anti-Social vê os outros (objecto) como ingénuos e que facilmente cedem a sua confiança (Bornstein, 2005). Este padrão também poderá ter uma origem parcial em maus tratos físicos ou sexuais e no abandono (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009).

No padrão Agressivo da personalidade, as representações internas estão marcadas por relações precoces que geraram fortes impulsos agressivos e atitudes maliciosas, bem como um embotamento de memórias sentimentais, afectos positivos, conflitos internos, culpa ou vergonha (Millon, 1994).

Devido às características inerentes a indivíduos que tenham um marcado padrão Compulsivo da personalidade, apenas as representações internas que adiram a afectos e atitudes socialmente aprovadas são trazidas ao consciente do indivíduo. As acções e memórias são altamente reguladas, os impulsos proibidos e os conflitos silenciados e mantidos sob controlo (Millon,

1994). Isto em consequência de figuras parentais rígidas que adoptam uma aparência conformista e perfeita, que recordam leis e que ordenam a sua obediência, estabelecendo um modelo de exemplo para a criança duplicar (Debray & Nolle, 2001/2004). Em oposição à imagem de si próprio, o compulsivo encara o objecto como sendo impulsivo e descontrolado (Bornstein, 2005).

No que toca ao padrão Negativista da personalidade, as representações internas do passado incluem relações complexas e incompatíveis, levando a emoções contraditórias, inclinações conflituosas e memórias irreconciliáveis que são fomentadas pelo desejo de degradar as realizações e os prazeres dos outros de forma subreptícia (Millon, 1994). Está associado a uma atitude pouco clara das figuras parentais, também elas ambivalentes e que alternam de forma incompreensível entre o afecto e a rejeição (Debray & Nolle, 2001/2004).

No Padrão Autodestrutivo da Personalidade as representações de objecto são compostas por elementos de relações passadas que falharam, embotando sentimentos positivos e agravando intencionalmente conflitos internos (Millon, 1994).

Para o indivíduo com um padrão Esquizotípico da personalidade as representações internas são um aglomerado caótico de relações e afectos precoces, impulsos aleatórios e canais de regulação descoordenados e marginalmente competentes (Millon, 1994). Este padrão está associado ao isolamento sensorial e social – um meio hostil também reforça o refúgio num mundo irreal, interno e imaginário (Debray & Nolle, 2001/2004). Consequentemente o objecto é representado como não se podendo depender dele (Bornstein, 2005).

No padrão Borderline as representações internas incluem aprendizagens ineficazmente formadas e incompletas que levam a memórias conflituosas, atitudes discordantes, necessidades e emoções contraditórias, e a impulsos erráticos (Millon, 1994). Para este traço existe algum consenso no que toca a antecedentes de maus tratos durante a infância, incluindo abusos sexuais (Debray & Nolle, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Da mesma forma, as carências maternas prolongadas parecem ter uma relevância

particular (Debray & Nolle, 2001/2004). Pode-se a partir daqui tecer a conclusão de que a irritabilidade destes indivíduos vem muito provavelmente de experiências traumáticas durante a infância nas quais a confiança dada a um adulto até então admirado dá lugar a um transtorno causado por violência física ou sexual (Debray & Nolle, 2001/2004). Isto explica por sua vez o porquê de o borderline encarar o objecto como sendo poderoso e simultaneamente de pouca confiança (Bornstein, 2005)

Por último, para os indivíduos que demonstram um padrão Paranóide da personalidade, as relações precoces têm uma configuração fixa e implacável de crenças e atitudes firmes, deixando-se o indivíduo levar pelas suas convicções, medos e conjecturas, resultando num agravamento do isolamento e da desconfiança nas relações interpessoais (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009; Millon, 1994). O paranóide sente-se fraco e ameaçado num mundo sem piedade (Debray & Nolle, 2001/2004). O objecto é ameaçador e intrusivo (Bornstein, 2005). Para além de estar associado a um sentimento de infelicidade, vergonha e/ou culpabilidade durante a infância, está associado também a um superinvestimento por pais que consideraram a criança como excepcional e com um futuro superior ao dos outros – uma identificação maciça com um pai poderoso pode desempenhar este mesmo papel (Debray & Nolle, 2001/2004).

5.3. Vinculação e psicopatologia: alguns dados empíricos

A investigação sobre vinculação e desenvolvimento da psicopatologia tem evidenciado, no geral, a relação entre a insegurança e a desorganização da vinculação e diversos indicadores de psicopatologia (Page, 2001; Soares & Dias, 2007; Soares et al., 2007). Neste sentido, já foram bastante estudadas as relações entre representações das relações precoces em adolescentes e adultos e a sua relação com alterações do comportamento, ansiedade, abuso de substâncias e perturbações de humor. Como esperado, os indivíduos com vinculações seguras reportavam menos problemas (Riggs & Jacobvitz, 2002). Já no estudo de Blatt e Auerbach (2000), os resultados indicam que indivíduos com representações mais seguras da sua vinculação com os pais têm uma

maior compreensão da complexidade das relações interpessoais e são capazes de se diferenciar de forma mais completa dos seus pais sem perder um sentido de ligação com eles. Estes resultados têm implicações no quotidiano dos indivíduos porque são menos ansiosos e hostis e são capazes de regular melhor e de forma mais construtiva sentimentos negativos (Blatt & Auerbach, 2000). Da mesma forma, Franco e Campos (2010) obtiveram resultados que indicam que a escassez ou inconsistência de afectos, sentimentos calorosos, envolvimento construtivo ou um cuidado insuficiente poderão criar vulnerabilidade ao surgimento de diferentes tipos de traços de personalidade desadaptados.

Os estudos realizados, para além de estabelecerem uma ligação entre a gravidade da insegurança na vinculação e a gravidade da perturbação de personalidade (Page, 2001), sugerem também a possibilidade de que diferentes estilos de vinculação proporcionam o desenvolvimento de diferentes manifestações de perturbações de personalidade. Bender, Farber e Geller (2001), por outro lado, avaliaram os estilos de vinculação de um grupo de adultos com perturbações de personalidade. Os resultados indicaram uma relação directamente proporcional entre a insegurança da vinculação e níveis patológicos de personalidades do Cluster B (perturbações Histriónica, Narcísica, Antisocial, Estado-Limite/Borderline e Passivo-Agressiva da personalidade), indicando também a existência de diferenças nos padrões de vinculação entre os traços do Cluster A, B e C (Bender, Farber & Geller, 2001). Adicionalmente, estudos realizados com a AAI (*Adulto Attachment Interview*) têm demonstrado, de forma geral, a existência de uma sobrerepresentação de organizações de vinculação inseguras em amostras clínicas, não tendo sido encontradas relações sistemáticas entre um determinado tipo de organização insegura (desligada ou emaranhada-preocupada) e um tipo específico de perturbação psicológica (Soares et al., 2007). No que diz respeito ao desenvolvimento de perturbações de personalidade, os estudos com recurso à AAI têm apontado para diferenças na organização da vinculação nas diversas perturbações do Eixo II (Soares et al., 2007).

II – Estudos empíricos

6. Objectivos e hipótese de investigação

6.1. Objectivos

Este estudo pretende – partindo de uma visão integral das teorias de vinculação, psicanalítica, e simultaneamente psiquiátrica – dar um contributo para a compreensão das dinâmicas que se encontram na origem e no funcionamento dos traços de personalidade disfuncionais à luz do processo de vinculação e dos mecanismos de defesa. Na revisão bibliográfica que efectuámos, nenhum outro estudo foi encontrado que tentasse integrar estes conceitos de diferentes teorias e que tentasse relacionar simultaneamente vinculação e mecanismos de defesa na sua relação com os traços que caracterizam as perturbações de personalidade. Espera-se que este estudo ajude a esclarecer estas relações, levando mais longe a compreensão das personalidades disfuncionais.

É proposto neste estudo que as relações precoces com as figuras parentais estão relacionadas com o desenvolvimento dos padrões de personalidade, e que as disrupções ou aspectos disfuncionais dessas relações precoces estão relacionadas com o desenvolvimento de padrões disfuncionais de personalidade. Como vimos através da literatura consultada existem fortes indicações que tal seja o caso, tanto ao nível das teorias explicativas como ao nível dos estudos realizados – como os de Blatt (1974), Brennan e Shave (1998), Bornstein (2005), Eskedal (1998), Porcerelli, Cogan e Hibbard (1998), e Soares (2007). Estas relações são compreendidas à luz da existência de grelhas de leitura internas (modelos internos) que condicionam o funcionamento e a leitura da realidade por parte do indivíduo (Beebe & Lachman, 1988; Bornstein, 2003), fazendo parte do seu dia-a-dia. Mas este trabalho não pretende apenas estudar a relação que existe entre uma vinculação insegura ou acontecimentos traumáticos nas relações precoces e o surgimento de padrões disfuncionais de personalidade (Blatt, 1991, 1995;

Soares et al., 2007). Pretendemos estudar a relação entre algumas características específicas do modelo de vinculação e os padrões de personalidade, sendo avaliados os padrões Esquizóide, Evitante, Dependente, Histriónico, Narcísico, Anti-Social, Agressivo, Compulsivo, Negativista, Auto-Destrutivo, Esquizotípico, Borderline e Paranóide. Para este propósito, recorreu-se ao Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP) para analisar características inerentes aos modelos de vinculação (Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho, 1999), e ao Inventário Multiaxial Clínico de Millon (MCMI-II) para analisar os padrões de personalidade referidos (Millon, 1987).

Propõe-se também que os mecanismos de defesa privilegiados pelos indivíduos estão relacionados com os padrões de personalidade, fazendo parte da sua formação e funcionamento, e fazendo também, portanto, parte integral das manifestações de comportamentos disfuncionais. Sendo que as perturbações de personalidade são consideradas como variantes extremas da personalidade normal (Millon, 1993, 1996), o aspecto da personalidade que poderá ajudar a diferenciar a personalidade normal da “não normal” poderá ter base nos mecanismos de defesa usados. Isto porque estes, quando numa população com perturbações de personalidade, serão representações extremas de mecanismos de defesa que, utilizadas de forma flexível, fazem parte do funcionamento normal dos indivíduos ditos saudáveis (Bowins, 2010). Ademais, visto que certos estilos de defesa se correlacionam significativamente com certos padrões de personalidade, podemos considerar os mecanismos de defesa como “marcadores” de vulnerabilidade do indivíduo, tornando-se ferramentas úteis aquando da avaliação das escolhas de tratamento, ajustando a intervenção terapêutica às dificuldades observadas no indivíduo, sendo também que formas de defesa imaturas e inflexíveis estão associadas à gravidade manifestada dos comportamentos desadaptativos e das Perturbações de Personalidade (Blatt, 1990, 1991, 1995; Blatt & Blass, 1992; Bond, 2004; Bornstein, 2005; 2006; Bowins, 2010; Ihilevich & Gleser, 1986; Mullen, Blanco, Vaughn & Roose, 1999; T. Millon et al., 2004). Assim, pretende-se estudar de que forma as experiências relacionais precoces do

indivíduo terão influência nas suas atitudes e comportamentos enquanto adulto (padrão de personalidade), e em que grau essas experiências poderão pressupor um estilo de defesa desadaptativo. Para avaliar os modelos de defesa utilizados pelos sujeitos, recorreu-se então ao Defense Mechanisms Inventory (DMI) (Ihilevich & Gleser, 1986).

A população alvo do presente estudo, escolhida por conveniência do mestrando tendo em conta o local (Universidade de Évora) e a intenção de estudar uma amostra não clínica, é composta de estudantes universitários. Não obstante, esta população é particularmente interessante para o estudo da vinculação e do funcionamento da personalidade, visto que é a partir da adolescência que é esperado que os sujeitos se confrontem com uma série de tarefas psicológicas que desafiam as suas capacidades para a descentração cognitiva e a tomada da perspectiva social e para a diferenciação e integração psicológicas, com vista à aquisição de uma maior autonomia e simultaneamente à construção de relações de intimidade (Matos & Costa, 1996). Este é um período particularmente importante na formação da identidade visto que se colocam importantes desafios desenvolvimentais quanto à posição do indivíduo dentro da família e na manutenção de uma relação de apoio com os pais, desafios esses que serão influenciados pelos modelos estabelecidos na sua vinculação com estas figuras (Besser & Blatt, 2007; Ma & Huebner, 2008). Trata-se, no fundo, de um período que deverá consolidar a identidade através de uma crescente independência das figuras parentais, e através da capacidade de se ligar a outras figuras significativas fora da família (Besser & Blatt, 2007; Guisinger & Blatt, 1994).

Nesta linha, um acontecimento particularmente importante na vida do jovem parece ser a transição para o mundo universitário após a conclusão do ensino secundário. Este encontra-se num meio desconhecido que é, simultaneamente, fonte de curiosidade – estimulando o seu sistema de exploração – e de ansiedade – activando assim o sistema de vinculação (Matos & Costa, 1996). E, como já vimos, a influência dos esquemas aprendidos durante a infância na relação com as figuras parentais é determinante para a qualidade da relação com os outros na vida adulta (Ainsworth, 1969; Allen &

Land, 1999; Erozkán, 2009; Ma & Huebner, 2008; Matos & Costa, 1996), uma vez que se mantêm os esquemas internos previamente estabelecidos (Besser & Blatt, 2007; Cassidy, 1999; Ma & Huebner, 2008; Schwartz, 1993). Esta é também uma fase em que é predominante o tema da separação, central à definição do *self*, que por sua vez está também ligado à vinculação visto que o objectivo de atingir um sentido do *self* como separado e o objectivo de atingir uma vinculação de qualidade estão interligados, dependendo dos esquemas de vinculação, estando estes relacionados com a qualidade dos eventos relacionais e intrapsíquicos, determinando acções, sentimentos, e pensamentos do próprio (Blass & Blatt, 1996).

Estes momentos especialmente desafiantes na vida dos jovens constituem, portanto, oportunidades para testar as representações que estes têm de si próprios e dos outros significativos (onde se incluem as figuras parentais), e para contribuir para a consolidação de esquemas mentais em desenvolvimento ou para a sua transformação (Matos & Costa, 1996). Poderá ser por esta razão, aliás, que os critérios de sintomas do DSM-IV para as perturbações de personalidade se aplicam de forma mais directa para jovens adultos (Bornstein, 2006) – ou seja, as particularidades da fase de vida em que se encontram dão uma “coloração” mais “viva” aos sintomas relacionados com o seu padrão de personalidade.

Adicionalmente, a análise de uma amostra não clínica poderá ser particularmente útil, dando uma visão mais “pura” dos padrões disfuncionais da personalidade, visto que numa população clínica existe uma maior probabilidade de comorbidade entre estes com patologias do Eixo I (Luytenn & Blatt, 2010; Sinha & Watson, 2004).

6.2. Hipóteses de investigação

Hipótese 1: Padrão Esquizóide

a) O esquizóide é um recluso da sociedade e aparenta sê-lo por escolha. Não se interessa pela interacção humana e retira-se para um mundo interno constituído por pensamentos abstractos (Debray & Nollet, 2001/2004; Millon, 1994). Este comportamento, típico deste padrão de personalidade, poderá ter

sido promovido num ambiente familiar que tenha ele próprio valorizado pouco as interacções e as trocas emocionais entre os seus membros. Assim, a criança poderá ter assimilado estes valores/comportamentos, fazendo parte integrante da formação da sua personalidade. De facto, o padrão esquizóide está associado a um défice de estimulação de aprendizagem por figuras parentais que por sua vez são frequentemente inibidas, frias e distantes, e a representações de objecto fracas e pouco articuladas, nas quais o objecto tem um carácter assustador e intimidante (Bornstein, 2005; Debray & Nollet, 2001/2004; Millon, 1994; Sherry, Lydon & Henson, 2007). Será portanto de esperar que este processo desenvolvimental com défice de transacções emocionais e afectivas não seja emocionalmente passivo para a criança, podendo esta experienciar sentimentos de rejeição ou de abandono subsequentes por parte de figuras parentais pouco afectivas. Será provavelmente por este motivo que os indivíduos esquizóides evitam o envolvimento emocional e social na sua vida adulta: este tipo de interacção está associado a sofrimento psicológico (Page, 2001). Podemos então propor que os padrões esquizóides (associados com aspectos de inferioridade, crítica e desajustamento social) apresentem uma correlação positiva com as escalas de Abandono e de Rejeição parental do PAMaDeP.

b) Quanto aos mecanismos de defesa, espera-se encontrar uma correlação positiva significativa entre este padrão e o mecanismo de defesa TAS, como sugerido por Berman e McCann (1995).

Hipótese 2: Padrão Evitante

a) O indivíduo evitante teme o objecto, que é a sua grande fonte de ansiedade por este ser visto como extremamente crítico do indivíduo (Bornstein, 2005; Page, 2001; Millon, 1994). O medo do evitante é no fundo o medo de vir a ser rejeitado pelo outro, estando este medo relacionado com experiências precoces e repetidas de rejeição e/ou de críticas por parte das suas figuras significativas, levando a criança a assimilar a noção de que poderá deixar de ser amada a qualquer momento e por qualquer erro (Debray & Nollet, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009; Sherry et al., 2007). Esta

crença irá desenvolver-se durante o crescimento do indivíduo, fazendo-o temer ser ridicularizado ou criticado pelo outro – que é visto como sendo superior a si. Estes factores e a relação próxima entre o padrão evitante e o padrão esquizóide (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009; Millon & Davis, 1996), levam-nos a supor uma correlação positiva do padrão Evitante com as escalas do PAMaDeP de Rejeição parental e de Abandono quando em criança, visto que será pouco provável que o instrumento em si seja suficientemente preciso para encontrar diferenças significativas entre dois padrões “próximos” em termos de génese e sintomatologia.

b) Quanto às correlações entre este padrão e os estilos de defesa em estudo, tendo em conta os resultados do estudo de Berman e McCann (1995), poderemos esperar correlações positivas com os mecanismos de defesa PRO e TAS e correlações negativas com PRN e REV.

Hipótese 3: Padrão Dependente

a) O padrão dependente destaca-se pela sensação de incapacidade do indivíduo em resolver os seus próprios problemas, sendo o objecto representado como confiante e protector (Bornstein, 2005; Millon, 1994; Sherry et al., 2007) e existindo uma forte necessidade da aprovação e do apoio dos outros (Page, 2001). Consequentemente, dada a distância percebida entre si e o outro, sente que não é digno deste e vive na expectativa que este o rejeite (ou abandone), fazendo com que o outro seja uma figura da qual se depende mas na qual não se pode confiar (Sherry et al., 2007). Este padrão encontra-se associado à angústia de separação na infância bem como a mães fóbicas e hiperpreocupadas e a pais indiferentes ou desprovidos de sentido educativo, bem como a figuras parentais superprotectoras e constantemente inquietas, que ampliam a gravidade de pequenos perigos (Debray & Nollet, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). De um modo geral, a sua história familiar é frequentemente caracterizada por figuras parentais que consistentemente transmitem a crença de que o indivíduo cuidado não tem a capacidade de ser independente deles (Sherry et al., 2007). Assim, esperam-se correlações positivas entre este padrão e as escalas do PAMaDeP de Sobreprotecção e

Fusão/Inversão parentais bem como as escalas relativas ao sentimento de Dependência e de Abandono quando em pequeno.

b) Segundo estudos prévios esperamos também encontrar, ao nível dos mecanismos de defesa, correlações positivas com TAS e REV e uma correlação negativa com TAO (Berman & McCann, 1995).

Hipótese 4: Padrão Histriónico

a) As representações internas do objecto – que é considerado como aborrecido e sem interesse (Bornstein, 2005) – no padrão histriónico da personalidade são em grande parte compostas por memórias superficiais de relações passadas, e colecções de afectos e conflitos dissociados do próprio (Millon, 1994). Apesar deste carácter de fraqueza nas representações internas dos objectos, passados e presentes, os histriónicos estão associados a pais raramente severos mas que reforcem êxitos a nível estético e ignorem qualidades intelectuais (Debray & Nolle, 2001/2004). Além do mais, o histriónico é um dependente activo – ele procura de forma activa a atenção, a aprovação e o auxílio dos outros através da sedução (Debray & Nolle, 2001/2004; Page, 2001). Devido a estes factores e à proximidade entre o padrão histriónico e o padrão dependente (Millon & Davis, 1996; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009) deveremos esperar que tenham também géneses “próximas” e por isso é possível que se encontrem correlações positivas entre o padrão histriónico e as escalas do PAMaDeP de Sobreprotecção e Fusão/Inversão às figuras parentais, bem como a escala de sentimento de Dependência quando em criança.

b) Quanto a mecanismos de defesa, tendo em consideração o estudo de Berman e McCann (1995), deveremos encontrar para este padrão de personalidade correlações positivas com TAO e correlações negativas com TAS.

Hipótese 5: Padrão Narcísico

a) No padrão narcísico as representações internas são compostas de memórias ilusórias de relações passadas, sendo que desejos e conflitos

inaceitáveis para o *self* são facilmente transformados consoante a sua necessidade, e os restantes são de natureza dissimulada e pretenciosa (Millon, 1994). O objecto em si é representado como sendo de pouca importância e valor, pronto a ser usado para os propósitos egotistas do indivíduo narcísico (Bornstein, 2005; Page, 2001). Tal como com o padrão Histriónico, com o qual partilha características (Millon & Davis, 1996; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), espera-se portanto que, apesar de possíveis fracas relações entre os padrões e os aspectos de vinculação, existam correlações positivas significativas entre o padrão narcísico e as escalas do PAMaDeP relacionadas com Sobreprotecção parental, sendo esta representante de figuras parentais que respondam aos filhos com uma admiração exagerada (supergratificação narcísica), distorcendo a imagem de si mesmo, acentuada por uma modelagem social, e resultando num falso sentimento de se ser “especial” ou superior aos outros (Debray & Nollet, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Por se pensar que a origem deste esquema possa também ter a ver com um sentimento de carência, de insuficiência ou de inferioridade num clima familiar pouco caloroso, destacando-se uma figura materna pouco afectiva (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), podemos também considerar a hipótese de uma correlação positiva entre o padrão narcísico da personalidade e as escalas de Rejeição – particularmente por parte da figura materna – e de sentimento de Abandono quando em criança representadas no PAMaDeP.

b) Para além destas correlações, segundo o estudo de Berman e McCann (1995), deveremos encontrar no padrão narcísico da personalidade um estilo de defesa semelhante ao do padrão histriónico, pelo qual podemos considerar a existência de uma correlação positiva com TAO e de uma correlação negativa com TAS.

Hipótese 6: Padrão Anti-Social

a) O padrão anti-social implica uma renegação das obrigações pessoais e a desvalorização dos outros, sendo as representações internas compostas de relações degradadas que proporcionam atitudes vingativas e impulsos cáusticos (Millon, 2004), nas quais o objecto é representado como sendo

ingénuo e que facilmente cede confiança (Bornstein, 2005). O indivíduo anti-social possui, além do mais, uma necessidade primária de confiar unicamente em si próprio – ideia que lhe traz segurança e conforto (Page, 2001). A associação entre este padrão e a rejeição por parte das figuras parentais e do corpo social (Debray & Nolle, 2001/2004) indicará que estes padrões possam assim ter uma génese associada a elementos de vinculação que marcam o disfuncionamento interpessoal englobados nas escalas do PAMaDeP relativas à Rejeição parental e ao sentimento de Abandono quando em criança.

b) Já quanto à relação entre este padrão de personalidade e mecanismos de defesa, segundo o estudo de Berman e McCann (1995) que recorreu também à aplicação do DMI, deveremos esperar correlações positivas entre este padrão e os mecanismos de defesa TAO e PRO.

Hipótese 7: Padrão Agressivo

a) No padrão agressivo da personalidade as representações internas do passado são marcadas por relações precoces que geraram fortes impulsos agressivos e atitudes maliciosas, bem como um embotamento de memórias sentimentais, afectos positivos, conflitos internos, culpa ou vergonha (Millon, 1994). Aspectos relacionados com a experiência de rejeição, abuso e abandono por parte das figuras significativas durante as relações precoces poderão contribuir para a formação deste padrão de personalidade, embutindo no indivíduo, desde a sua infância, uma necessidade de “vingança” do outro, promovendo assim a falta de empatia no sofrimento dos outros (e, de facto, promovendo a satisfação perante o sofrimento dos outros) e as atitudes cáusticas que são típicas no sujeito agressivo. Poderemos então propor que o padrão agressivo da personalidade se correlacionará com as escalas do PAMaDeP relativas à Rejeição parental e ao sentimento de Abandono quando em criança.

b) Quanto aos mecanismos de defesa predominantes no padrão agressivo da personalidade, Millon (1994) sugere um efeito de isolamento e um embotamento emocional, pelo que poderemos esperar correlações positivas com o estilo de defesa PRN indicado no DMI, dado que estes mecanismos

estão incluídos neste estilo de defesa (Ihilevich & Gleser, 1986). Mais, pelo próprio funcionamento do indivíduo agressivo, que é caracterizado como extremamente reactivo e que age de forma abrupta e inesperada sem contemplação prévia sobre a consequência dos seus actos (Millon, 1994; Page, 2001), podemos esperar também uma correlação positiva com TAO.

Hipótese 8: Padrão Compulsivo

a) Como já referimos, é frequente constatar que os indivíduos com um padrão compulsivo da personalidade desenvolveram a sua personalidade no seguimento de figuras parentais rígidas que adoptam uma aparência conforme e perfeita, reforçando leis e ordenando a sua obediência (Debray & Nollet, 2001/2004). No entanto, para estes indivíduos apenas as representações internas que adiram a afectos e atitudes socialmente aprovados são trazidos ao seu consciente, regulando-se a si próprios e silenciando impulsos e conflitos que não correspondam à sua imagem de figura imaculada (Millon, 1994). Sendo assim poderá haver uma menor correlação com as variáveis em estudo do que aquela que será, de facto, real. No entanto, devido à natureza regrada destes indivíduos, que é assimilada por aprendizagem directa com figuras parentais que forçam e adoptam elas próprias uma imagem de perfeição, esperam-se ainda assim correlações positivas entre este padrão e as escalas do PAMaDeP de Sobreprotecção e Fusão/Inversão parentais e Hiperpreocupação com as figuras parentais quando em pequeno, visto que uma relação marcada pelo reforço parental de uma atitude de conformismo às regras e pela identificação com as figuras parentais, será, pelo menos parcialmente, explicativa do desenvolvimento deste padrão.

b) Ao nível dos mecanismos de defesa associados a este padrão, o estudo de Berman e McCann (1995) levam-nos a esperar correlações positivas com PRN e REV e correlações negativas com TAO.

Hipótese 9: Padrão Negativista

a) No padrão negativista as representações internas do passado incluem relações complexas e incompatíveis, levando a emoções contraditórias,

inclinações conflituosas e memórias irreconciliáveis que são fomentadas pelo desejo de degradar os feitos e prazeres dos outros de forma subreptícia (Millon, 1994). Desta forma, os indivíduos negativistas procuram manter um envolvimento emocional que é tipicamente superficial e que tem na verdade um núcleo hostil que é escondido do outro (Page, 2001). Como já foi referido, este padrão está associado a uma atitude pouco clara das figuras parentais, também elas ambivalentes e que alternam de forma incompreensível entre o afecto e a rejeição (Debray & Nollet, 2001/2004). Como tal, poderemos supor que este padrão se correlacione com escalas do PAMaDeP que sejam elas próprias contraditórias, e portanto é possível que encontremos correlações positivas simultâneas com as escalas de Rejeição e Sobreprotecção parentais e com as escalas de sentimento de Dependência e de Abandono quando em criança.

b) Visto que Millon (1994) refere que este padrão de personalidade tem associado a si como tipo de defesa a deslocação, podemos esperar correlações positivas com o estilo de defesa TAO, visto que este inclui esse mesmo mecanismo de defesa (Ihilevich & Gleser, 1986).

Hipótese 10: Padrão Autodestrutivo

a) O padrão autodestrutivo implica uma posição de inferioridade, abjecção, auto-sacrifício e serviliência e uma aceitação de crítica e culpa não merecidas, sendo que as representações de objecto são compostas de relações passadas que falharam (Millon, 1994). Através da noção dos modelos internos, estas características deverão ser vistas como representativas das relações precoces pelo que poderemos supor que já nas relações precoces destes indivíduos eles tenham sido “colocados” nesta posição de inferioridade e de abjecção, assimilando o sentimento de que realmente não têm valor e que não são merecedores de prazer. E por isso mesmo podem também encontrar-se numa posição em que “servem” o outro em detrimento de si próprios ou ignorando/rejeitando as suas necessidades, principalmente quando estas se encontrem em conflito com as do objecto. Sendo assim, devido à sua posição de inferioridade e de aceitação de crítica, bem como à sua posição de

serviliência do outro em detrimento de si, podemos considerar que este padrão se correlacione positivamente com as escalas do PAMaDeP de Rejeição parental e sentimentos de Abandono e Hiperpreocupação com a família quando em criança.

b) Quanto ao tipo de defesa utilizado por estes sujeitos, Millon (1994) refere que há um mecanismo de exageração no qual o indivíduo mantém níveis de dor emocional aos quais está acostumado, inflacionando aspectos negativos tanto no seu interior como exterior. Tal está em concordância com a definição dos mecanismos de defesa TAS (Ihilevich & Gleser, 1986), pelo qual se espera uma correlação positiva entre este padrão e este estilo de defesa.

Hipótese 11: Padrão Esquizotípico

a) Os indivíduos esquizotípicos manifestam um isolamento social e experienciam intensa ansiedade e apreensão sociais (Debray & Nolle, 2001/2004). A sua história desenvolvimental é frequentemente marcada por figuras parentais que possuem um estilo parental frio e depreciativo (Sherry et al., 2007). Estas características, bem como o facto das representações internas serem um aglomerado caótico de relações e afectos precoces nos quais o objecto é visto como algo de que o indivíduo não se pode dar ao luxo de depender (Bornstein, 2005; Debray & Nolle, 2001/2004; Millon, 1994), e a proximidade entre este padrão e os padrões evitante e esquizóide (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), levam à possibilidade de que este se correlacione com as escalas do PAMaDeP de Rejeição parental e de sentimento de Abandono quando em criança.

b) Segundo a literatura consultada sobre mecanismos de defesa, deveremos também encontrar para este padrão correlações positivas com os mecanismos PRO e TAS e correlações negativas com os mecanismos PRN e REV (Berman & McCann, 1995).

Hipótese 12: Padrão Borderline

a) Os indivíduos borderline reportam frequentemente a existência de trauma no seu passado. No entanto este trauma é subjectivo, ou seja, é

qualquer evento que o indivíduo possa ter experienciado como traumático (Bowins, 2010). Embora pareça ser verdade que existe nesta população uma considerável incidência de maus tratos e carências afectivas durante a infância (Debray & Nollet, 2001/2004; Sherry et al., 2007), a análise apenas de abuso sexual ou físico poderá ignorar vários outros cenários que uma criança possa experienciar como traumáticos, visto que as crianças são particularmente sensíveis ao trauma dado ainda não terem bem desenvolvidas estruturas cognitivas que lhes permitam lidar com eventos que, de forma objectiva, poderão parecer inócuos (Bowins, 2010). Apesar destas dificuldades, visto que as questões de rejeição e de abandono são centrais ao funcionamento dos indivíduos com este padrão (Millon, 1994; Sherry et al., 2007), e dada a proximidade entre o padrão Borderline e os padrões narcísico, histriónico, esquizotípico e em particular o padrão anti-social (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), deveremos encontrar correlações positivas entre o padrão Borderline e as escalas do PAMaDeP de Rejeição parental e de sentimentos de Abandono.

b) Quanto aos mecanismos de defesa, o estudo de Berman e McCann (1995) leva-nos a esperar encontrar para este padrão correlações positivas com TAS e correlações negativas com PRN e REV.

Hipótese 13: Padrão Paranóide

a) Existe uma associação entre este padrão e o sentimento de infelicidade, vergonha e/ou culpabilidade durante a infância, bem como um superinvestimento por parte de figuras parentais e/ou uma forte identificação com uma figura parental (Debray & Nollet, 2001/2004). A história familiar destes indivíduos inclui frequentemente alguma forma de rejeição e perseguição activa por parte das figuras parentais bem como uma abordagem parental altamente crítica e vigilante (Sherry et al., 2007). Estes dados, conjuntamente com a proximidade existente entre este padrão e os padrões narcísico, evitante, esquizóide, esquizotípico e borderline (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009) levam-nos a esperar correlações positivas entre este padrão e as escalas do PAMaDeP de Sobreprotecção, Rejeição e

Fusão/Inversão parentais bem como o sentimento de Abandono quando em criança.

b) Pela própria definição do padrão paranóide, espera-se uma correlação positiva forte entre este padrão e o estilo de defesa PRO (Millon, 1994) e adicionalmente, segundo os resultados do estudo de Berman & McCann (1995), uma correlação negativa com PRN.

7. Metodologia

7.1. Participantes

Para os propósitos deste estudo recorreu-se a uma população não clínica de 163 estudantes de 1º ciclo da Universidade de Évora, dos cursos de Gestão (1º ano), Psicologia (2º e 3º ano) e Ciências do Desporto (3º ano). Esta população foi escolhida por conveniência do mestrando tendo em conta o local e dado que desejávamos estudar uma população não clínica. Dos 163 protocolos obtidos, 145 apresentaram-se válidos sendo que um total de 18 sujeitos foram eliminados devido a desistências e preenchimento incompleto ou incorrecto.

Como se pode observar no Gráfico 1, a amostra de 145 estudantes é constituída por 100 participantes do sexo feminino e 45 do sexo masculino. Era intenção obter uma amostra mais equilibrada em termos de sexo mas tal não foi possível devido ao próprio desequilíbrio entre sexos na população universitária, sendo que o sexo feminino é mais numeroso e portanto mais acessível para recolha.

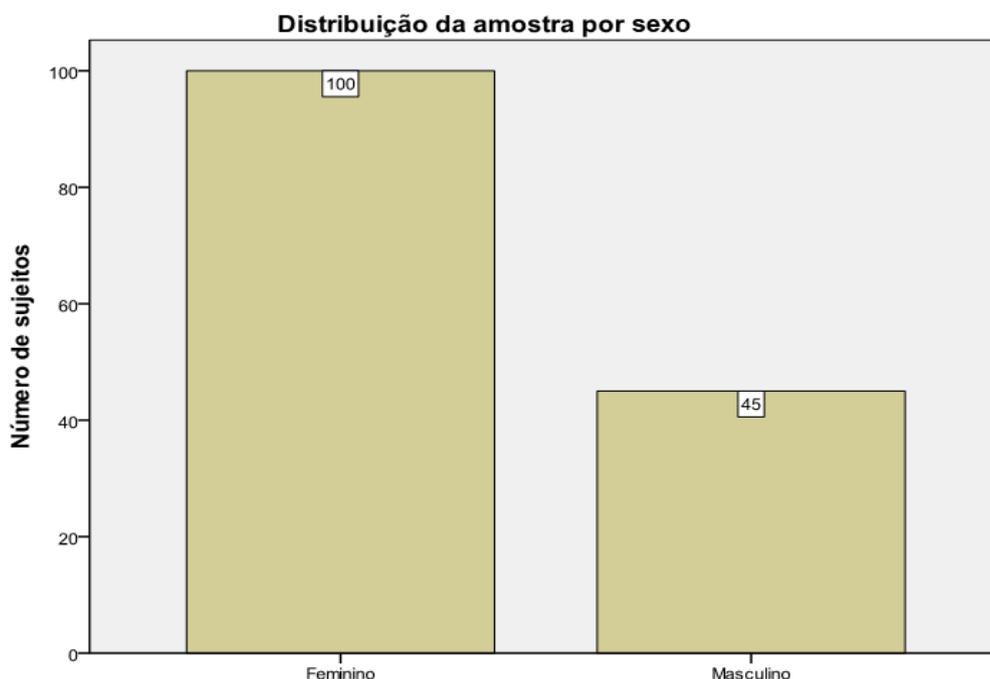


Gráfico 1. Distribuição dos participantes da amostra por sexo

No Gráfico 2 podemos ver a distribuição da amostra por idade. A média de idades foi de 23 anos ($M=23,33$) com um desvio-padrão de 6,256 anos, tendo como idade máxima 48 anos e idade mínima 18. A amostra é constituída maioritariamente por jovens adultos, sendo que os sujeitos mais velhos com idade superior a 25 anos (18,4% da amostra) pertenciam, na sua maioria, à classe de trabalhador-estudante.

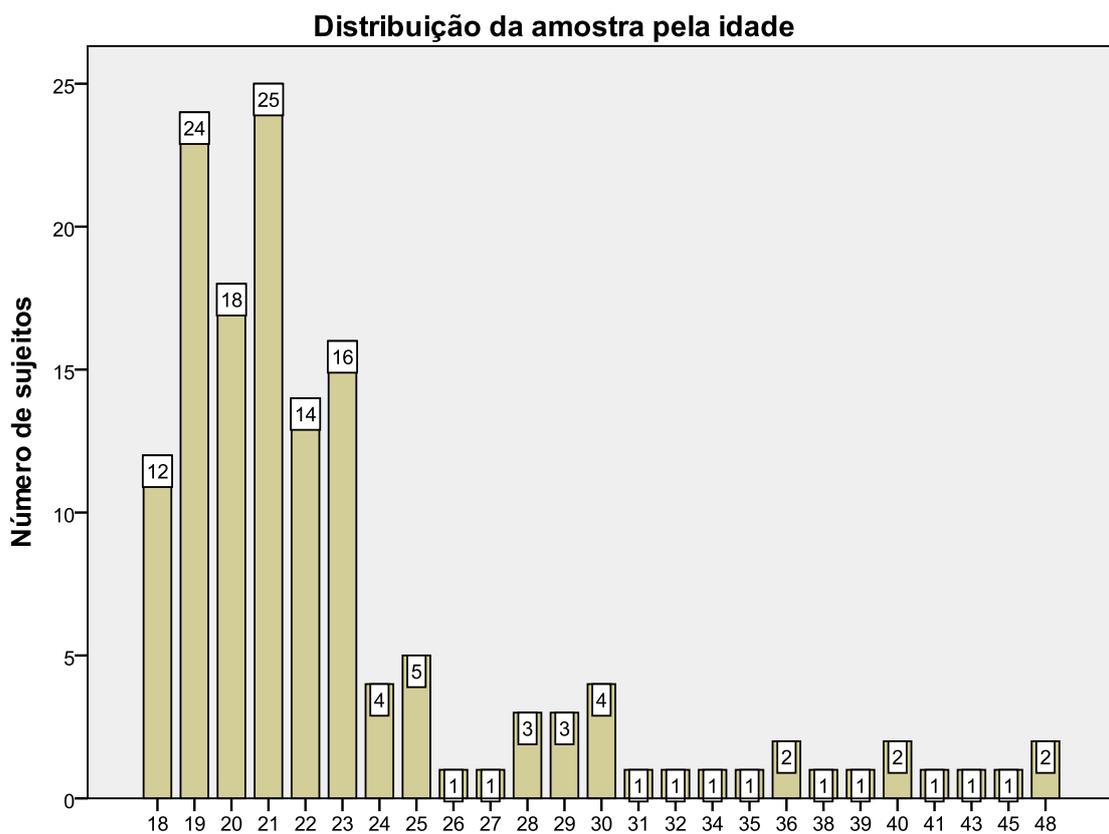


Gráfico 2. Distribuição dos participantes da amostra pela idade

Nos Gráficos 3 e 4 podemos observar melhor a frequência de sujeitos pelo curso e ano. A maioria é constituída por alunos de Psicologia cujas turmas tinham um maior número de alunos, e a maior parte da amostra está no 3º ano do 1º ciclo.

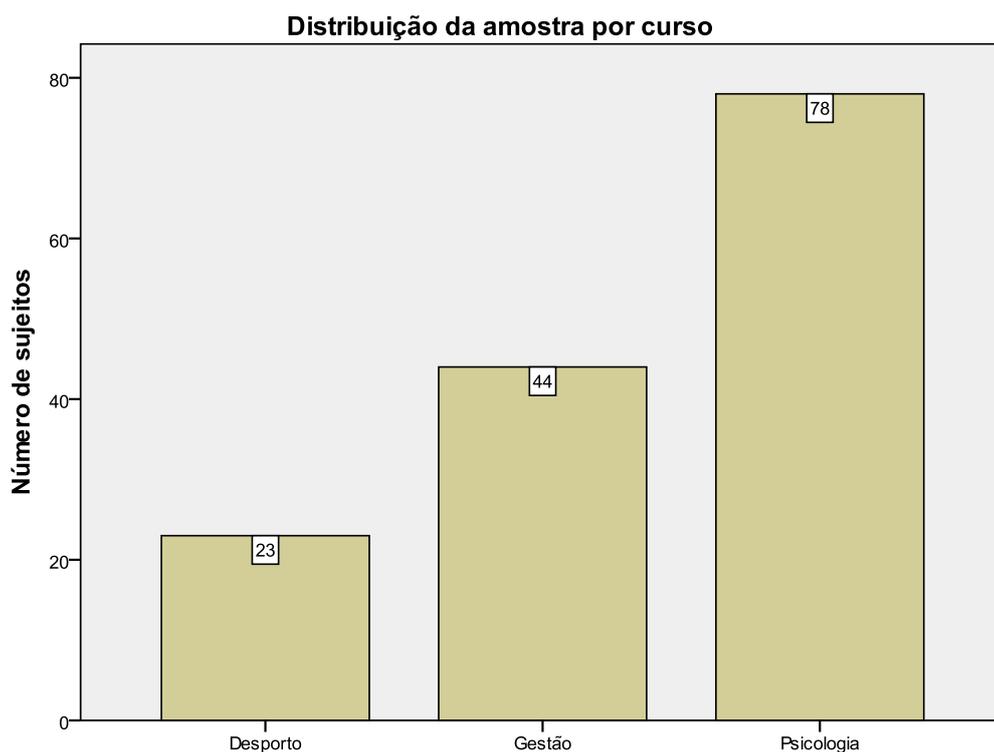


Gráfico 3. Distribuição dos participantes da amostra por curso

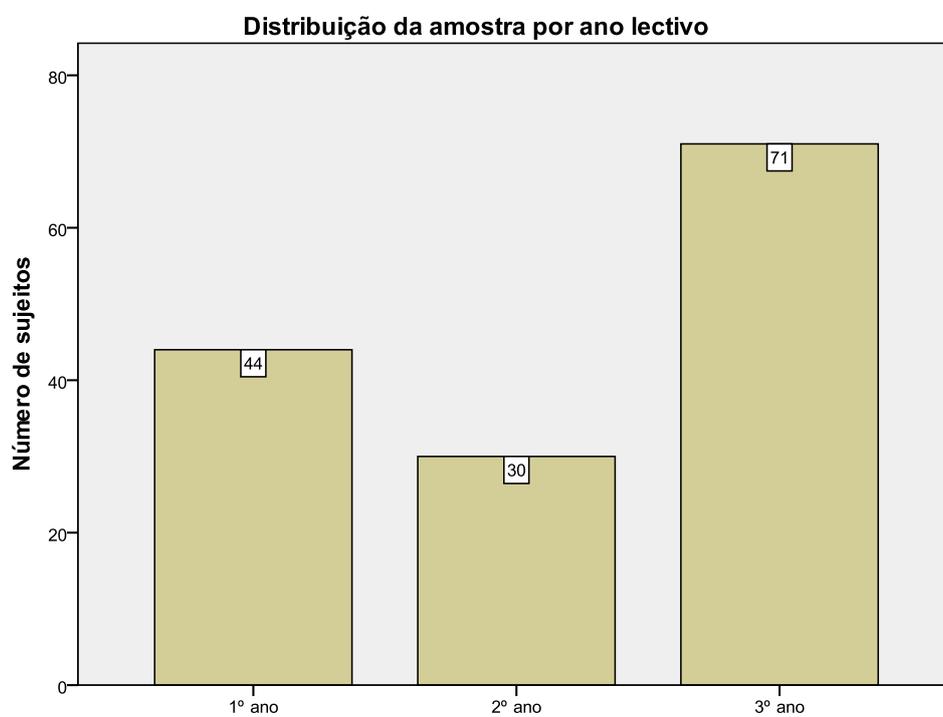


Gráfico 4. Distribuição dos participantes da amostra por ano lectivo

7.2. Instrumentos de medida

7.2.1. Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP)

Para avaliar aspectos qualitativos da vinculação dos sujeitos, recorreu-se ao Protocolo de Avaliação de Marcadores do Desenvolvimento na Psicopatologia (PAMaDeP). O PAMaDeP é um instrumento de auto-relato desenvolvido por Soares, Rangel-Henriques, Neves e Pinho (1999), construído com o objectivo de explorar a existência de indícios psicopatológicos na história do sujeito e a possibilidade de diferenciar subgrupos quanto aos percursos desenvolvimentais dos sujeitos com diferentes perturbações (Dias, 2007). O desenvolvimento deste instrumento teve por base a teoria de Guidano e Liotti (1983), que realça a importância das relações precoces de vinculação na organização de significados pessoais. Os resultados de diversos estudos empíricos mostram uma associação entre perturbações psicopatológicas na idade adulta e determinadas perturbações do processo de desenvolvimento durante a infância e a adolescência (Dias, 2007). Para avaliar a relação entre os processos de vinculação e as perturbações psicopatológicas nos adultos, os autores desenvolveram quatro questionários com objectos de estudos específicos, sendo que dois se centram na percepção da qualidade da relação de vinculação com as figuras de vinculação primárias (“Forma Mãe” e “Forma Pai”), um terceiro centra-se na percepção do funcionamento durante a infância e adolescência (“Quando era pequeno”) e o quarto foca-se na percepção de características do sujeito antes de surgir a perturbação (“Antes de ter este problema”) (Dias, 2007; Soares & Dias, 2007). No presente trabalho foram utilizados os três primeiros, visto que o último – “Antes de ter este problema” – reporta-se directamente a uma situação de patologia diagnosticada e, portanto, não é passível de aplicação neste estudo.

Os questionários foram elaborados em duas formas distintas (M e F) para sujeitos do sexo masculino e feminino, respectivamente. Todos os questionários são constituídos por questões fechadas a serem respondidas

numa escala tipo Likert de quatro pontos, em que 1 corresponde a “discordo totalmente” e 4 a “concordo totalmente”.

Os questionários “Forma Mãe” e “Forma Pai” são compostos por 3 subescalas: Rejeição, Sobreprotecção e Fusão/Inversão de papel (Dias, 2007). As sub-escalas de Rejeição integram itens relativos à percepção de rejeição, na infância, por parte da mãe e do pai (ex.: “o meu pai fazia-me sentir que eu era um fardo para ele”; “A minha mãe não tinha tempo para mim”) (Dias, 2007). As subescalas de Sobreprotecção são compostas por itens que apelam à percepção de ter sido excessivamente protegido na infância pela mãe ou pelo pai, limitando a execução de autonomia (ex.: “A minha mãe tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé”; “O meu pai, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer”) (Dias, 2007). As subescalas de Fusão/Inversão de papel são constituídas por itens relativos à percepção de uma relação fusional, com inversão da prestação de cuidados com a mãe ou com o pai (ex.: “A minha mãe e eu éramos amigos(as) inseparáveis”; “A minha mãe confidenciava-me os seus problemas e preocupações”; “O meu pai precisava de todo o meu apoio e atenção”) (Dias, 2007).

O questionário “Quando era pequeno(a)” é constituído por 4 subescalas: Abandono, Dependência, Hiperpreocupação com a família, e Perda (Dias, 2007). A subescala de Abandono é composta por itens relativos à percepção de experiências de abandono e rejeição na infância (ex.: “Quando era pequeno(a), senti-me abandonado(a) pelos meus pais”) (Dias, 2007). A subescala de Dependência possui itens relacionados com a percepção de dependência em relação aos adultos, durante a infância (ex.: “Quando era pequeno(a), sentia-me excessivamente frágil perante obstáculos ou dificuldades”) (Dias, 2007). Relativamente à subescala de Hiperpreocupação com a família, esta é composta por itens que se reportam à experiência, durante a infância, de uma preocupação excessiva com a família (ex.: “Quando era pequeno(a), tinha medo que a minha família se separasse”; “Quando era pequeno, sentia-me responsável por manter a união e harmonia familiar”) (Dias, 2007). Para além destas subescalas, o questionário “Quando era pequeno(a)” tem também a escala de Perda que possui itens relativos a

experiências de doença (ex.: “Quando era pequeno(a), sofri muito com a doença de um dos meus pais”), morte (ex.: “Quando era pequeno(a), a minha vida sofreu alterações muito negativas após a morte de um dos meus pais”), ou ausência prolongada (ex.: “Quando era pequeno(a), sofri a ausência de um dos meus pais ou dos dois, durante um período de tempo prolongado”) por parte de um ou ambos os pais (Dias, 2007).

Estes questionários – “Forma Mãe”, “Forma Pai” e “Quando era Pequeno(a)” – foram alvo de um estudo psicométrico, tendo sido aplicados junto de uma amostra não clínica (Dias, 2007). As evidências quanto à validade e fidelidade aparentam ser satisfatórias em todas as dimensões avaliadas (Dias, 2007). Adicionalmente, a investigação mostra que este tipo de metodologia – a recolha de informação sobre as representações da vinculação com as figuras parentais – não resulta em simples artefactos induzidos por distorções mnésicas ou pelo humor durante a resposta ao teste (Blatt, 2004).

7.2.2. *Inventário Multiaxial Clínico de Millon (MCMI-II)*

Para medir os padrões disfuncionais de personalidade dos sujeitos, recorreu-se a uma tradução integral da versão original americana do MCMI-II (Millon, 1987), utilizada na prática clínica portuguesa por diversos psicólogos. O MCMI-II, publicado em 1987, é um instrumento objectivo de avaliação da personalidade, cuja aplicação tem como objectivo fornecer informação aos clínicos em contexto de diagnóstico psicológico e de tomada de decisão sobre a intervenção terapêutica. Apesar de não ter sido desenvolvido com o propósito de ser utilizado em populações não clínicas para a avaliação de padrões de personalidade, tem sido utilizada com esse propósito na investigação, sendo aplicado tanto a amostras clínicas como não clínicas (Campos, 2006).

É um instrumento de auto-relato, constituído por 175 itens e 21 escalas clínicas que estão em consonância com o sistema de classificação da Associação Psiquiátrica Americana (DSM) e com o modelo do autor (Millon, 1994), e 4 escalas de validade de resposta. Estas escalas agrupam-se em 5 tipos: *Padrões clínicos da personalidade*, *Patologia grave da personalidade*, *Síndromes clínicas*, *Síndromes clínicas graves* e *Índices de validade*.

Relativamente aos *Padrões clínicos da personalidade*, eles são: Esquizóide, Evitante, Dependente, Histriónico, Narcísico, Anti-Social, Agressivo (Sádico), Compulsivo, Negativista (Passivo-Agressivo), e Autodestrutivo. Resultados elevados nestas escalas reflectem padrões de personalidade duradouros e evasivos, com carácter patológico, que tipificam determinados estilos de comportamento, percepção, pensamento, afecto, e de relação com os outros. Embora os pacientes possam exhibir sintomas de tipo agudo, estes padrões referem-se ao seu padrão caracterológico pré-mórbido (Millon, 1987).

A *Patologia grave da personalidade*, por sua vez, é avaliada por 3 escalas: Esquizotípico, Estado-Limite (Borderline) e Paranóide. Os padrões de personalidade avaliados por estas 3 escalas são considerados elaborações ou derivações de um determinado padrão básico de personalidade, que se desenvolvem perante situações crónicas e persistentes de adversidade. Por mais desadaptativos que os padrões de comportamento dos indivíduos com estas perturbações possam ser, devem sempre ser vistos como extensões e distorções consonantes e totalmente derivadas dos padrões básicos (Millon, 1987).

As *Síndromas clínicas* são medidas através das escalas: Ansiedade, Somatoforme, Bipolar, Distímica, Dependência de Álcool, e Dependência de Substâncias. As *Síndromas clínicas graves*, são avaliadas pelas escalas: Perturbação de pensamento, Depressão Major, e Perturbação delirante.

Neste estudo serão utilizadas 13 escalas de personalidade, ou seja, as 10 escalas de *Padrões clínicos da personalidade* e as 3 escalas de *Patologia grave da personalidade*.

7.2.3. Defense Mechanisms Inventory (DMI).

Para medir os tipos de mecanismos de defesa dos sujeitos aplicou-se o Inventário de Mecanismos de Defesa (DMI) (Ihilevich & Gleser, 1986). O DMI apresenta 10 pequenas vinhetas descrevendo situações conflituosas da vida quotidiana e pede-se ao sujeito para que, relativamente a cada vinheta, escolha em blocos de cinco opções (uma opção para cada um dos cinco tipos de mecanismos de defesa operacionalizados pelo inventário) a opção que está

mais e menos perto da sua opinião. Existem quatro blocos de opções para cada vinheta e estão relacionados com o que a pessoa faria em termos de comportamento real, o que faria na fantasia, o que pensaria e o que sentiria. São obtidos resultados para cinco escalas: *Turning Against Object* (TAO) – esta classe de defesas lida com o conflito através do ataque ao objecto frustrante. *Projection* (PRO) – estão aqui incluídas as defesas em que o sujeito justifica a expressão da agressão em direcção a um objecto externo ao atribuir-lhe sem evidência real, uma intenção ou características negativas. *Principalization* (PRN) – esta classe de mecanismos lida com o conflito através da invocação de um princípio geral ou em que "se separa" o afecto do conteúdo ideativo e suprime o primeiro (como por exemplo o isolamento e a intelectualização). *Turning Against Self* (TAS) – nesta classe estão as defesas que lidam com o conflito através do dirigir o comportamento agressivo em relação a si mesmo. *Reversal* (REV): esta categoria inclui as defesas que lidam com o conflito, respondendo de forma positiva ou neutra a um objecto frustrante que se esperaria evocar uma reacção negativa (por exemplo, negação e formação reactiva).

A versão portuguesa do DMI apresenta propriedades psicométricas aceitáveis (Justo, 1989; no prelo).

7.3. Procedimento

Através do contacto, por correio electrónico e posteriormente pessoal, com docentes e directores de departamento da Universidade de Évora – dos cursos de Psicologia, Gestão e Ciências do Desporto – foi possível definir um horário em que fosse permitido aplicar os questionários às turmas de licenciatura dos cursos de Psicologia, Gestão e Ciências do Desporto.

Foi pedido aos estudantes que preenchessem o PAMaDeP, o MCMI-II e DMI durante o período de aula cujo tempo foi disponibilizado pelos docentes. Após uma breve introdução, esclarecimento dos objectivos e das tarefas, foi entregue a cada aluno um pacote com os três questionários, contendo a primeira página de cada pacote as instruções e a garantia de anonimato e confidencialidade. Devido às características dos testes utilizados, os pacotes

estavam separados por género masculino (Anexo I) e feminino (Anexo II). Após a entrega, os docentes retiraram-se e os questionários foram preenchidos durante o tempo de aula na presença do mestrando, o que permitiu o esclarecimento de dúvidas, recebendo este os questionários à medida que os alunos os terminavam. A colaboração foi voluntária e era permitido aos alunos que, se assim o desejassem, desistissem da tarefa e se retirassem após assinarem a folha de presença fornecida pelo docente da cadeira.

7.4. Metodologia de análise dos dados recolhidos

Os resultados foram analisados recorrendo ao *software* SPSS versão 19.0 bem como ao STATA versão 10.0. Foi necessária a utilização do STATA para além do SPSS visto que o *software* STATA permite realizar *Regressões Robustas* quando não se validam os pressupostos necessários para a realização de uma *Regressão Linear* (Yaffee, 2002).

Este trata-se, fundamentalmente, de um estudo do tipo correlacional, sendo calculadas as relações entre os resultados nas escalas de personalidade do MCMI-II e os resultados nas escalas do PAMaDeP e do DMI, através de *Correlações de Pearson*, de *Regressões Lineares* e de *Regressões Robustas*.

8. Resultados

8.1. Estatística descritiva

Na Tabela 1 podemos observar os valores médios obtidos em cada um dos padrões de personalidade avaliados pelo MCMI-II, bem como os valores mínimos, máximos e os desvios-padrão. O mesmo podemos observar em relação aos mecanismos de defesa e às escalas de vinculação, nas Tabelas 2 e 3, respectivamente.

Tabela 1

Médias, máximos, mínimos e desvios-padrão das escalas de personalidade do MCMI-II

Padrão de Personalidade	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Esquizóide	3	46	17,52	8,230
Evitante	3	67	18,12	11,363
Dependente	12	46	26,25	7,261
Histriónico	8	51	31,61	8,473
Narcísico	13	63	40,02	9,153
Anti-Social	10	65	30,32	9,104
Agressivo	15	68	30,76	9,446
Compulsivo	19	53	36,30	7,164
Negativista	2	61	26,81	11,527
Autodestrutivo	1	55	16,10	11,048
Esquizotípico	2	52	15,81	10,262
Borderline	1	78	24,89	14,809
Paranóide	3	56	29,93	10,158

Tabela 2

Médias, máximos, mínimos e desvios-padrão dos estilos de defesa do DMI

Mecanismo de Defesa	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
TAO	14	64	39,99	9,329
PRO	15	59	40,30	6,281
PRN	14	59	46,04	7,548
TAS	14	54	35,12	7,269
REV	14	54	36,08	7,825

Tabela 3

Médias, máximos, mínimos e desvios-padrão das escalas de vinculação do PAMaDeP

Aspecto de Vinculação		Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Pai	Rejeição	0	113	55,88	20,009
	Sobreprotecção	0	52	27,88	9,049
	Fusão/Inversão	0	21	12,37	4,120
Mãe	Rejeição	0	97	45,50	14,953
	Sobreprotecção	0	63	36,36	9,063
	Fusão/Inversão	0	30	21,25	5,093
Quando era pequeno (a)	Abandono	0	31	14,98	4,912
	Dependência	0	24	14,49	3,608
	Hiperpreocupação	0	20	11,94	3,375
	Perda	0	8	2,39	1,319

8.2. Análise de correlações

Visto tratar-se de um estudo de natureza correlacional, recorreu-se ao cálculo das *Correlações de Pearson* (dado que se tratam de variáveis contínuas), no sentido de estudar a relação entre as escalas do MCMI-III e as escalas do PAMaDeP e do DMI.

8.2.1. Resultados

Nas Tabelas 4 e 5 podemos observar os resultados das Correlações de Pearson efectuadas nestas variáveis, estando os valores das correlações significativas marcadas a negrito. Prej, Psobr e Pfus referem-se, respectivamente, às escalas de Rejeição, Sobreprotecção e Fusão/Inversão de papéis relativamente à figura Paterna. Da mesma forma Mrej, Msobr e Mfus referem-se às mesmas escalas mas relativamente à figura Materna. Qaban, Qdep, Qhiper e Qperda referem-se às escalas de Abandono, Dependência, Hiperpreocupação com a família e Perda relativas às experiências dos sujeitos durante a sua infância. TAO, PRO, PRN, TAS e REV referem-se aos tipos de defesa medidos pelo DMI, respectivamente *Turning Against Object*, *Projection*, *Principalization*, *Turning Against Self* e *Reversal*.

Tabela 4

Resultados das Correlações de Pearson

Padrão de Personalidade (MCMI-II)	Aspectos de Vinculação (PAMaDeP)									
	Prej	Psobr	Pfus	Mrej	Msobr	Mfus	Qaban	Qdep	Qhiper	Qperd
Esquizóide	.148	.078	-.011	.226**	.265**	-.053	.342**	.109	.073	-.060
Evitante	.113	.127	.079	.195*	.344**	.029	.390**	.255**	.236**	-.031
Dependente	-.001	.234**	.252**	-.126	.290**	.285**	-.022	.262**	.286**	-.110
Histriónico	.116	.257**	.086	-.007	.145	.095	.003	.010	.218**	.018
Narcísico	.149	.238**	.071	.149	.142	-.018	.183*	-.008	.212*	.053
Anti-Social	.157	.192*	.006	.183*	.153	-.081	.183*	.001	.183*	.031
Agressivo	.147	.081	-.107	.028	.073	-.075	.082	.064	.100	.071
Compulsivo	.055	.131	.103	-.051	.032	.058	.066	.155	.128	-.010
Negativista	.250**	.152	-.055	.157	.330**	.046	.382**	.220**	.265**	.014
Autodestrutivo	.169*	.206*	.152	.084	.380**	.166*	.304**	.276**	.303**	-.093
Esquizotípico	.119	.185*	.128	.205*	.347**	.048	.369**	.289**	.240**	-.051
Borderline	.239**	.171*	.035	.141	.359**	.107	.398**	.219**	.292**	-.023
Paranóide	.108	.305**	.135	.153	.284**	.054	.262**	.229**	.407**	-.004

Nota: Prej – Rejeição paterna; Psobr – Sobreprotecção paterna; Pfus – Fusão/Inversão à figura paterna; Mrej – Rejeição materna; Msobr – Sobreprotecção materna; Mfus – Fusão/Inversão à figura materna; Qaban – Abandono; Qdep – Dependência; Qhiper – Hiperpreocupação; Qperd – Perda;

*p<0.05

**p<0.01

Tabela 5

Resultados das Correlações de Pearson (cont.)

Padrão de Personalidade (MCMI-II)	Mecanismos de Defesa (DMI)				
	TAO	PRO	PRN	TAS	REV
Esquizóide	-.085	-.054	-.089	.204*	-.057
Evitante	-.079	-.069	-.118	.323**	-.099
Dependente	-.268*	-.211*	-.094	.252**	.127
Histriónico	.156	-.055	-.038	-.075	-.094
Narcísico	.161	-.023	-.091	-.095	-.162
Anti-Social	.313**	.107	-.127	-.144	-.180*
Agressivo	.291**	.147	-.073	-.051	-.200*
Compulsivo	-.214**	-.079	.069	.141	.084
Negativista	.188*	.073	-.120	.144	-.233**
Autodestrutivo	-.059	-.088	-.039	.382**	-.067
Esquizotípico	-.087	-.055	-.174*	.293**	-.103
Borderline	.084	-.004	-.074	.286**	-.181*
Paranóide	.026	.011	-.142	.026	-.098

Nota: TAO – Turning Against Object; PRO – Projection; PRN – Principalization;

TAS – Turning Against Self; REV – Reversal;

*p<0.05

**p<0.01

Como podemos ver, o padrão Esquizóide correlacionou-se positiva e significativamente com as variáveis Mrej, Msobr, Qaban e TAS. O padrão Evitante obteve correlações positivas significativas com as variáveis Mrej, Msobr, Qaban, Qdep, Qhiper e TAS. O padrão Dependente obteve correlações positivas significativas com Psobr, Pfus, Msobr, Mfus, Qdep, Qhiper e TAS, e

correlações negativas significativas com TAO e PRO. Já o padrão Histriônico demonstrou apenas correlações positivas com Psobr e Qhiper, tal como o padrão Narcísico que obteve apenas mais uma correlação positiva significativa com a variável Qaban. O padrão Anti-Social apresenta correlações positivas significativas com Psobr, Mrej, Qaban, Qhiper e TAO, apresentando ademais uma correlação negativa com a variável REV. O padrão Agressivo apresenta apenas uma correlação positiva com TAO e uma correlação negativa com REV, e o padrão Compulsivo apresenta apenas uma correlação significativa sendo esta uma correlação negativa com a variável TAO. O padrão Negativista apresenta correlações positivas significativas com as variáveis Prej, Msobr, Qaban, Qdep, Qhiper e TAO e uma correlação negativa significativa com REV. O padrão Autodestrutivo mostra correlações positivas significativas com as variáveis Prej, Psobr, Msobr, Mfus, Qaban, Qdep, Qhiper e TAS. O padrão Esquizotípico, por sua vez, demonstrou correlações positivas significativas com as variáveis Mrej, Msobr, Qaban, Qdep, Qhiper e TAS e uma correlação negativa significativa com PRN. O padrão Borderline apresenta por sua vez correlações positivas significativas com as variáveis Prej, Psobr, Msobr, Qaban, Qdep, Qhiper e TAS e uma correlação negativa significativa com REV. Por último, o padrão Paranóide apresenta correlações positivas significativas com Psobr, Msobr, Qaban, Qdep e Qhiper.

A ausência de correlações significativas, positivas ou negativas, com a variável Qperd é explicada pelas baixas pontuações na escala de Perda (Anexo III), existindo um número relativamente reduzido de sujeitos que reportam valores significativos de Perda.

8.3. Análise da regressão

Apesar das *Correlações de Pearson* nos fornecerem a informação sobre que Mecanismos de Defesa e variáveis de vinculação se relacionam com os diversos tipos de padrões de personalidade avaliados, não nos dão a informação de quais dessas variáveis, dentro do conjunto, são as melhores preditoras para o desenvolvimento de um dado padrão – ou seja, que variáveis

terão maior poder explicativo, considerando o padrão de personalidade como variável dependente. Para tal é necessário recorrer à análise da regressão.

8.3.1. Validação dos pressupostos

Para a aplicação de testes paramétricos como a regressão linear, é necessária a verificação da distribuição normal das variáveis na amostra (Maroco, 2003). Para proceder a esta verificação recorreu-se ao teste de Kolgomorov-Smirnov (K-S) sendo este o teste mais adequado para tal propósito (Maroco, 2003).

Visto que apenas uma minoria das várias escalas apresentaram uma distribuição que não se afasta da curva normal, pressuposto necessário para executar uma regressão linear (Anexo IV), recorreu-se ao *software* STATA que permite fazer uma *Regressão Robusta* quando não são validados os pressupostos para a realização de uma *Regressão Linear* (Yaffee, 2002). Esta *Regressão Robusta* é resistente aos enviesamentos a que uma *Regressão Linear* seria susceptível caso se realizasse a sua análise perante pressupostos não validados, e corrige-os. Assim, este método – possível de realizar no *software* STATA – constitui uma alternativa de maior confiança (Yaffee, 2002). Abriu-se uma excepção, usando a *Regressão Linear* para o padrão Compulsivo, visto que este obedeceu ao pressuposto da normalidade, tornando possível a realização de uma *Regressão Linear* no SPSS.

8.3.2. Resultados

Nas Tabelas 6 a 11 podemos ver os resultados das *Regressões Robustas* efectuadas, estando todas estas ajustadas sendo o seu valor de significância inferior a 0,05.

Tabela 6

Resultados das Análises de Regressão

		<i>B</i>	Desvio-padrão	<i>T</i>	* <i>p</i> <	<i>F</i>	* <i>p</i> <
Esquizóide	Aspectos de Vinculação					6.97	.000
	Mrej	.013	.057	0.23	.820		
	Msobr	.130	.076	1.72	.088		
	Qaban	.447	.175	2.55	.012		
Esquizóide	Mecanismos de defesa					5.88	.016
	TAS	.224	.092	2.43	.017		
Evitante	Aspectos de Vinculação					8.07	.000
	Mrej	-.056	.074	-0.75	.455		
	Msobr	.184	.098	1.87	.064		
	Qaban	.871	.226	3.85	.000		
	Qdep	.401	.280	1.43	.154		
	Qhiper	-.092	.298	-0.31	.758		
Evitante	Mecanismos de Defesa					20.45	.000
	TAS	.498	.110	4.52	.000		

Nota: Mrej – Rejeição materna; Msobr – Sobreproteção materna; Qaban – Abandono; Qdep – Dependência; Qhiper – Hiperpreocupação; TAS – Turning Against Self.

Como podemos ver, para os padrões Esquizóide e Evitante a escala dos aspectos de vinculação com maior contribuição para a explicação do desenvolvimento do padrão é Qaban ($p < 0,05$). O mesmo se pode dizer em relação a TAS no que toca à relação entre mecanismos de defesa e estes padrões ($p < 0,05$).

Tabela 7

Resultados das Análises de Regressão (cont.)

		<i>B</i>	Desvio- padrão	<i>T</i>	<i>*p</i> <	<i>F</i>	<i>*p</i> <
Dependente	Aspectos de Vinculação					4.56	.000
	Psobr	.000	.084	0.00	.997		
	Pfus	.209	.172	1.21	.227		
	Msobr	.121	.075	1.62	.108		
	Mfus	.241	.130	1.86	.066		
	Qdep	.181	.204	0.89	.375		
	Qhiper	.232	.222	1.05	.297		
Dependente	Mecanismos de defesa					6.94	.000
	TAO	-.162	.067	-2.43	.017		
	PRO	-.146	.097	-1.51	.134		
	TAS	.190	.083	2.29	.024		
Histriónico	Aspectos de Vinculação					5.72	.004
	Psobr	.168	.083	2.03	.044		
	Qhiper	.391	.221	1.77	.079		
Narcísico	Aspectos de Vinculação					5.29	.002
	Psobr	.214	.089	2.40	.018		
	Qaban	.127	.160	0.80	.427		
	Qhiper	.386	.243	1.59	.114		

Nota: Psobr – Sobreprotecção paterna; Pfus – Fusão/Inversão à figura paterna; Msobr – Sobreprotecção materna; Mfus – Fusão/Inversão à figura materna; Qaban – Abandono; Qdep – Dependência; Qhiper – Hiperpreocupação; TAO – Turning Against Object; PRO – Projection; PRN – Principalization; TAS – Turning Against Self;

Segundo a Tabela 7, quanto aos aspectos de vinculação avaliados, não há nenhuma escala que se destaque no seu poder explicativo em relação ao padrão Dependente. Por outro lado, nos mecanismos de defesa destacam-se

TAO e TAS ($p < 0,05$). Já quanto aos padrões Narcísico e Histriónico, a variável de aspectos de vinculação com maior poder explicativo é Psobr ($p < 0,05$).

Tabela 8

Resultados das Análises de Regressão (cont.)

		<i>B</i>	Desvio-padrão	<i>T</i>	* <i>p</i> <	<i>F</i>	* <i>p</i> <
Anti-Social	Aspectos de Vinculação					3.02	.020
	Psobr	.139	.089	1.56	.121		
	Mrej	.149	.067	2.25	.026		
	Qaban	-.111	.214	-0.52	.604		
	Qhiper	.246	.246	1.00	.320		
Anti-Social	Mecanismos de defesa					6.01	.003
	TAO	.277	.089	3.11	.002		
	REV	.012	.106	0.12	.907		
Agressivo	Mecanismos de defesa					4.90	.008
	TAO	.251	.090	2.79	.006		
	REV	.007	.107	0.07	.947		

Nota: Psobr – Sobreproteção paterna; Mrej – Rejeição materna; Qaban – Abandono; Qhiper – Hiperpreocupação; TAO – Turning Against Object; REV – Reversal;

Como é observável na Tabela 8, no padrão Anti-Social, a escala Mrej revela-se, de entre as outras escalas relativas à vinculação, como a que possui melhor poder explicativo ($p < 0,05$). Quanto aos mecanismos de defesa, destaca-se TAO tanto para o padrão Anti-Social como para o Agressivo ($p < 0,05$).

Tabela 9

Resultados das Análises de Regressão (cont.)

		<i>B</i>	β	Desvio-padrão	<i>T</i>	* <i>p</i> <	<i>R</i>	<i>R</i> ²	<i>F</i>	* <i>p</i> <
	Mecanismos de defesa									
Compulsivo	TAO	-.165	-.214	.063	-2.623	.010	.214	.046	6.881	.010

Nota: TAO – Turning Against Object

Na Tabela 9, podemos ver que a Regressão Linear efectuada para o padrão Compulsivo, confirma a relação negativa entre o padrão Compulsivo e TAO, ($\beta = -0,214$) bem como o poder explicativo deste tipo de mecanismo de defesa ($p < 0,05$).

Tabela 10

Resultados das Análises de Regressão (cont.)

		<i>B</i>	Desvio- padrão	<i>T</i>	* <i>p</i> <	<i>F</i>	* <i>p</i> <
Negativista	Aspectos de Vinculação					7.25	.000
	Prej	.037	.051	0.73	.469		
	Msobr	.195	.109	1.80	.074		
	Qaban	.611	.218	2.80	.006		
	Qdep	.403	.302	1.33	.184		
	Qhiper	.257	.336	0.77	.445		
Negativista	Mecanismos de defesa					4.80	.030
	TAO	.228	.104	2.19	.030		
Autodestrutivo	Aspectos de Vinculação					4.80	.000
	Prej	.013	.061	0.22	.825		
	Psobr	-.037	.129	-0.29	.775		
	Msobr	.231	.110	2.09	.039		
	Mfus	.138	.198	0.70	.488		
	Qaban	.471	.228	2.07	.040		
	Qdep	.354	.293	1.21	.229		
	Qhiper	.227	.322	0.71	.481		
Autodestrutivo	Mecanismos de defesa					26.53	.000
	TAS	.567	.110	5.15	.000		

Nota: Prej – Rejeição paterna; Psobr – Sobreprotecção paterna; Msobr – Sobreprotecção materna; Mfus – Fusão/Inversão à figura materna; Qaban – Abandono; Qdep – Dependência; Qhiper – Hiperpreocupação; TAO – Turning Against Object; TAS – Turning Against Self

Como podemos ver pela Tabela 10, o aspecto de vinculação com maior poder explicativo para o padrão Negativista da personalidade é Qaban ($p < 0,05$). Ainda para este padrão, relativamente aos mecanismos de defesa avaliados, TAO tem poder explicativo ($p < 0,05$).

Já para o padrão Autodestrutivo da personalidade, Msobr e Qaban são as escalas de vinculação com melhor poder preditivo ($p < 0,05$). Nos mecanismos de defesa, confirma-se o poder explicativo de TAS ($p < 0,05$).

Tabela 11

Resultados das Análises de Regressão (cont.)

		B	Desvio-padrão	T	*p<	F	*p<
Esquizotípico	Aspectos de Vinculação					6.26	.000
	Psobr	-.060	.090	-0.66	.510		
	Mrej	-.021	.069	-0.31	.758		
	Msobr	.203	.092	2.20	.029		
	Qaban	.652	.209	3.12	.002		
	Qdep	.549	.261	2.11	.037		
	Qhiper	-.146	.276	-0.53	.597		
Esquizotípico	Mecanismos de defesa					9.79	.000
	PRN	-.251	.099	-2.54	.012		
	TAS	.393	.103	3.83	.000		
Borderline	Aspectos de Vinculação					6.58	.000
	Prej	.136	.079	1.72	.088		
	Psobr	-.313	.172	-1.82	.071		
	Msobr	.302	.135	2.24	.027		
	Qaban	.672	.274	2.46	.015		
	Qdep	.594	.386	1.54	.126		
	Qhiper	.403	.419	0.96	.337		
Borderline	Mecanismos de defesa					10.32	.000
	TAS	.510	.154	3.31	.001		
	REV	-.427	.143	-2.98	.003		

Nota: Prej – Rejeição paterna; Psobr – Sobreprotecção paterna; Mrej – Rejeição materna; Msobr – Sobreprotecção materna; Qaban – Abandono; Qdep – Dependência; Qhiper – Hiperpreocupação; PRN – Principalization; TAS – Turning Agains Self; REV – Reversal

Na Tabela 11 podemos constatar que o padrão Esquizotípico da personalidade é melhor previsto pelas escalas de vinculação Msobr, Qaban e Qdep ($p < 0,05$). Quanto aos mecanismos de defesa, tanto PRN e TAS demonstram poder explicativo ($p < 0,05$). Já no padrão Borderline da personalidade, Qaban e Msobr são as escalas de vinculação com maior poder explicativo ($p < 0,05$). Quanto aos mecanismos de defesa, tanto TAS como REV revelam um bom poder explicativo ($p < 0,05$).

Tabela 12

Resultados das Análises de Regressão (cont.)

	Aspectos de Vinculação	<i>B</i>	Desvio-padrão	<i>T</i>	* <i>p</i> <	<i>F</i>	* <i>p</i> <
Paranóide						6.94	.000
	Psobr	.160	.101	1.58	.117		
	Msobr	.162	.101	1.60	.111		
	Qaban	.194	.180	1.08	.284		
	Qdep	-.191	.280	-0.68	.496		
	Qhiper	.921	.309	2.98	.003		

Nota: Psobr – Sobreprotecção paterna; Msobr – Sobreprotecção materna; Qaban – Abandono; Qdep – Dependência; Qhiper – Hiperpreocupação;

Por último, na Tabela 12 podemos observar que o padrão Paranóide é melhor explicado pela escala Qhiper ($p < 0,05$).

9. Discussão de resultados

Passaremos agora à discussão dos resultados obtidos. Este capítulo estará dividido em três secções: em primeiro lugar analisaremos as semelhanças ou “proximidades” entre os padrões de personalidade avaliados; em segundo lugar realizaremos uma análise mais detalhada das relações entre as escalas de vinculação, mecanismos de defesa e os padrões de personalidade do estudo; e em último lugar iremos discutir as limitações do estudo e propor estudos futuros.

9.1. Análise das semelhanças entre padrões de personalidade

Antes de nos determos numa análise mais detalhada da relação entre cada um dos padrões de personalidade, os mecanismos de defesa e as escalas de vinculação, vejamos algumas similitudes relativamente aos aspectos de vinculação entre grupos de padrões de personalidade de acordo com Millon e com o DSM-IV-TR. Ao observar a tabela de *Correlações de Pearson*, há alguns padrões de personalidade que se parecem “agrupar”. Os mais óbvios serão talvez os padrões Negativista, Autodestrutivo, Esquizotípico, Borderline e Paranóide, que partilham correlações positivas com Msobr, Qaban, Qdep e Qhiper. O que não é de todo surpreendente se tivermos em conta a concepção de Millon da forma que se segue.

Segundo os nossos resultados, os padrões Esquizóide e Evitante, do tipo de padrões de personalidade caracterizados por *dificuldade em experienciar prazer* (Millon & Davis, 1996) têm em comum correlações positivas com uma figura materna com características rejeitantes e/ou sobreprotectoras, e com o sentimento de abandono quando em criança. Isto leva-nos a crer que estes padrões e as características que os definem terão géneses próximas, sendo que o padrão Evitante se correlaciona também, adicionalmente, de forma significativa com um sentimento de dependência e de hiperpreocupação com as figuras parentais durante a sua infância. É possível que estas correlações adicionais marquem uma diferença desenvolvimental significativa

que possa de certa forma traçar a diferença entre a história relacional de um indivíduo esquizóide e a de um indivíduo evitante.

Os padrões Dependente, Histriónico, Narcísico e Anti-Social, caracterizados por *desajustamento do ponto de vista interpessoal* (Millon & Davis, 1996), partilham correlações positivas com uma figura paterna sobreprotectora e uma infância marcada pela hiperpreocupação com as figuras parentais. Outros aspectos de vinculação são no entanto diferentes para cada padrão, pelo que não são completamente sobrepostos. Mais uma vez, estes factores poderão marcar uma diferença significativa entre o desenvolvimento de um ou de outro padrão deste grupo, estando este grupo no entanto “unido” por estes dois aspectos da qualidade das suas relações precoces que são comuns a todos.

Já no que toca aos padrões Negativista e Autodestrutivo, caracterizados por *conflito intrapsíquico* (Millon & Davis, 1996), estes têm de facto vários factores em comum – figuras maternas sobreprotectoras e sentimentos de abandono, dependência e hiperpreocupação com as figuras parentais durante a infância. No entanto, não partilham tais características com os outros dois padrões pertencentes à sua categoria – os padrões Compulsivo e Agressivo – que, além do mais, não apresentam qualquer correlação com os aspectos de vinculação em estudo, facto que será analisado mais tarde.

Os padrões caracterizados por *défice estrutural* – os padrões Esquizotípico, Borderline e Paranóide (Millon & Davis, 1996) – partilham, de acordo com os nossos resultados, diversos aspectos. Estes consistem em correlações positivas com uma figura paterna e materna sobreprotectoras e sentimentos de abandono, dependência e hiperpreocupação com as figuras parentais durante a infância.

O padrão Evitante tem ainda quatro escalas de vinculação em comum com o grupo de *défice estrutural* – uma figura materna sobreprotectora e sentimentos de abandono, dependência e hiperpreocupação com as figuras parentais durante a infância. A sua maior distinção reside na ausência de correlações positivas entre o padrão Evitante e qualquer dos aspectos de vinculação à figura paterna em estudo.

Podemos também observar possíveis agrupamentos dos padrões de personalidade à luz do DSM-IV-TR da forma que se segue.

O padrões implicados no *Cluster A* do DSM-IV-TR (Paranoide, Esquizoide e Esquizotípico) (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Magnavita, 2004; Millon & Grossman, 2004; Thobaben, 2008; Trull & Widiger, 2003) têm em comum no presente estudo correlações positivas com uma figura materna sobreprotectora e o sentimento de abandono durante a infância.

Os padrões implicados no *Cluster B* (Antissocial, Borderline, Histriônico e Narcísico) (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Magnavita, 2004; Millon & Grossman, 2004; Thobaben, 2008; Trull & Widiger, 2003) têm em comum no presente estudo correlações positivas com uma figura paterna sobreprotectora e uma infância hiperpreocupada com as figuras parentais.

Por último, quanto ao *Cluster C* (Evitante, Dependente e Compulsivo) (Associação Psiquiátrica Americana, 2000/2006; Magnavita, 2004; Millon & Grossman, 2004; Thobaben, 2008; Trull & Widiger, 2003) apenas os padrões Evitante e Dependente têm correlações significativas comuns no presente estudo (a presença de uma figura materna sobreprotectora e o sentimento de dependência e uma relação hiperpreocupada com as figuras parentais) dada a ausência de correlações entre aspectos de vinculação e o padrão Compulsivo.

Estes resultados poderão assim apontar para que o desenvolvimento de padrões de personalidade consistentes com o Cluster A seja influenciado primariamente por histórias familiares marcadas por figuras maternas sobreprotectoras e por um sentimento de abandono; sendo que para Cluster B exista principalmente a presença de uma figura paterna sobreprotectora e uma infância hiperpreocupada; e que para o Cluster C exista a influência de figuras maternas sobreprotectoras acompanhadas de uma hiperpreocupação com as figuras parentais.

9.2. Padrões de personalidade, vinculação e mecanismos de defesa

Faremos agora uma análise detalhada, padrão a padrão, tendo por base os resultados das análises de correlação e de regressão em relação às escalas de vinculação avaliadas e aos mecanismos de defesa em estudo.

Padrão esquizóide

Como esperado, observou-se uma correlação positiva entre o padrão Esquizóide e a escala de Rejeição parental, embora esta seja apenas relevante no caso da figura materna. Tal sugere que a contribuição de uma vinculação marcada pela rejeição da figura materna é maior que a da paterna para este padrão. No entanto, a análise de regressão mostra que o factor mais importante é o sentimento de Abandono quando em criança, pelo que podemos concluir que, das escalas de vinculação em estudo, este é o mais relevante – ou aquele com maior poder explicativo – do ponto de vista desenvolvimental para um padrão esquizóide. Adicionalmente, a Sobreprotecção materna parece ter também um papel no desenvolvimento deste padrão. É possível que uma figura materna sobreprotectora possa constituir, para estes indivíduos, um objecto excessivamente crítico e persecutório, tornando-o intimidante, sendo que este carácter intimidante do objecto é típico nos indivíduos com este padrão de personalidade (Bornstein, 2005; Millon, 1994). Tal poderá ser particularmente verdade quando essa figura materna alterna entre a rejeição e a sobreprotecção, visto que os resultados das análises de correlação para este padrão sugerem a presença de ambas as escalas. No entanto, esta hipótese deverá ser melhor estudada no futuro.

Como esperado pela teoria, este padrão correlacionou-se também de forma positiva com TAS, confirmando que este estilo de defesa está associado ao padrão em análise.

Padrão evitante

De acordo com o proposto, o padrão evitante revela correlações positivas com as escalas de Rejeição materna e de sentimento de Abandono quando em criança, sendo esta última escala a que possui maior poder explicativo segundo a análise de regressão. Para além destas características em comum com o padrão esquizóide, previstas na teoria, estes dois padrões partilham também uma correlação positiva com a escala de Sobreprotecção materna. Mais uma vez, a explicação para a correlação com esta escala poderá ter a ver com a natureza crítica do objecto do evitante (Debray & Nollet,

2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Também foi encontrada a existência não prevista de uma correlação positiva entre o padrão evitante e o sentimento de Dependência quando em pequeno, que poderá surgir devido a uma associação à figura materna Sobreprotectora que, devido a um estilo parental excessivamente protector, poderá transmitir à criança a mensagem de que esta é dependente da figura materna e que não é capaz de funcionar sem o constante auxílio desta. Adicionalmente, o indivíduo evitante demonstra uma Hiperpreocupação com a família durante a infância, pelo que poderemos supor que a destruturação (ou o receio desta) da família ou da relação com uma das figuras parentais terá um papel no desenvolvimento deste padrão. Talvez isto se deva a uma possível fantasia desenvolvida por parte da criança de que esta poderá deixar de ser amada caso “falhe” em manter a família e/ou a relação unidas, como se fosse esta responsabilidade sua. Estas hipóteses deverão ser melhor estudadas no futuro.

A única correlação significativa a nível de mecanismos de defesa foi com a escala TAS, correlação que era esperada tendo em conta a literatura analisada, tendo aliás esta variável um forte poder explicativo. No entanto, não se verificou uma correlação positiva significativa com PRO nem negativa com PRN e REV, correlações que seriam de esperar de acordo com a mesma literatura (Berman & McCann, 1995). É possível que esta ausência de resultados para os mecanismos de defesa, tais como outras que surgiram para outros padrões de personalidade e que serão também referidas ao longo deste capítulo, se devam ao facto de ter sido utilizada uma população não clínica, o que implica necessariamente um grau inferior de disfuncionalidade (Bowins, 2010).

Padrão dependente

Segundo os resultados, aparenta existir um grande número de aspectos de vinculação que se relacionam com o padrão dependente, sem que nenhum destes se destaque significativamente dos outros na análise de regressão quanto ao seu valor explicativo. É possível que os aspectos de vinculação para este padrão sejam, de modo geral, igualmente influentes, exercendo essa

influência como um conjunto de factores sem que haja um que seja significativamente mais importante. É possível também que o instrumento de medida não seja suficientemente poderoso ou preciso de forma a melhor averiguar quais as características das relações de vinculação que estão presentes de forma mais significativa nestes indivíduos. Não obstante, como era esperado, as escalas de Sobreprotecção e Fusão/Inversão – das figuras paterna e materna – e de Dependência em relação às figuras parentais estão associadas ao desenvolvimento deste padrão. Mas, ao contrário do proposto, o Abandono não se revelou significativo surgindo em vez deste a Hiperpreocupação com as figuras parentais. Poderá ser que o tema do abandono – e o medo deste – não seja tão relevante para estes indivíduos como o receio pela destruturação familiar, destruturação essa que poderá implicar o medo de perder o apoio da estrutura familiar ou de uma das figuras parentais, acabando por ficar desamparado. Isto porque, como foi analisado pela teoria, o dependente julga impossível a sua sobrevivência sem ter quem cuide dele (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009). Pode ser também que esta hiperpreocupação seja simbólica do medo de abandono, ou motivada por este, sendo que estas hipóteses necessitam de ser melhor estudadas no futuro.

De acordo com a teoria e as hipóteses que colocámos, encontraram-se correlações positivas entre o padrão dependente e TAS e correlações negativas entre este mesmo padrão e TAO. Já contrariamente ao esperado, o padrão dependente correlacionou-se negativamente com PRO embora esta não seja uma variável de grande poder explicativo segundo análise de regressão. Note-se que Campos, Besser e Blatt (2011) encontraram um padrão de defesa semelhante (correlação positiva em relação a TAS e negativa em relação a TAO) para a variável Dependência medida pelo Questionário de Experiências Depressivas numa amostra da comunidade. Será portanto um aspecto que merecerá ser melhor estudado.

Padrão histriónico

As hipóteses colocadas para o padrão histriónico da personalidade também foram parcialmente confirmadas. A Sobreprotecção parental parece

ser realmente um factor significativo, embora o seja apenas em relação à figura paterna. É possível que a ausência de severidade nas figuras parentais e os incentivos a nível de êxitos e características supérfluas centrais ao desenvolvimento deste padrão (Debray & Nollet, 2001/2004) sejam apenas relevantes, ou pelo menos mais marcantes, para o desenvolvimento deste padrão quando provenientes da figura paterna. Já as escalas relativas à Fusão/Inversão e à Dependência não se mostraram relevantes, ao contrário do esperado. Por outro lado, a Hiperpreocupação com as figuras parentais durante a infância parece ser um factor significativo. Uma possível hipótese explicativa será uma relação entre esta hiperpreocupação e a atenção que um típico histriónico deseja veementemente obter (Debray & Nollet, 2001/2004). Isto porque uma família em destruturação ou a ruptura relacional com as figuras parentais – particularmente em relação à figura paterna que, segundo os nossos resultados, será a mais atenciosa através da sobreprotecção – poderá dirigir a energia e atenção destes membros para os conflitos inerentes às relações familiares, retirando o foco da criança (ou, pelo menos, o foco positivo percebido por esta), fazendo com que a mesma possa reçar ser “deixada para trás”. Estas hipóteses aqui colocadas deverão no entanto ser melhor estudadas.

Adicionalmente, não foram encontradas correlações entre o padrão histriónico e as escalas de mecanismos de defesa do DMI, quando, segundo as hipóteses estabelecidas e segundo Berman e McCann (1995) era de esperar encontrar uma correlação positiva entre este padrão e TAO e uma correlação negativa com TAS.

Padrão narcísico

Os resultados obtidos para o padrão narcísico são semelhantes aos obtidos no padrão histriónico. Confirmou-se a esperada correlação com a Sobreprotecção parental, embora seja apenas relativa à figura paterna. Adicionalmente, esta é a escala que se constitui como sendo a melhor explicativa para este padrão. Em vez de uma correlação com a Rejeição parental como tinha sido proposto, houve correlações positivas com o

Abandono e a Hiperpreocupação com as figuras parentais durante a infância. O Abandono será, possivelmente, representativo do sentimento de rejeição que está inerente aos indivíduos com este padrão (Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), mas é também possível que estas duas correlações possam estar de alguma forma associadas ao fundo de carácter depressivo e inseguro presente no narcísico e que este se esforça por compensar (Debray & Nollet, 2001/2004). A importância da escala da Hiperpreocupação poderá ser semelhante à hipotetizada em relação ao padrão histriónico da personalidade, sendo que durante a infância do indivíduo narcísico poderá ter sido importante o receio de deixar de obter a atenção das figuras parentais e em particular de uma figura paterna de natureza sobreprotectora. Será, portanto, necessário estudar melhor estas relações no futuro.

Quanto aos mecanismos de defesa em análise, tal como sucedeu em relação ao padrão histriónico da personalidade, houve uma ausência de correlações significativas com as escalas de mecanismos de defesa do DMI quando era esperado encontrar correlações positivas entre este padrão e TAO e correlação negativa com TAS. Será possivelmente relevante que os mecanismos de defesa esperados para estes padrões de personalidade sejam os mesmos e que os nossos resultados, apesar de imprevistos, mantenham esta consonância. Considerando as semelhanças que existem entre o padrão histriónico e o padrão narcísico, tanto nos nossos resultados como na literatura consultada (Millon & Davis, 1996; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), é possível que haja também um factor comum a estes padrões numa população não clínica que dificulte o estudo dos mecanismos de defesa ou o método de estudo usado, sendo que a utilização de uma população não clínica implica necessariamente uma atenuação dos traços disfuncionais associados a estes padrões. Estas serão hipóteses que poderão ser melhor contempladas em estudos futuros.

Padrão anti-social

Consoante o esperado, o Abandono mostrou uma correlação positiva com o padrão anti-social da personalidade. Adicionalmente foram obtidas

correlações positivas entre este padrão e a Sobreprotecção por parte da figura paterna e a Hiperpreocupação com as figuras parentais quando em criança, que não estavam previstas nas hipóteses. A Rejeição por parte da figura materna demonstrou uma correlação positiva com o padrão anti-social e, segundo a análise de regressão, esta escala é a que melhor explica o padrão, o que está de acordo com a teoria analisada. A correlação com a escala de Hiperpreocupação poderá significar que o receio da destruturação familiar, ou de facto a própria destruturação familiar, possa ter um contributo significativo para o desenvolvimento do padrão anti-social. Esta correlação, bem como a correlação com a Sobreprotecção por parte da figura paterna deverão ser melhor analisadas em estudos futuros, mas é possível que a escala de Sobreprotecção paterna contribua para a formação da imagem de um objecto ingénuo e confiante, típico nestes indivíduos (Bornstein, 2005), ou para um certo nível de frustração para com estes por não reconhecerem e negarem à criança as suas capacidades de autonomia. Consequentemente, estes factores poderão levar a um sentimento de revolta e ao surgimento de um padrão de comportamentos impulsivos que marca estes indivíduos (Millon, 2004). Estes resultados não vão ao encontro da sugestão de Bowins (2010) de que os indivíduos com este padrão não serão passíveis de sofrer melhorias durante o processo terapêutico, devido à forte componente genética que poderá estar por trás dos seus comportamentos. Os nossos resultados apontam para a existência de factores relacionais precoces no desenvolvimento deste padrão que poderão ser terapêuticamente explorados e que deverão ser melhor estudados.

No que toca aos mecanismos de defesa estudados, confirmou-se a correlação positiva com TAO que é, segundo a análise de regressão, a escala melhor explicativa dentro dos mecanismos de defesa. Este poder explicativo de TAO será relevante dado que as estratégias de defesa relacionadas com este mecanismo de defesa são intrínsecas ao funcionamento do indivíduo anti-social pois este vira de forma característica a sua agressividade contra o outro. No entanto, em vez da correlação positiva com PRO como tinha sido proposto, encontrou-se uma correlação negativa com REV, sugerindo a tendência nestes

indivíduos para diminuir o conflito interno ou ameaças externas ao minimizar a sua importância ou ao eliminá-las da consciência (Ihilevich & Gleser, 1986). Este estilo de defesa não é o considerado típico nestes indivíduos pela teoria ou pelos estudos empíricos consultados, pelo que se deverá tentar confirmar este resultado em estudos futuros.

Padrão agressivo

Ao contrário do esperado, não foram encontradas correlações significativas entre o padrão agressivo e os estilos de vinculação avaliados. Poderá ser que o instrumento de medida utilizado não seja o mais indicado para avaliar os estilos de vinculação presentes no historial destes indivíduos e/ou na amostra, que não terá uma presença suficientemente marcada deste padrão, sendo a variância pequena e logo as correlações baixas. Poderá também ser que o padrão agressivo tenha componentes biológicas que se demonstram mais poderosas para o desenvolvimento deste do que variáveis desenvolvimentais como os estilos de vinculação durante a infância do indivíduo. Estas hipóteses deverão ser testadas em estudos futuros.

Já no que toca aos mecanismos de defesa avaliados, confirmou-se a esperada correlação positiva com TAO, sendo esta correlação, segundo a análise de regressão, a melhor explicativa do padrão. Este poder explicativo de TAO pode ter origem no próprio funcionamento típico do indivíduo agressivo que vira a sua agressividade contra o outro/objecto. No entanto, em vez da correlação positiva com PRN que era esperada, este padrão correlacionou-se positivamente com REV, sugerindo que estes indivíduos lidam com o conflito, respondendo de forma positiva ou neutra a um objecto frustrante que se esperaria evocar uma reacção negativa (Ihilevich & Gleser, 1986). Este estilo de defesa não é o considerado típico nestes indivíduos pela pesquisa bibliográfica realizada, pelo que deverá ser melhor estudado no futuro.

Padrão compulsivo

O padrão compulsivo também não apresentou nenhuma correlação significativa com as escalas de vinculação utilizadas. É possível que uma

explicação pelo menos parcial para esta ausência de correlações reside no facto de que para os indivíduos com este padrão de personalidade apenas as representações internas que adiram a afectos e atitudes socialmente aprovados sejam trazidos ao consciente, silenciando impulsos e conflitos considerados inadequados (Millon, 1994), influenciando os resultados do questionário ao subrepresentarem as suas experiências relacionais precoces. Também devemos notar que a investigação prévia indica que uma subescala compulsiva elevada em amostras não clínicas é frequentemente correlacionada com medidas de bom ajustamento mental e negativamente correlacionada com medidas de um mau ajustamento emocional (Sherry et al., 2007). Existe assim a possibilidade de que esta relação entre vinculação e um padrão compulsivo da personalidade possa ser melhor medida numa população clínica, visto que numa amostra não clínica existe uma menor probabilidade desta incluir indivíduos com um nível suficientemente elevado de disfunção (Sherry et al., 2007). Mais uma vez, estas hipóteses necessitam ser melhor aprofundadas no futuro.

No que toca às correlações relativas aos estilos de defesa, surgiu a esperada correlação negativa com TAO mas estão ausentes as correlações positivas com TAS e REV que eram esperadas (Berman & McCann, 1995).

Padrão negativista

Como previsto, a Rejeição e Sobreprotecção parentais correlacionaram-se com o padrão negativista, embora a Rejeição seja relativamente à figura paterna e a Sobreprotecção relativamente à figura materna. Tal sugere que as hipóteses colocadas sobre o papel da Rejeição e Sobreprotecção parental na vinculação destes indivíduos estejam correctas, mas que a figura paterna e materna desempenhem papéis diferentes nestes processos de vinculação. Da mesma forma, e ainda de acordo com as hipóteses colocadas, os sentimentos de Dependência e de Abandono quando em criança também se mostraram relevantes. Tal aplica-se particularmente em relação à escala de Abandono que, segundo a análise de regressão, é a que possui maior poder explicativo. Por outro lado, a correlação entre o padrão negativista e a escala de

Hiperpreocupação com as figuras parentais quando em criança não foi prevista nas nossas hipóteses, e poderá indicar que a destruturação familiar ou o receio desta, e/ou o sentimento por parte do indivíduo de ter de dar “assistência” ao ambiente familiar, sejam factores envolvidos no desenvolvimento deste padrão de personalidade. Esta correlação deverá ser melhor estudada de forma a compreendê-la melhor.

No que toca às correlações entre este padrão e os mecanismos de defesa em estudo, confirmou-se a hipótese de uma correlação positiva entre este padrão e TAO.

Padrão autodestrutivo

Diversos aspectos de vinculação mostraram correlações com o padrão autodestrutivo. A Sobreprotecção por parte da figura paterna demonstrou uma correlação significativa, sugerindo que esta escala seja contribuidora para a formação deste padrão. Uma hipótese que poderá ser estudada no futuro será a de que esta sobreprotecção contribui para colocar a criança numa posição de inferioridade que é característica dos indivíduos com este padrão (Millon, 1994), através da crítica e da negação de autonomia. Esta atitude de Sobreprotecção paterna parece coexistir com uma atitude de Rejeição paterna (escala que também se correlacionou com o padrão autodestrutivo e que estava prevista pelas nossas hipóteses) bem como com a escala de Abandono (que também era prevista) que, segundo a análise de regressão, se revelou como uma das escalas com maior poder explicativo. Inesperadamente, a Sobreprotecção por parte da figura materna é outra das escalas melhor explicativas para este padrão, o que sugere que a Sobreprotecção materna poderá, em conjunto com a Fusão/Inversão à figura materna (também ela escala que se correlacionou com este padrão de personalidade) contribuir para o desenvolvimento da posição de inferioridade, abjecção, auto-sacrifício, serviliência e aceitação de crítica e culpa não merecida que caracteriza estes indivíduos (Millon, 1994) – será, talvez, uma sobreprotecção carregada de crítica e julgamento, o que fomentará o desenvolvimento destas características e, eventualmente, esta proximidade à figura materna poderá criar no indivíduo

o sentimento de culpa pela agressividade que sentirá por vezes para com esta figura, virando a agressividade contra si próprio como alternativa. Também inesperada é a correlação positiva com o sentimento de Hiperpreocupação com as figuras parentais quando em criança, o que sugere que o receio da destruturação familiar contribua para o desenvolvimento da posição de abnegação nestes indivíduos, possivelmente por receio de contribuírem eles próprios para a destruturação do seu núcleo familiar. Também estas hipóteses deverão ser melhor estudadas no futuro.

Quanto aos mecanismos de defesa, como tinha sido proposto, o estilo TAS correlacionou-se com este padrão, o que será facilmente compreendido visto que as estratégias de defesa associadas a TAS fazem parte da própria definição do padrão autodestrutivo, que vira contra si próprio as suas angústias e o produto dos seus conflitos ao aceitar uma posição de inferioridade e críticas não merecidas (Millon, 1994).

Padrão esquizotípico

No padrão esquizotípico foi confirmada a hipótese da importância do sentimento de Abandono quando em criança, que é uma das três escalas com maior poder explicativo para este padrão. Como proposto, a Rejeição parental é significativa embora o seja apenas para a figura materna, o que sugere que, para o desenvolvimento deste padrão, a rejeição por parte de uma figura materna seja mais importante que o de uma figura paterna. Já ausentes nas hipóteses propostas encontramos a Sobreprotecção por parte da figura materna, que é uma das outras escalas melhor explicativas do desenvolvimento do padrão esquizotípico, e a Sobreprotecção por parte da figura paterna, se bem que esta não possui um poder explicativo tão elevado. Da mesma forma, não foi contemplada nas nossas hipóteses a escala de sentimento de Dependência quando em criança, que é a outra escala melhor explicativa deste padrão. Adicionalmente, a Hiperpreocupação com as figuras parentais também não foi contemplada e também se mostrou significativa, sugerindo que estes indivíduos, quando em pequenos, tiveram preocupações quanto à estabilidade da estrutura familiar. Estas quatro escalas não são as

mais previsíveis à luz da literatura consultada e por isso necessitam de ser melhor investigadas no futuro, mas numa tentativa de interpretar os resultados é possível que um ambiente familiar sobreprotector (relativamente à Sobreprotecção parental que poderá, por sua vez, estar ligada ao sentimento de Dependência) e ao mesmo tempo inseguro (relativamente à Hiperpreocupação, o que por sua vez poderá agravar a ansiedade em relação à Dependência) possa influenciar o desenvolvimento deste padrão ao “incentivar” a retirada do indivíduo para um mundo interno percebido como menos hostil.

Ao nível dos mecanismos de defesa encontrou-se também a esperada correlação positiva com TAS e negativa com PRN, e estas têm um bom poder explicativo para o padrão esquizotípico. Por outro lado não se encontrou a correlação positiva com PRO e negativa com REV que tinha sido proposta perante a literatura consultada (Berman & McCann, 1995).

Padrão borderline

Para o padrão borderline, esperava-se uma correlação positiva em relação à Rejeição parental e isto confirmou-se apenas para a figura paterna, não sendo esta no entanto uma das duas escalas melhor explicativas para este padrão. Por sua vez, surgiu uma inesperada correlação com a figura paterna Sobreprotectora, o que poderá indicar que uma figura paterna que alterne entre a sobreprotecção e a rejeição possa contribuir para o desenvolvimento deste padrão. Apesar de não se ter revelado como uma das escalas com maior poder explicativo, a escala de Hiperpreocupação também demonstrou uma correlação positiva com este padrão o que poderá implicar que a destruturação ou ameaça de destruturação familiar possa ter tido um papel importante – possivelmente associado a trauma ou a maus tratos ou carência afectiva, aspectos estes relacionados com o padrão borderline (Bowins, 2010; Debray & Nollet, 2001/2004; Sherry et al., 2007). A correlação com o Abandono estava prevista pela teoria e esta escala é de facto uma das mais explicativas para o padrão Borderline, em conjunto com a Sobreprotecção por parte da figura materna, que por sua vez não se tinha considerado nas hipóteses formuladas neste

estudo e que poderá ser particularmente interessante visto que este padrão da personalidade está tipicamente associado a carências maternas prolongadas (Debray & Nolle, 2001/2004). Esta relação encontrada com a figura materna, apesar de contraditória, parece ter bastante relevância para o desenvolvimento do padrão, pelo qual deverá ser melhor estudada – tal como a sobreprotecção por parte da figura paterna.

No que diz respeito aos estilos de defesa, encontrou-se uma correlação positiva com TAS e negativa com REV, correlações que tinham sido hipotetizadas. Segundo a análise de regressão, estas variáveis também se apresentaram com bom poder explicativo para o padrão borderline. No entanto, ao contrário do proposto, há a ausência de uma correlação negativa entre o padrão Borderline e a variável PRN. De notar que este último resultado, apesar de não previsto, é também encontrado no estudo de Campos, Besser e Blatt (2011).

Padrão paranóide

Por último, relativamente ao padrão paranóide, esperava-se a correlação positiva com a Sobreprotecção parental que de facto se encontrou tanto para a figura materna como para a paterna. No entanto, as correlações propostas para as escalas de Fusão/Inversão e de Rejeição não se confirmaram, o que sugere que estas escalas não são factores relevantes para o desenvolvimento do padrão paranóide da personalidade, ou que não foi possível medir estes factores na nossa amostra através dos instrumentos utilizados. Por outro lado, a Hiperpreocupação obteve uma correlação inesperada com este padrão, sendo esta, aliás, a escala com melhor poder explicativo para o padrão Paranóide da personalidade. É possível que este sentimento de Hiperpreocupação seja em si mesmo, desde cedo, uma característica do funcionamento típico do sujeito, no qual este projecta as suas inseguranças nos outros, nomeadamente nas figuras de vinculação significativas e na sua estabilidade relacional entre estes e na relação destes com o indivíduo em si, e daí a sua presença nos resultados. Já a correlação obtida com a escala de Abandono tinha sido hipotetizada, ao contrário da correlação com a escala de

Dependência, sendo que esta sugere que estes indivíduos poderão sentir que dependem da protecção por parte das figuras parentais relativamente a ameaças externas, o que poderá contribuir para o desenvolvimento deste padrão. Isto talvez em consequência de figuras parentais sobreprotectoras, que por serem intrusivas e ameaçadoras, instalam na criança a insegurança, o medo e o sentimento de dependência às figuras parentais para que estas a protejam dessas ameaças (Bornstein, 2006). Estas são hipóteses que deverão ser melhor estudadas.

De forma igualmente inesperada foi a ausência da correlação entre o padrão Paranóide e os mecanismos de defesa avaliados quando esperávamos encontrar uma correlação com a projecção caracterizada pelo tipo de mecanismo PRO do DMI (Berman & McCann, 1995). É possível que a utilização de uma amostra não clínica dificulte esta análise visto que estas características poderão estar “atenuadas”. Seria interessante a efectuação de novos estudos que contemplassem estes aspectos.

9.3. Limitações e estudos futuros

9.3.1. Homogeneidade da amostra

Uma das limitações deste estudo é determinada pela amostra em si. Apesar da relevância especial que uma população de jovens adultos traz à investigação dos padrões de personalidade (Besser & Blatt, 1996; 2007; Ma & Huebner, 2008; Matos & Costa, 1996), a amostra teria sido mais rica caso fosse possível recolher uma amostra de jovens adultos com uma maior distribuição na sua faixa etária e que não se encontrasse necessariamente no ensino superior. Além disso, a utilização de uma população que contém estudantes do curso de Psicologia em estudos da área de psicologia é frequentemente criticada exactamente pelo maior conhecimento que estes indivíduos possam possuir daquilo que está a ser estudado, o que pode levar a enviesamentos nos resultados; e os estudantes de Psicologia estão de facto em maioria na amostra recolhida para este estudo. Possíveis enviesamentos poderiam ter sido evitados se tivesse sido viável a obtenção de uma amostra

com uma maior variedade de cursos e uma maior quantidade de estudantes desses cursos.

9.3.2. O protocolo de avaliação

A extensão do protocolo de avaliação poderá ter tido um impacto negativo nos resultados. Os três questionários utilizados (PAMaDeP, DMI, e MCMI-II) são só por si relativamente extensos e a sua aplicação numa só sessão leva inevitavelmente a algum desgaste por parte dos sujeitos. O tempo de aplicação variou entre 1.25 e 1.45 horas, o que poderá ter afectado os resultados em termos da obtenção de uma colaboração total ou mais concentrada por parte dos sujeitos do estudo.

9.3.3. Questões de abuso e maus tratos

O PAMaDeP não tem itens relativos à experiência de qualquer tipo de trauma ou abuso (físico ou sexual) ou maus tratos durante a infância, quando pode existir uma relação consideravelmente forte entre estes factores e o desenvolvimento de psicopatologia no geral (Debray & Nolle, 2001/2004; Michel & Purper-Ouakil, 2006/2009), e principalmente no que toca ao padrão Borderline da personalidade (Debray & Nolle, 2001/2004; Sherry et al., 2007). A inclusão de itens deste tipo poderia portanto permitir encontrar resultados mais completos e representativos da psicopatologia da personalidade e dos padrões de personalidade.

9.3.4. Mecanismos de defesa

Obeve-se um menor número de correlações significativas do que as esperadas entre os padrões de personalidade e os mecanismos de defesa, o que indica que mais investigação é necessária, nomeadamente em amostras não clínicas, visto que, como já mencionado, é possível que estes resultados se devam à utilização de uma população não clínica no nosso estudo, que será constituída principalmente por indivíduos que utilizam os seus mecanismos de uma forma flexível (Bowins, 2010). A continuação de estudos sobre a relação entre mecanismos de defesa e padrões de personalidade numa população não

clínica poderá trazer uma compreensão mais profunda sobre o funcionamento dos padrões disfuncionais de personalidade e sobre a forma como eles se manifestam.

9.3.5. Medidas diferentes de vinculação

Poderá usar-se outro tipo de métodos de avaliação para o estudo dos diferentes tipos de vinculação que não medidas de auto-relato, tais como o método projectivo que permite realizar medições de variáveis mais inconscientes do indivíduo e que poderão passar despercebidas com outros métodos.

9.3.6. Sobreprotecção materna e abandono

Estas duas variáveis são as que, dentro da vinculação, parecem ser as mais relevantes para o desenvolvimento da psicopatologia. Esta relação deverá ser melhor estudada, bem como se deverá estudar a relação entre estas variáveis e níveis mais elevados daquilo que a literatura intitula de *vinculação insegura*.

9.3.7. População clínica

A realização de estudos semelhantes mas em amostras clínicas revelar-se-á certamente como benéfico para a compreensão dos factores do funcionamento intrapsíquico que estão associados aos padrões disfuncionais da personalidade, tendo em conta que isso nos poderia dar uma base de comparação para com uma população não clínica.

9.3.8. Diferenças entre sexo

No caso deste estudo não foi possível mas seria sem dúvida interessante aplicar o mesmo estudo a uma amostra maior e igualmente distribuída por sexo, visto que alguns estudos centrados na vinculação sugerem a existência de diferenças significativas nas vinculações à figura materna e paterna em função do sexo (Johnson, Zinmier, & Golden, 1987; Ma & Huebner, 2008), e sugerem que estas diferenças de sexo são relevantes

para o desenvolvimento da psicopatologia (Besser & Blatt, 2007; Johnson et al., 1979; Schwarz & Zuroff, 1979) e dos padrões disfuncionais da personalidade (Cramer, 2002; Franco & Campos, 2010; Löffler-Stastka, Ponocny-Seliger, Fischer-Kern, & Leithner, 2005; T. Millon et al., 2004; Williams & Gunn, 2006; Yu et al., 2008).

9.3.9. Estudos longitudinais

Apesar da sua dificuldade de realização (e daí a sua falta de presença nesta área de estudo), um estudo longitudinal focalizado na vinculação e psicopatologia e nomeadamente na formação dos padrões de personalidade poderia trazer novos dados e estabelecer de forma mais precisa uma relação causal ou temporal, revelando possíveis factores de risco para o desenvolvimento de uma personalidade disfuncional visto que a existência de uma vinculação insegura reportada pelo indivíduo por si só nem sempre resulta no desenvolvimento desta disfunção (Sherry et al., 2007). Nesta mesma linha, seria também particularmente interessante a comparação entre os estilos de vinculação com as figuras parentais durante a infância e o estilos de vinculação com os pares na vida adulta.

10. Conclusões

Se a intenção é compreender a personalidade como um todo e como se processam as disfunções da mesma, é importante compreender as relações precoces e o impacto destas no desenvolvimento do indivíduo. As Teorias das Relações de Objecto e a Teoria da Vinculação são bons modelos de base para o estudo do desenvolvimento da personalidade e da psicopatologia, sendo o funcionamento do indivíduo compreendido à luz dos introjectos e dos modelos internos. Sendo a necessidade de uma ligação ao outro inerente ao ser humano – presente desde o nascimento até à morte – as figuras parentais são os primeiros e mais importantes modeladores do indivíduo. Consequentemente, é natural que as disfunções na relação entre criança e figura parental estejam correlacionadas com o desenvolvimento de comportamentos também eles disfuncionais, comportamentos esses que é possível enquadrar num padrão disfuncional de personalidade.

Os diferentes padrões podem ser entendidos à luz do modelo de Millon como parte de um espectro que vai desde estilos normais de personalidade até variações extremas que constituem Perturbações de Personalidades definidas, por exemplo, no DSM-IV-TR. Estas perturbações são padrões desadaptativos da personalidade reveladores de vulnerabilidades dos diversos indivíduos. Por sua vez, o funcionamento e as manifestações destes padrões de personalidade estão intrinsecamente relacionados com o conceito de Mecanismos de Defesa que é extremamente benéfico para a compreensão destes, sendo que a inflexibilidade na utilização dos mesmos está associada a um funcionamento desadaptado por parte do indivíduo. Como tal, também existe uma relação entre os vários tipos de mecanismos de defesa e os diferentes padrões de personalidade, sendo que cada padrão disfuncional da personalidade exhibe uma “preferência” por um estilo de defesa em detrimento dos outros.

Tendo em conta este fundo teórico e os estudos empíricos já realizados, foi nosso objectivo estudar as relações entre a representação das relações infantis e o desenvolvimento de padrões disfuncionais da personalidade e também a relação entre estes e os mecanismos de defesa, utilizando uma

população não clínica constituída por estudantes universitários através de três instrumentos de avaliação – o PAMaDeP, o MCMI-II e o DMI.

De uma forma geral, os resultados deste trabalho mostram que diferentes estilos de vinculação precoce estão correlacionados com diferentes padrões disfuncionais da personalidade. Os resultados também nos mostram que, de entre os estilos de vinculação correlacionados com cada padrão de personalidade, existem estilos de vinculação que explicarão melhor certos padrões de personalidade do que outros.

Os resultados parecem também indicar a importância que uma figura materna sobreprotectora e o sentimento de abandono durante a infância poderão ter para o desenvolvimento de uma personalidade patológica. A frequência com que as escalas que avaliam estas dimensões surgiram como relevantes na sua relação com diversos padrões disfuncionais da personalidade aponta para que estas dimensões devam ser melhor estudadas no futuro de forma a melhor compreender esta relação. É possível que estas duas variáveis sejam as que estão mais associadas à definição de vinculação insegura, que está altamente relacionada com o desenvolvimento de psicopatologia (Bogaerts et al., 2006; Ma & Huebner, 2008; Riggs & Jacobvitz, 2002; Soares et al., 2007).

Quanto ao estudo dos mecanismos de defesa, os tipos de defesa que mais se relacionaram com os padrões de personalidade avaliados foram TAO e TAS. Como foi sendo referido ao longo da discussão, muitas das correlações esperadas ao nível dos mecanismos de defesa não foram observadas, em relação a REV, PRN e PRO. É possível que os estilos TAO e TAS sejam os mais proeminentes ou frequentes numa população não clínica ou, pelo menos, nesta população em específico. Estas são hipóteses que deverão ser melhor estudadas no futuro.

Podemos concluir que os nossos resultados apoiam, de facto, a existência de uma relação importante entre os aspectos presentes na vinculação às figuras parentais e o desenvolvimento de padrões disfuncionais

da personalidade. Esta relação deverá continuar a ser estudada, visto que a compreensão da disfuncionalidade da personalidade permitirá ao profissional clínico fornecer uma melhor ajuda a um vasto espectro da população. Os estilos de defesa e os estilos de vinculação são assim ferramentas úteis de diagnóstico que fornecem ao profissional uma maior compreensão sobre a etiologia e possível tratamento das aflições do indivíduo, bem como poderão alertar o próprio profissional sobre as suas vulnerabilidades e de que forma estas terão influência em fenómenos psicoterapêuticos que poderão ser prejudiciais para o cliente.

Referências

- Ainsworth, M.D.S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Alchieri, J. C., Cervo, C. S., & Núñez, J. C. (2005). Avaliação de estilos de personalidade segundo a proposta de Theodore Millon. *PSICO*, 36(2), 175-179.
- Allen J.P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319- 335). New York: Guilford Press.
- Associação Psiquiátrica Americana (2006). *DSM-IV-TR Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4ª ed. Rev.). Lisboa: Climepsi (Obra original publicada em 2000).
- Associação Psiquiátrica Americana (2010). *Personality and personality disorders*. Consultado em 25 de Abril de 2010 a partir de <http://www.dsm5.org/ProposedRevisions/Pages/proposedrevision.aspx?rid=478>.
- Beebe, B., & Lachmann, F. M. (1988). The contribution of mother-infant mutual influence to the origins of self and object representations. *Psychoanalytic Psychology*, 5(4), 305-337.
- Bender, D.S., Farber, B.A., & Geller, J.D. (2001). Cluster B personality traits and attachment. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, 29, 551-563.

- Berman, S. M. W., & McCann, J. T. (1995). Defense mechanisms and personality disorders: An empirical test of Millon's theory. *Journal of Personality Assessment*, 64, 132–144.
- Besser, A., & Blatt, S. J. (2007). Identity consolidation and internalizing and externalizing problem behaviors in early adolescence. *Psychoanalytic Psychology*, 24(1), 126-149.
- Blatt, S. J. (1974). Levels of object representation in anaclitic and introjective depression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 107-157.
- Blatt, S. J. (1990). Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their Implications for psychopathology and psychotherapy. In J. L. Singer (Ed.), *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health* (pp. 299-335). Chicago: University of Chicago Press.
- Blatt, S. J. (1991). A Cognitive morphology of psychopathology. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 179(8), 449-458.
- Blatt, S. J. (1995). Representational structures in psychopathology. In D. Cicchetti & S. L. Toth (Ed.), *Emotion, Cognition, and Representation* (pp. 1-33). Rochester Symposium on Developmental Psychopathology.
- Blatt, S. J. (2004). *Experiences of depression: Theoretical, clinical and research perspectives*. Washington DC: American Psychological Association.
- Blatt, S. J., & Auerbach, J.S. (2000). Psychoanalytic models of the mind and their contributions to personality research. *European Journal of Personality*, 14(5), 429-447.

- Blatt, S. J., Auerbach, J.S., & Levy, K.N. (1997). Mental representations in personality development, psychopathology, and the therapeutic process. *Review of General Psychology, 1*, 351-374.
- Blatt, S. J., & Blass, R. B. (1990). Attachment and separateness: A dialectic model of the products and processes of development throughout the life cycle. *Psychoanalytic Study of the Child, 45*, 107-127.
- Blatt, S. J., & Blass, R. B. (1992). Relatedness and self-definition: Two primary dimensions in personality development, psychopathology, and psychotherapy. In J. W. Barron, M. N. Eagle & D. L. Wolitzky (Ed.), *Interface of psychoanalysis and psychology* (pp. 399-428). Washington, DC: American Psychological Association.
- Blatt, S. J., & Blass, R. B. (1996). Relatedness and self-definition: A dialectic model of personality development. In G. G. Noam & K. W. Fischer (Ed.), *Development and vulnerabilities in close relationships* (pp. 309-338). Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Blatt, S. & Homann, E. (1992). Parent-child interaction in the etiology of dependent and self-critical depression. *Clinical Psychology Review, 12*, 47-91.
- Blatt, S. J. & Lerner, H. (1983). Psychodynamic perspectives on personality theory. In M. Hersen, A. E. Kazdin & A. S. Bellack (Ed.), *The clinical psychology handbook* (pp. 87-106). New York: Pergamon Press.
- Blatt, S. J. & Levy, K. N. (1998). A psychodynamic approach to the diagnosis of psychopathology. In J. W. Barron (Ed.), *Making diagnosis meaningful: Enhancing evaluation and treatment of psychological disorders* (pp. 73-109). Washington, DC: American Psychological Association Books.

- Blatt, S.J., & Shichman, S. (1983). Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6(2), 187-254.
- Blatt, S. J., Wein, S. J., Chevron, E., & Quinlan, D. M. (1979). Parental representations and depression in normal young adults. *Journal of Abnormal Psychology*, 88(4), 388-397.
- Bogaerts, S., Vanheule, S., & Desmet, M. (2006). Personality disorders and romantic adult attachment: A comparison of secure and insecure attached child molesters. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 5(2), 139-147.
- Bond, M. (2004). Empirical studies of defense style: Relationships with psychopathology and change. *Harvard Review of Psychiatry*, 12(5), 263-278.
- Bornstein, R. F. (2003). Psychodynamic models of personality. In T. Millon & M. J. Lerner (Eds.), *Comprehensive handbook of psychology, Volume 5: Personality and social psychology* (pp. 117-134). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Bornstein, R. F. (2005). Psychodynamic theory and personality disorders. In S. Strack (Ed.), *Handbook of personology and psychopathology* (pp. 164-180). Hoboken, John Wiley & Sons, Inc.
- Bornstein, R. F. (2006). A Freudian construct lost and reclaimed: The psychodynamics of personality pathology. *Psychoanalytic Psychology*, 23(2), 339-353.
- Bowins, B. (2010). Personality disorders: A dimensional defense mechanism approach. *American Journal of Psychotherapy*, 64(2), 153-169.

- Brennan, K.A. & Shaver, P.R. (1998). Attachment styles and personality disorders: Their connections to each other and to parental divorce, parental death, and perceptions of parental caregiving. *Journal of Personality*, 66(5), 835-878.
- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: A review. *Early Child Development & Cares*, 180(1/2), 9-23.
- Brown, G.L., Shoppe-Sullivan, S.J., Mangerlsdorf, S.C., & Neff, C. (2010). Observed and reported supportive coparenting as predictors of infant-mother and infant-father attachment security. *Early Child Development & Cares*, 180(1/2), 121-137
- Campos, R. C. (2003). Síntese integrativa dos aspectos centrais da perspectiva teórica de Sidney Blatt sobre o desenvolvimento da personalidade e sobre a psicopatologia. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5(1), 91-99.
- Campos, R. (2006). 'Depressivos somos nós': Um estudo de conceptualização e avaliação da personalidade depressiva e da depressão. Dissertação de doutoramento em Psicologia, apresentada à Universidade de Évora.
- Campos, R. C. (2009). *Depressivos somos nós: Considerações sobre a depressão, a personalidade e a dimensão depressiva da personalidade*. Coimbra: Almedina.
- Campos, R. C., Besser, A., & Blatt, S. J. (2010). The mediating role of self-criticism and dependency in the association between perceptions of maternal caring and depressive symptoms. *Depression and Anxiety*, 27, 1149-1157.

- Campos, R. C., Besser, A., & Blatt, S. J (2011). The relationships between defenses and experiences of depression: An exploratory study. *Psychoanalytic Psychology*, 28, 196-208.
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: Guilford Press.
- Clarkin, J., & Lenzenweger, M. (1996). The personality disorders: History, classification, and research issues. In J. Clarkin, & M. Lenzenweger (Eds.), *Review of major theories of personality disorder* (pp. 1-35). New York: Guildford Press.
- Costa Jr, P. T., & McCrae, R. R.. (2006). Trait and factor theories. In J. C. Thomas, & D. L. Segal (Eds.), *Comprehensive handbook of personality and psychopathology. Volume 1: Personality and everyday functioning* (pp. 96-114). Hoboken, John Wiley & Sons, Inc.
- Cramer, P. (1999). Personality, personality disorders, and defense mechanisms. *Journal of Personality*, 67(3), 535-554.
- Cramer, P. (2002), Defense mechanisms, behavior, and affect in young adulthood. *Journal of Personality*, 70, 103–126.
- de Minzi, M.C.R. (2010). Gender and cultural patterns of mothers' and fathers' attachment and links with children's self-competence, depression and loneliness in middle and late childhood. *Early Child Development & Cares*, 180(1/2), 193-209.
- Debray, Q., & Nollet, D. (2004). *As personalidades patológicas*. Lisboa: Climepsi (Obra original publicada em 2001).

- Diamond, D. (2004). Attachment disorganization: The reunion of attachment theory and psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 21(2), 276-299.
- Dias, P.M.B.S. (2007). Vinculação e regulação autonómica nas perturbações alimentares. Dissertação de doutoramento em Psicologia, apresentada à Universidade do Minho.
- Ducharme, J. (2002). Attachment security with mother and father: Associations with adolescent's reports of interpersonal behavior with parents and peers. *Journal of Social & Personal Relationships*, 19(2), 203-231
- Erdberg, P. (2004). Psychopathologic assessing the dimensions of personality disorder. In J. J. Magnavita (Ed.), *Handbook of personality disorders: Theory and practice* (pp. 78-91). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Erozkan, A. (2009). Rejection sensitivity levels with respect to attachment styles, gender, and parenting styles: A study with turkish students. *Social Behavior and Personality*, 37(1), 1-14.
- Eskedal, G. A. (1998). Personality disorders and treatment: A therapeutic conundrum. *Journal of Adult Development*, 5(4), 255-260.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 121 – 158). Braga, Psiquilíbrios Edições.
- Franco, A. C., & Campos, R. C. (2010). Representações parentais e padrões desadaptativos de personalidade: Um estudo com uma amostra não-clínica. In C. Nogueira et al. (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 3879-3890).

- Freud, A. (1965). *Normality and pathology in childhood*. New York: International Universities Press.
- Frey, R. J. (2003). Personality disorders. In E. Thackery , & M. Harris (Eds.), *The Gale encyclopedia of mental disorders* (Vol. 2, pp. 747-749). Detroit, Gale.
- Funk-Bretano, I. (2005). Donald W. Winnicott. In B. Golse (coord.) e E. Pestana (trad.), *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança* (pp. 91-106). Lisboa: Climepsi Editores (Original publicado em 1985).
- George, M.R.W., Cummings, E.M., & Davies, P.T. (2010). Positive aspects of fathering and mothering, and children's attachment in kindergarten. *Early Child Development & Cares*, 180(1/2), 107-119
- Golse, B. (2005). Abordagem de alguns pontos de contacto entre as teorias afectivas e cognitivas. In B. Golse (coord.) e E. Pestana (trad.), *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança* (pp. 275-308). Lisboa: Climepsi Editores (Original publicado em 1985).
- Goodman, G. (2004). Empirical evidence supporting the conceptual relatedness of object representations and internal working models. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 53, 597-617.
- Goodsell, T.L., & Meldrum, J.T. (2010). Nurturing fathers: a qualitative examination of child-father attachment. *Early Child Development & Cares*, 180(1/2), 249-262
- Guidano, V., & Liotti, G. (1983). *Cognitive processes and emotional disorders*. New York: Guilford Press.

- Guisinger, S., & Blatt, S. J. (1994). Individuality and relatedness: Evolution of a fundamental dialectic. *American Psychologist*, 49(2), 104-111.
- Haan, N. (1963). Proposed model of ego functioning: Coping and defense mechanisms in relationship to I.Q. change. *Psychological Monographs*, 77, 1-23.
- Hopwood, C. J., Newman, D. A., Donnellan, M. B., Markowitz, J. C., Grilo, C. M., Sanislow, C. A., Ansell, E. B., McGlashan, T. H., Skodol, A. E., Shea, M. T., Gunderson, J. G., Znarini, M. C., & Morey, L. C. (2009). The stability of personality traits in individuals with borderline personality disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 118(4), 806-815.
- Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 671- 687). New York: Guilford Press.
- Ihilevich, D., & Gleser, G. C. (1986). *Defense mechanisms: Their classification, correlates, and measurement with the Defense Mechanisms Inventory* (pp. 1-15). Owosso, DMI Associates.
- Ihilevich, D., & Gleser, G. C. (1994). The Defense Mechanisms Inventory: Its development and clinical applications. In R. Plutchik & H. R. Conte (Eds.), *Ego defenses: Theory and measurement* (Vol. 10; pp. 221-246). New York: John Wiley & Sons.
- Johnson, K. A., Zinmier, M. R., & Golden, L. L. (1987). Object relations theory: male and female differences in visual information processing. *Advances in Consumer Research*, 14(1), 83-87.

- Jordan, J. V. (2004). Personality disorder or relational disconnection? In J. J. Magnavita (Ed.), *Handbook of personality disorders: Theory and practice*. (pp. 120-134). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Juni, S. (1999). The Defense Mechanisms Inventory: Theoretical and psychometric implications. *Current Psychology, 17*, 313-332.
- Justo, J. (no prelo). Adaptação da versão masculina adulta do Defense Mechanisms Inventory para a população portuguesa.
- Justo, J. (1989). Teste D.M.I. "Defense Mechanisms Inventory": Versão feminina portuguesa. *Psicologia Clínica, 2*, 47-56.
- Klahr, M. (2005). Melanie Klein. In B. Golse (coord.) e E. Pestana (trad.), *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança* (pp. 77-90). Lisboa: Climepsi Editores (Original publicado em 1985).
- Kroeber, T. (1963). The coping functions of the ego mechanisms. In R. White (Ed.), *The study of lives*. New York: Atherton Press.
- Löffler-Stastka, H., Ponocny-Seliger, E., Fischer-Kern, M., & Leithner, K. (2005). Utilization of psychotherapy in patients with personality disorder: The impact of gender, character traits, affect regulation, and quality of object-relations. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 78*, 531-548.
- Luyten, P., & Blatt, S. J. (2011). Integrating theory-driven and empirically-derived models of personality development and psychopathology: A proposal for DSM V. *Clinical Psychology Review, 31*, 52-68.

- Ma, C. Q., & Huebner, E. S. (2008). Attachment relationships and adolescents' life satisfaction: Some relationships matter more to girls than boys. *Psychology in the Schools, 45*(2), 177-190.
- Magnavita, J. J. (2004). Classification, prevalence, and etiology of personality disorders: Related issues and controversy. In J. J. Magnavita (Ed.), *Handbook of personality disorders: Theory and practice*. (pp. 3-23). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística – Com utilização do SPSS* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 45-54.
- McElwain, N.L. (2004). Attachment security and parental sensitivity during infancy: Associations with friendship quality and false-belief understanding at age 4. *Journal of Social & Personal Relationships, 21*(5), 639-667.
- Michel, G., & Purper-Ouakil, D. (2009). *Personalidade e desenvolvimento do normal ao patológico*. Lisboa: Instituto Piaget (Obra original publicada em 2006).
- Millon, T. (1987). *Millon Clinical Mutiaxial Inventory-II: Manual for the MCMI-II*. Minneapolis: National Computer Systems.
- Millon, T. (1993). Personality disorders: Conceptual distinctions and classification issues. In P. Costa and T. Widiger (Eds.). *Personality disorders and the five-factor model of personality* (pp. 279-301). Washington: American Psychological Association Press.

- Millon, T. (1994). Clinical Interpretation. In *Millon Clinical Multiaxial Inventory-III: Manual* (pp 45-70). Minneapolis, MN: National Computer Systems.
- Millon, T. (1996). An integrative theory of personality and psychopathology. In T. Millon (Ed.), *Personality and psychopathology: Building a clinical science* (2nd ed.). Oxford: John Wiley & Sons.
- Millon, T., & Davis, R. (1996). *Disorders of personality: DSM-IV and beyond*. Oxford: John Wiley & Sons.
- Millon, T., & Grossman, S.D. (2004). Psychopathologic assessment can usefully inform therapy: A view from the study of personality. In J. J. Magnavita (Ed.), *Handbook of personality disorders: Theory and practice* (pp. 24-55). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Millon, T., & Grossman, S. D. (2006). Goals of a theory of personality. In J. C. Thomas, & D. L. Segal (Eds.), *Comprehensive handbook of personality and psychopathology. Volume 1: Personality and everyday functioning* (pp. 3-22). Hoboken, John Wiley & Sons, Inc.
- Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S., & Ramnath, R. (2004). *Personality disorders in modern life* (2nd ed). Hoboken: John Wiley & Sons, Inc.
- Montgomery, C., Lloyd, K., & Holmes, J. (2000). The burden of personality disorder: A district-based survey. *International Journal of Social Psychiatry*, 46(3), 164-169.
- Mullen, L. S., Blanco, C., Vaughn, S.C., & Roose, S. P. (1999). Defense mechanisms and personality in depression. *Depression and Anxiety*, 10(4), 168-174.

- Muris, P., Winands, D., & Horselenberg, R. (2003). Defense styles, personality traits, and psychopathological symptoms in nonclinical adolescents. *Journal of Nervous and Mental Disease, 191*(12), 771–78.
- Page, T. F. (2001). Attachment and personality disorders: Exploding maladaptive developmental pathways. *Child and Adolescent Social Work Journal, 18*(5), 313-334.
- Porcerelli, J. H., Cogan, R., & Hibbard, S. (1998). Cognitive and affective representations of people and MCMI-II personality psychopathology. *Journal of Personality Assessment, 70*(3), 535-450.
- Reiss, S. (2008). *The normal personality: A new way of thinking about people*. New York: Cambridge University Press.
- Riggs, S. A., & Jacobvitz, D. (2002). Expectant parents' representations of Early attachment relationships: Associations with mental health and family history. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 70*(1), 195-204.
- Rodrigues, V. A., & Gonçalves, L. (2009). *Patologia da personalidade – Teoria, clínica e terapêutica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (3ª edição)
- Rossier, J., Rigozzi, C., & Personality Across Culture Research Group (2008). Personality disorders and the five-factor model among french speakers in Africa and Europe. *Canadian Journal of Psychiatry, 53*, 534-544.
- Samuels, J., Eaton, W. W., Bienvenu, O. J., III, Brown, C. H., Costa, P. T., JR., & Nestadt, G. (2002). Prevalence and correlates of personality disorders in a community sample. *British Journal of Psychiatry, 180*, 536–542.

- Sanislow, C. A., Little, T. D., Ansell, E. B., Grilo, C. M., Daversa, M., Markowitz, J. C., Pinto, A., Shea, M. T., Yen, S., Skodol, A. E., Morey, L. C., Gunderson, J. G., Zanarini, M. C., & McGlashan, T. H. (2009). Ten-year stability and latent structure of the *DSM-IV* schizotypal, borderline, avoidant, and obsessive-compulsive personality disorders. *Journal of Abnormal Psychology, 118*(3), 507-519.
- Schwartz, A. E. (1993). Thoughts on the constructions of maternal representations. *Psychoanalytic Psychology, 70*(3), 331-344.
- Schwarz, J. C., & Zuroff, D. C. (1979). Family structure and depression in female college students: Effects of parental conflict, decision-making power, and inconsistency of love. *Journal of Abnormal Psychology, 88*(4), 398-406.
- Sherry, A., Lyddon, W. J., & Henson, R. K. (2007). Adult attachment and developmental personality styles: An empirical study. *Journal of Counseling & Development, 85*, 337-348.
- Sinha, B.K., & Watson, D.C. (2004). Personality disorder clusters and the Defense Style Questionnaire. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice, 77*, 55-66.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 432 – 442). Braga, Psiquilíbrios Edições.
- Soares, I., Carvalho, M., Dias, P., Rios, S., & Silva, J. (2007). Vinculação e psicopatologia. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 193-240). Braga, Psiquilíbrios Edições.

- Soares, I., & Dias, P. (2007). Apego y psicopatología en jóvenes y adultos: Contribuciones recientes de la investigación. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(1), 177-195.
- Soares, I., Rangel-Henriques, M., Neves, L., & Pinho, A. (1999). *Protocolo de avaliação de marcadores desenvolvimentais para a psicopatologia – PAMaDeP*. Braga: Universidade do Minho.
- Thobaben, M. (2008). A Basic understanding of personality disorders. *Home Health Care Management Practice*, 20, 354-357.
- Thormählen, B., Vinnars, B., Nore'n, K., & Barber, J. P. (2009). Do personality problems improve during psychodynamic supportive-expressive psychotherapy? Secondary outcome results from a randomized controlled trial for psychiatric outpatients with personality disorders. *Psychotherapy Theory, Research, Practice, Training*, 46(3), 362-375.
- Trull, T. J., & Widiger, T. A. (2003). Personality disorders. In T.A. Widiger, & I. B. Weiner (Eds.), *Handbook of Psychology: Clinical Psychology* (Vol. 8; pp. 149-172). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Vaillant, G. E. (1971). Theoretical hierarchy of adaptive ego mechanisms: A 30-year follow-up of 30 men selected for psychological health. *Archives of General Psychiatry*, 24, 107-118.
- Vaillant, G. E., & McCullough, L. (1998). The role of ego mechanisms of defense in the diagnosis of personality disorders. In J. W. Barron (Ed), *Making diagnosis meaningful: Enhancing evaluation and treatment of psychological disorders* (pp. 139-158). Washington, D. C., American Psychological Press.

- Vincent, K.R. (1990). The relationship between personality disorders, normality and healthy personality: Personality on a continuum. *Social Behavior and Personality*, 18(2), 245-250.
- Westen, D. (1990). Psychoanalytic approaches to personality. In L. A. Pervin (Ed.), *Handbook of Personality: Theory and Research* (pp. 21-65). New York: Guilford Press.
- Widiger, T. A., Livesley, W. J., & Clark, L. A. (2009). An integrative dimensional classification of personality disorder. *Psychological Assessment*, 21(3), 243-255.
- Wiggins, J. S., & Pincus, A. L. (1993). Personality structure and the structure of personality disorders. In P. Costa and T. Widiger (Eds.). *Personality disorders and the five-factor model of personality* (pp. 73-93). Washington: American Psychological Association Press.
- Williams, P. G., & Gunn, H. E. (2006). Gender, personality, and psychopathology. In J. C. Thomas, & D. L. Segal (Eds.), *Comprehensive handbook of personality and psychopathology. Volume 1: Personality and everyday functioning* (pp. 432- 442). Hoboken, John Wiley & Sons, Inc.
- Wolitzky, D. L. (2006). Psychodynamic theories. In J. C. Thomas, & D. L. Segal (Eds.), *Comprehensive handbook of personality and psychopathology. Volume 1: Personality and everyday functioning* (pp. 65- 95). Hoboken, John Wiley & Sons, Inc.
- Yaffee, R. A. (2002). *Robust regression analysis: Some popular statistical package options*. Consultado em 2 de Março de 2011 a partir de <http://www.nyu.edu/its/statistics/Docs/RobustReg2.pdf>

Yu, Y., Chamorro-Premuzic, T., & Honjo, S (2008). Personality and defense mechanisms in late adulthood. *Journal of Aging and Health*, 20(5), 526-544.

Anexos

Anexo I

Pacote de questionários aplicados aos participantes do sexo masculino

INSTRUÇÕES

Agradeço desde já a sua colaboração e peço a sua atenção para alguns aspectos a ter em conta antes de iniciar a resposta aos questionários.

Deverá responder aos questionários pela ordem apresentada. Após terminar o preenchimento de um questionário e iniciar outro, por favor não volte atrás, ao questionário anterior.

Leia as instruções de cada questionário porque são diferentes.

Por favor seja sincero nas repostas e sinta-se à vontade uma vez que os questionários são anónimos. Não escreva o seu nome em nenhuma das folhas.

Não leve muito tempo com cada questionário, mas ainda assim, não responda apressada e descuidadamente

E por último, e também muito importante, não conferencie com os colegas sobre como responder. As respostas são pessoais e devem reflectir apenas a sua opinião.

Mais uma vez, muito obrigado pela sua participação.

Código: _____

PAMaDeP – Versão B (Forma F)

Isabel Soares (Univ. Minho)
 Margarida Rangel Henriques (Univ. Porto)
 Lúcia Neves (Univ. Minho)
 Armando Pinho (Univ. Minho)

(GEV – Grupo de Estudos da Vinculação)

Data: ___ / ___ / ___ Sexo: _____ Idade : _____ Estado Civil: _____

Habilitações Literárias: _____ Profissão / Ocupação: _____

Se é estudante, indique: Estabelecimento de ensino: _____ Ano: _____

Profissão do Pai: _____ Habilitações Literárias do Pai: _____

Profissão da Mãe: _____ Habilitações Literárias da Mãe: _____

Vive com os seus pais? SIM NÃONeste caso, mantém, actualmente, contacto regular com os seus pais? NÃO SIMDepende dos seus pais financeiramente? NÃO SIM**Instruções**

Este questionário procura conhecer comportamentos, pensamentos e sentimentos característicos da sua relação com os seus pais, com os outros em geral e consigo própria. Ao responder, tente lembrar-se do modo mais habitual de como as coisas aconteciam, na sua forma geral de sentir, de pensar ou de se comportar.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos que responda com sinceridade e de acordo com a sua situação.

Relativamente a cada afirmação deverá avaliar, em que medida, ela se aplica ao seu caso, concordando ou não com o que aí é dito. Assim, se discorda totalmente da afirmação deverá assinalar com uma cruz sobre o número 1 da escala de resposta; se, pelo contrário, “concorda totalmente” deverá assinalar o número 4 e assim sucessivamente, identificando o número que melhor traduz o seu grau de acordo sobre a afirmação. A escala de respostas é assim constituída pelos seguintes níveis:

1 – Discordo totalmente**2 - Discordo****3 - Concordo****4 - Concordo totalmente**

Por exemplo, para a afirmação:

Quando era pequena, merecia a admiração dos adultos.	1	2	3	4
--	----------	----------	----------	----------

Indique sempre, para todas as afirmações, o seu grau de acordo e em caso de dúvida opte pela resposta que melhor corresponda ao seu caso.

Não existe tempo limite para responder, no entanto, procure dar a resposta que corresponde à sua primeira impressão, sem demorar muito tempo em cada afirmação.

Uma vez preenchida cada uma das partes não deverá voltar atrás.

Quando acabar verifique, por favor, se respondeu a todas as questões, não deixando nenhuma em branco.

Código: _____

FORMA PAI

Este questionário procura conhecer o modo como o seu pai (ou pessoa que o substituiu) se relacionou consigo quando era pequeno(a), período que se pode estender até aos 15 / 16 anos. Em seguida, é apresentado um conjunto de afirmações e gostaríamos que para cada uma indicasse em que grau ela caracteriza a relação do seu pai consigo. Assim, se considerar que a afirmação caracteriza muito mal, que era exactamente o contrário, deverá assinalar que *discorda totalmente*, colocando uma cruz no número 1 da escala de resposta; se considerar que a afirmação caracteriza muito bem o que foi a relação do seu pai consigo, deverá assinalar que *concorda totalmente*, colocando uma cruz no número 4 da escala de resposta e, assim sucessivamente, expressando o seu grau de acordo com a afirmação correspondente.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. O meu pai achava que era ele quem devia resolver os meus problemas.	1	2	3	4
2. O meu pai, geralmente, perdoava-me os erros ou limitações.	1	2	3	4
3. O meu pai intrometia-se na minha vida.	1	2	3	4
4. O meu pai fazia-me sentir culpado(a) por não estar perto dele.	1	2	3	4
5. O meu pai tinha prazer em estar comigo.	1	2	3	4
6. O meu pai fazia-me sentir que eu era um fardo para ele.	1	2	3	4
7. O meu pai pressionava-me para estudar e para o sucesso, em vez de me dar apoio e compreensão.	1	2	3	4
8. O meu pai e eu pensávamos da mesma maneira.	1	2	3	4
9. O meu pai pensava que eu não era capaz de tomar conta de mim, se ele não estivesse ao meu lado.	1	2	3	4
10. O meu pai e eu éramos extremamente unidos.	1	2	3	4
11. O meu pai tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé.	1	2	3	4
12. O meu pai tinha que dar a sua opinião para que eu pudesse tomar decisões.	1	2	3	4
13. O meu pai era infeliz na sua relação conjugal, amorosa.	1	2	3	4
14. O meu pai mostrava que gostava de ser pai.	1	2	3	4
15. O meu pai confidenciava-me os seus problemas e preocupações.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
16. O meu pai tentava controlar tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
17. O meu pai era paciente e tolerante.	1	2	3	4
18. O meu pai, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer.	1	2	3	4
19. O meu pai precisava de todo o meu apoio e atenção.	1	2	3	4
20. O meu pai fazia-me sentir que gostava de mim tal como eu era, sem exigir que eu fosse uma pessoa diferente.	1	2	3	4
21. O meu pai era alguém a quem eu tinha dificuldade em agradar.	1	2	3	4
22. O meu pai era uma pessoa a quem podia fazer as minhas confidências.	1	2	3	4
23. O meu pai não me deixava fazer as coisas que eram normalmente permitidas a crianças da minha idade.	1	2	3	4
24. O meu pai manifestava um bem-estar e uma capacidade de agir que me dava confiança.	1	2	3	4
25. O meu pai não tinha sido capaz de se aguentar nos maus momentos, se não fosse a minha ajuda.	1	2	3	4
26. O meu pai não tinha tempo para mim.	1	2	3	4
27. O meu pai desiludiu-me muito.	1	2	3	4
28. O meu pai, muitas vezes, era áspero e duro comigo.	1	2	3	4
29. O meu pai estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e apoio.	1	2	3	4
30. O meu pai tentava fazer com que eu precisasse dele para tudo.	1	2	3	4
31. O meu pai era rigoroso e rígido, amedrontando-me.	1	2	3	4
32. O meu pai pressionou-me para que fosse independente, desde demasiado cedo.	1	2	3	4
33. O meu pai era muito crítico em relação a tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
34. O meu pai esperava de mim que eu lhe desse mimos e apoio.	1	2	3	4
35. O meu pai tinha manifestações físicas de afecto comigo (abraços, carícias, etc.).	1	2	3	4
36. O meu pai fazia-me sentir especial por fazer-me confidências da sua vida.	1	2	3	4
37. O meu pai, raramente, estava comigo a fazer as minhas coisas.	1	2	3	4
38. O meu pai desapontou-se muito comigo.	1	2	3	4
39. O meu pai preocupava-se demasiado com a possibilidade de eu me magoar ou de ficar doente.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
--	-----------------------------	-----------------------------	--

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
40. O meu pai não queria que eu me tornasse adulto(a).	1	2	3	4
41. O meu pai esforçava-se por me compreender e ajudar quando eu me sentia mais triste.	1	2	3	4
42. O meu pai fazia-me sentir culpado(a) e diminuído(a) quando não aprovava o que eu fazia	1	2	3	4
43. O meu pai chamava-me a atenção para as suas preocupações e necessidades.	1	2	3	4
44. O meu pai era quem me dizia o que eu devia fazer ou sentir em relação às pessoas e ao mundo.	1	2	3	4
45. O meu pai só podia contar comigo.	1	2	3	4
46. O meu pai estava demasiado ocupado ou preocupado com os seus assuntos para me dar atenção.	1	2	3	4
47. A relação com o meu pai era aberta e à vontade.	1	2	3	4
48. O meu pai não me dava coragem para eu desenvolver as minhas capacidades.	1	2	3	4
49. O meu pai era incompetente ou incapaz de lidar com situações problemáticas.	1	2	3	4
50. O meu pai não gostava da minha companhia em casa.	1	2	3	4
51. O meu pai e eu éramos amigos inseparáveis.	1	2	3	4
52. O meu pai esperava que eu fosse um(a) “menino(a) exemplar”.	1	2	3	4
53. O meu pai protegia-me excessivamente.	1	2	3	4
54. O meu pai tinha expectativas muito elevadas em relação a mim e ao meu futuro.	1	2	3	4

Código: _____

FORMA MÃE

Este questionário procura conhecer o modo como a sua mãe (ou pessoa que a substituiu) se relacionou consigo quando era pequeno(a), período que se pode estender até aos 15 / 16 anos. Em seguida, é apresentado um conjunto de afirmações e gostaríamos que para cada uma indicasse em que grau ela caracteriza a relação da sua mãe consigo. Assim, se considerar que a afirmação caracteriza muito mal, que era exactamente o contrário, deverá assinalar que *discorda totalmente*, colocando uma cruz no número 1 da escala de resposta; se considerar que a afirmação caracteriza muito bem o que foi a relação da sua mãe consigo, deverá assinalar que *concorda totalmente*, colocando uma cruz no número 4 da escala de resposta e, assim sucessivamente, expressando o seu grau de acordo com a afirmação correspondente.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. A minha mãe achava que era ela quem devia resolver os meus problemas.	1	2	3	4
2. A minha mãe, geralmente, perdoava-me os erros ou limitações.	1	2	3	4
3. A minha mãe intrometia-se na minha vida.	1	2	3	4
4. A minha mãe fazia-me sentir culpado(a) por não estar perto dela.	1	2	3	4
5. A minha mãe tinha prazer em estar comigo.	1	2	3	4
6. A minha mãe fazia-me sentir que eu era um fardo para ela.	1	2	3	4
7. A minha mãe pressionava-me para estudar e para o sucesso, em vez de me dar apoio e compreensão.	1	2	3	4
8. A minha mãe e eu pensávamos da mesma maneira.	1	2	3	4
9. A minha mãe pensava que eu não era capaz de tomar conta de mim, se ela não estivesse ao meu lado.	1	2	3	4
10. A minha mãe e eu éramos extremamente unidos(as).	1	2	3	4
11. A minha mãe tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé.	1	2	3	4
12. A minha mãe tinha que dar a sua opinião para que eu pudesse tomar decisões.	1	2	3	4
13. A minha mãe era infeliz na sua relação conjugal, amorosa.	1	2	3	4
14. A minha mãe mostrava que gostava de ser mãe.	1	2	3	4
15. A minha mãe confidenciava-me os seus problemas e preocupações.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
16. A minha mãe tentava controlar tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
17. A minha mãe era paciente e tolerante.	1	2	3	4
18. A minha mãe, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer.	1	2	3	4
19. A minha mãe precisava de todo o meu apoio e atenção.	1	2	3	4
20. A minha mãe fazia-me sentir que gostava de mim tal como eu era, sem exigir que eu fosse uma pessoa diferente.	1	2	3	4
21. A minha mãe era alguém a quem eu tinha dificuldade em agradar.	1	2	3	4
22. A minha mãe era uma pessoa a quem podia fazer as minhas confidências.	1	2	3	4
23. A minha mãe não me deixava fazer as coisas que eram normalmente permitidas a crianças da minha idade.	1	2	3	4
24. A minha mãe manifestava um bem-estar e uma capacidade de agir que me dava confiança.	1	2	3	4
25. A minha mãe não tinha sido capaz de se aguentar nos maus momentos, se não fosse a minha ajuda.	1	2	3	4
26. A minha mãe não tinha tempo para mim.	1	2	3	4
27. A minha mãe desiludiu-me muito.	1	2	3	4
28. A minha mãe, muitas vezes, era áspera e dura comigo.	1	2	3	4
29. A minha mãe estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e apoio.	1	2	3	4
30. A minha mãe tentava fazer com que eu precisasse dela para tudo.	1	2	3	4
31. A minha mãe era rigorosa e rígida, amedrontando-me.	1	2	3	4
32. A minha mãe pressionou-me para que fosse independente, desde demasiado cedo.	1	2	3	4
33. A minha mãe era muito crítica em relação a tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
34. A minha mãe esperava de mim que eu lhe desse mimos e apoio.	1	2	3	4
35. A minha mãe tinha manifestações físicas de afecto comigo (abraços, carícias, etc.).	1	2	3	4
36. A minha mãe fazia-me sentir especial por fazer-me confidências da sua vida.	1	2	3	4
37. A minha mãe, raramente, estava comigo a fazer as minhas coisas.	1	2	3	4
38. A minha mãe desapontou-se muito comigo.	1	2	3	4
39. A minha mãe preocupava-se demasiado com a possibilidade de eu me magoar ou de ficar doente.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
--	-----------------------------	-----------------------------	--

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
40. A minha mãe não queria que eu me tornasse adulto(a).	1	2	3	4
41. A minha mãe esforçava-se por me compreender e ajudar quando eu me sentia mais triste.	1	2	3	4
42. A minha mãe fazia-me sentir culpado(a) e diminuído(a) quando não aprovava o que eu fazia	1	2	3	4
43. A minha mãe chamava-me a atenção para as suas preocupações e necessidades.	1	2	3	4
44. A minha mãe era quem me dizia o que eu devia fazer ou sentir em relação às pessoas e ao mundo.	1	2	3	4
45. A minha mãe só podia contar comigo.	1	2	3	4
46. A minha mãe estava demasiado ocupada ou preocupada com os seus assuntos para me dar atenção.	1	2	3	4
47. A relação com a minha mãe era aberta e à vontade.	1	2	3	4
48. A minha mãe não me dava coragem para eu desenvolver as minhas capacidades.	1	2	3	4
49. A minha mãe era incompetente ou incapaz de lidar com situações problemáticas.	1	2	3	4
50. A minha mãe não gostava da minha companhia em casa.	1	2	3	4
51. A minha mãe e eu éramos amigos(as) inseparáveis.	1	2	3	4
52. A minha mãe esperava que eu fosse um(a) “menino(a) exemplar”.	1	2	3	4
53. A minha mãe protegia-me excessivamente.	1	2	3	4
54. A minha mãe tinha expectativas muito elevadas em relação a mim e ao meu futuro.	1	2	3	4

Código: _____

“Quando era pequeno” (M)

As questões que seguem referem-se à sua vida passada e são iniciadas pela expressão “Quando era pequeno”, reportando-se a um período que se pode estender até aos 15 /16 anos. Algumas afirmações que se seguem referem-se à relação com os seus pais. No entanto, se tiver sido criado por outros adultos que os substituíram, ou apenas com um dos seus pais, deverá responder em relação a essa pessoa que cuidou de si.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
--	-----------------------------	-----------------------------	--

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Quando era pequeno, sofria muito quando tinha que me separar dos meus pais.	1	2	3	4
2. Quando era pequeno, sentia-me rejeitado pelos outros.	1	2	3	4
3. Quando era pequeno, os meus pais não me davam o apoio emocional que eu precisava, apesar de se preocuparem muito comigo.	1	2	3	4
4. Quando era pequeno, sentia-me responsável por manter a união e harmonia familiar.	1	2	3	4
5. Quando era pequeno, tinha medo que os meus pais me abandonassem.	1	2	3	4
6. Quando era pequeno, era pouco autónomo no arranjo pessoal (vestir, lavar-me etc.) tendo tido, até tarde, ajuda dos meus pais ou de outros.	1	2	3	4
7. Quando era pequeno, tinha medo que a minha família se separasse.	1	2	3	4
8. Quando era pequeno, era afectivamente muito independente dos meus pais.	1	2	3	4
9. Quando era pequeno, sofri muito com a doença de um dos meus pais.	1	2	3	4
10. Quando era pequeno, sentia-me pouco amado pelos meus pais.	1	2	3	4
11. Quando era pequeno, para adormecer precisava de ter um dos meus pais ao meu lado.	1	2	3	4
12. Quando era pequeno, sentia-me excessivamente frágil perante obstáculos e dificuldades.	1	2	3	4
13. Quando era pequeno, estava sempre preocupado com o que pudesse acontecer de mal aos meus pais.	1	2	3	4
14. Quando era pequeno, tinha tendência para não revelar aos outros as minhas mágoas, por achar que não valia a pena contar.	1	2	3	4
15. Quando era pequeno, fui ameaçado de abandono pelos meus pais.	1	2	3	4
16. Quando era pequeno, tive que assumir a responsabilidade de cuidar de mim ou de outros, quando ainda era demasiado jovem para isso.	1	2	3	4
17. Quando era pequeno, pressentia rejeição na atitude dos meus pais para comigo.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
--	-----------------------------	-----------------------------	--

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
18. Quando era pequeno, nunca queria separar-me dos meus pais.	1	2	3	4
19. Quando era pequeno, sofri a ausência de um dos meus pais ou dos dois, durante um período de tempo prolongado.	1	2	3	4
20. Quando era pequeno, fui pouco independente até tarde, precisando da ajuda dos pais ou de outros para resolver as minhas dificuldades.	1	2	3	4
21. Quando era pequeno, sentia-me muitas vezes incompreendido e só.	1	2	3	4
22. Quando era pequeno, preocupava-me muito em mostrar aos outros que tudo corria bem dentro da minha família.	1	2	3	4
23. Quando era pequeno, senti-me abandonado pelos meus pais.	1	2	3	4
24. Quando era pequeno, tinha tendência para sentir mal-estar físico (dores, vômitos, etc.) em situações problemáticas para mim, sem estar doente.	1	2	3	4
25. Quando era pequeno, perdi (por morte) um dos meus pais ou os dois.	1	2	3	4
26. Quando era pequeno, não tinha oportunidade de dizer, verdadeiramente, o que sentia ou pensava.	1	2	3	4
27. Quando era pequeno, nunca me custou nada separar-me dos meus pais.	1	2	3	4
28. Quando era pequeno, acusavam-me de “ser pouco dado”.	1	2	3	4
29. Quando era pequeno, as pessoas consideravam-me muito maduro e responsável.	1	2	3	4
30. Quando era pequeno, a minha vida sofreu alterações muito negativas após a morte de um dos meus pais.	1	2	3	4
31. Quando era pequeno, o que mais me preocupava era a minha família e a união familiar.	1	2	3	4

DMI

Adaptação autorizada de João M. R. M. Justo, 2009.

© Gleser, G. & Ihilevich, D. (1969)

INSTRUÇÕES: Leia cuidadosamente

Em cada uma das páginas seguintes, encontrará uma certa narrativa. Depois de cada narrativa, estão quatro perguntas e, para cada uma delas, há cinco respostas à sua escolha. As quatro perguntas procuram informação sobre quatro tipos de reacções à história contada: comportamento efectivo (real), comportamento de descarga (na fantasia), pensamentos e reacções emocionais. Destas quatro perguntas, só o comportamento efectivo tem correspondência na realidade. As outras três acontecem só no foro íntimo, dentro da cabeça de cada um.

O que nós queremos é que seleccione uma única resposta, de entre as cinco, que lhe pareça ser mais representativa (M) do seu modo de agir. Depois, escolha uma resposta que lhe pareça estar mais longe (L) do modo como reagiria. Por exemplo, vamos imaginar que de entre as cinco respostas possíveis a uma pergunta (números 136, 137, 138, 139, 140) a resposta 137 lhe parece a mais representativa do seu modo de reagir e que a resposta 140 é a que está mais longe da sua forma de reagir. Neste caso, assinale o M correspondente à resposta 137 e o L correspondente à resposta 140.

Exemplo:

Questão:..			
136	Resposta....	M	L
137	Resposta....	M	L
138	Resposta....	M	L
139	Resposta....	M	L
140	Resposta....	M	L

Por favor, marque apenas um M e um L em cada grupo de cinco respostas. Os restantes M's e L's, em cada conjunto, não devem ter qualquer anotação. Leia o conjunto das cinco respostas às perguntas, antes de pensar na sua escolha.

Não há respostas verdadeiras nem falsas, nem boas nem más; a única orientação para as suas escolhas é aquilo que sabe a respeito de si próprio. Deixe-se imaginar, por um momento, que o acontecimento descrito na narrativa está realmente a passar-se consigo, ainda que nunca se tenha passado consigo nada de igual. Quando escolher as suas respostas, lembre-se que não lhe estamos a pedir que diga do que gosta mais ou do que gosta menos, mas sim aquilo que mais ou menos se aproxima do modo como você reagiria ou se sentiria em tais situações.

Se não tem dúvidas a esclarecer, comece.

Você está à espera do autocarro na esquina da rua. As ruas ficaram molhadas e lamacentas depois das chuvas da noite passada. Um carro, em alta velocidade, passa junto ao passeio e dá-lhe um duche de lama.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

1	Tomaria nota da matrícula, para poder identificar esse condutor perigoso.	M	L
2	Censurava-me por não ter, ao menos, vestido uma gabardine.	M	L
3	Sorrindo, limparia os pingos com um lenço.	M	L
4	Resignado, lembrava-me que, no fim de contas, estas coisas acontecem.	M	L
5	Gritava insultos ao condutor.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

6	Enfiava a cara do condutor na lama.	M	L
7	Denunciava esse condutor incompetente à polícia.	M	L
8	Chamava-me burro por ter ficado tão à beira da estrada.	M	L
9	Dizia ao condutor que isto é uma coisa sem importância.	M	L
10	Informava esse condutor que os peões também têm os seus direitos.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

11	Porque é que eu estou sempre a meter-me em coisas destas?	M	L
12	Este condutor que vá para o diabo.	M	L
13	Tenho a certeza de que, lá no fundo, este condutor é boa pessoa.	M	L
14	Em dia de chuva, estas coisas podem acontecer a qualquer pessoa.	M	L
15	Gostava de saber se este condutor me terá molhado de propósito.	M	L

Como se sentiria e porquê?

16	Satisfeito, afinal de contas podia ter sido pior.	M	L
17	Triste, por causa da minha pouca sorte.	M	L
18	Resignado, porque uma pessoa tem que se aguentar com as coisas que acontecem.	M	L
19	Ressentido, por esse condutor ser tão descuidado e egoísta.	M	L
20	Furioso, por esse condutor me ter sujado.	M	L

Você trabalha, há algum tempo, no quadro da Polícia de Segurança Pública. O seu cargo é de muita responsabilidade na eficiência de um departamento que está sempre debaixo de uma grande pressão para cumprir os regulamentos. Como ultimamente as coisas não têm corrido tão bem como deviam, apesar da sua iniciativa e qualidades pessoais, você planeou fazer, dentro de pouco tempo, algumas alterações nos postos de trabalho. Antes de executar esses planos, o seu oficial superior aparece inesperadamente, faz algumas perguntas bruscas acerca do trabalho do departamento e, depois, diz-lhe que está demitido do seu posto e o seu assistente é nomeado para tomar o seu lugar.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

21	Aceitaria a minha demissão com bons modos, uma vez que o meu oficial superior está, apenas, a cumprir as suas funções.	M	L
22	Censurava o meu superior por ter tomado uma decisão contra mim, mesmo antes de se ter encontrado comigo.	M	L
23	Ficaria agradecido por ter sido aliviado de um trabalho tão difícil.	M	L
24	Ficava à espera da primeira oportunidade para lixar o meu assistente.	M	L
25	Censurava-me por não ter sido bastante competente.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

26	Dava os parabéns ao meu assistente pela sua promoção.	M	L
27	Esclarecia a provável conspiração entre o meu superior e o meu assistente para se verem livres de mim.	M	L
28	Dizia ao meu superior para ir para o inferno.	M	L
29	Ficava com vontade de me matar.	M	L
30	Preferia abandonar tudo, mas isso não se pode fazer na polícia.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

31	Quem me dera poder encontrar-me, a sós, com o meu superior, numa rua escura.	M	L
32	Na polícia, é importantíssimo que a pessoa certa esteja no lugar certo.	M	L
33	Não há dúvida de que tudo isto não passou de uma desculpa para ele se ver livre de mim.	M	L
34	Realmente, tive muita sorte em só ter perdido o meu trabalho e não a minha graduação.	M	L
35	Como é que eu fui tão parvo a pontos de deixar as coisas chegarem a este estado.	M	L

Como se sentiria e porquê?

36	Magoado, porque ele estava à espera da altura própria para me tramar.	M	L
37	Furioso com o meu assistente, por ficar com o meu lugar.	M	L
38	Satisfeito, por não ter acontecido nada pior.	M	L
39	Transtornado, por ter sido um falhado.	M	L
40	Resignado, afinal de contas temos de ficar contentes quando fazemos o melhor possível.	M	L

Você está a viver com a sua tia e o seu tio, que estão a ajudá-lo nos seus estudos. Eles cuidam de si desde que os seus pais morreram num desastre de automóvel, desde os seus treze anos. Numa noite em que você tem um encontro marcado para tarde com a sua namorada, lá fora está uma tempestade danada. A sua tia e o seu tio insistem consigo para telefonar e cancelar o encontro por causa do tempo e da hora tardia. Você está quase a desobedecer-lhes e pronto para sair pela porta fora quando o seu tio diz, numa voz de comando: “A tua tia e eu já te dissemos que não podes ir, e não se fala mais nisso”.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

41	Faria como disse o meu tio, porque ele sempre quis o melhor para mim.	M	L
42	Dizia-lhes: “Eu sempre soube que vocês não querem que eu me torne adulto”.	M	L
43	Cancelava o meu encontro porque é preciso conservar a paz na família.	M	L
44	Dizia-lhes que aquele assunto não lhes diz respeito.	M	L
45	Concordaria em ficar em casa e pedia-lhes desculpa por tê-los chateado.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

46	Batia com a cabeça nas paredes.	M	L
47	Dizia-lhes para deixarem de arruinar a minha vida.	M	L
48	Agradecia-lhes por estarem tão preocupados com o meu bem-estar.	M	L
49	Saía, batendo com a porta na cara deles.	M	L
50	Mantinha o meu compromisso, doesse a quem doesse.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

51	Porque é que eles não se calam e não me deixam em paz.	M	L
52	Realmente, eles nunca se importaram comigo.	M	L
53	Eles são tão bons para mim que eu devo seguir o conselho deles sem discutir.	M	L
54	Não se pode receber sem dar qualquer coisa em troca.	M	L
55	A culpa é toda minha, por ter marcado uma hora tão tardia.	M	L

Como se sentiria e porquê?

56	Aborrecido, porque pensam que eu sou um bebé.	M	L
57	Desanimado, porque não posso fazer nada.	M	L
58	Agradecido, porque se preocupam comigo.	M	L
59	Resignado, afinal de contas não se pode fazer sempre aquilo que se deseja.	M	L
60	Furioso, porque eles interferem com os meus assuntos privados.	M	L

Você gostava muito de ser bom atleta. Mas, a verdade é que só no futebol conseguiu ter algum sucesso. No entanto, até aqui, nunca foi aceite numa equipa, apesar de parecer que os treinadores o aprovam. A decisão final foi sempre a mesma: diziam-lhe que, por pouco, teria sido aceite, mas falhou no teste. Certa tarde, vai de autocarro, em hora de ponta. Em pé, no autocarro, ouve a voz da sua namorada, sentada à conversa com o treinador da equipa onde acabou de fazer o teste. Ouve o comentário do treinador: “O seu namorado tem bom estilo a jogar. Acho que o vamos aceitar”. Ouve então o riso da sua namorada e a resposta: “Não acredito. Eu conheço-o e sei que ele não se aguenta. É um frouxo”.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

61	Metia-a na ordem quando estivéssemos a sós.	M	L
62	Como sei que ela realmente me aprecia, tratava-a com o carinho habitual.	M	L
63	Quando nos encontrássemos, ficava amuado e não falava no assunto.	M	L
64	Deixava andar, pois o que as mulheres dizem não se escreve.	M	L
65	Dizia-lhe que não estava surpreendido com o que ouvira, porque sabia muito bem que ela é uma cínica.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

66	Diria à minha namorada que a tinha ouvido e que me orgulhava de saber que ela é sincera.	M	L
67	Partia-lhe a cara.	M	L
68	Dizia-lhe que um homem espera que a mulher lhe seja leal.	M	L
69	Dizia-lhe que sempre suspeitei que ela falava mal de mim nas minhas costas.	M	L
70	Saía do autocarro para não ter de a encarar.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

71	Aposto que ela fala assim de mim com toda a gente.	M	L
72	Que foi que lhe fiz para ela achar isto de mim?	M	L
73	Tenho a certeza que ela estava a brincar.	M	L
74	Uma pessoa não se deve incomodar com este tipo de coisas.	M	L
75	Ela precisa que lhe dêem uma lição.	M	L

Como se sentiria e porquê?

76	Desfeito, porque ia pensar que sou um falhado junto das mulheres	M	L
77	Furioso com ela, por falar assim a meu respeito.	M	L
78	Indiferente, porque as mulheres são assim mesmo.	M	L
79	Escandalizado, porque se calhar, não é a primeira vez que as bocas dela me prejudicam.	M	L
80	Calmo, pois o treinador percebeu que ela não sabe o que diz.	M	L

m.

No emprego, você quer demonstrar ao seu chefe que é mais eficaz do que os seus colegas. Por isso, você está à espera que surja uma boa oportunidade para se afirmar. Um dia, trazem para a fábrica uma máquina nova. O chefe reúne todos os trabalhadores e pergunta-lhes se algum deles sabe trabalhar com ela. Você sente que chegou a oportunidade de que tem estado à espera e diz ao chefe que já trabalhou com uma máquina parecida e gostaria de ter uma oportunidade de a experimentar. Ele recusa, dizendo: “Desculpe mas não tem hipótese” e, chama um dos antigos para tentar pôr a máquina a trabalhar. Assim que ele puxa a manivela de arranque, começam a saltar faíscas e a máquina começa aos soluços e pára. Neste momento, o chefe chama por si e pergunta-lhe se ainda quer uma hipótese para pôr a máquina a trabalhar.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

81	Diria: “Duvido que possa pôr a máquina a trabalhar”.	M	L
82	Diria aos meus colegas que o chefe quer responsabilizar-me pelo desarranjo da máquina.	M	L
83	Respondia ao meu chefe que ficava agradecido por me estar a dar esta hipótese.	M	L
84	Recusaria, amaldiçoando o chefe pelas costas.	M	L
85	Diria ao meu chefe que iria tentar porque nunca se deve voltar as costas a um desafio.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

86	Respondia a esse chefe que ele não ia fazer de mim o bode expiatório daquela máquina estragada.	M	L
87	Agradecia ao meu chefe por não me ter deixado estrear a máquina.	M	L
88	Dizia ao chefe para ser ele a tentar pôr a máquina a trabalhar.	M	L
89	Dizia ao meu chefe que a experiência nem sempre é garantia do sucesso.	M	L
90	Batia com a cabeça nas paredes por me ter enfiado numa situação insuportável.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

91	Este chefe é mesmo muito boa pessoa.	M	L
92	O diabo que o carregue, a ele e à sua maldita máquina.	M	L
93	Este chefe está a tentar lixar-me.	M	L
94	As máquinas nem sempre são dignas de confiança.	M	L
95	Como é que eu fui tão estúpido a pontos de pensar que podia trabalhar com esta máquina.	M	L

Como se sentiria e porquê?

96	Indiferente, porque quando não nos dão o nosso justo valor perdemos o entusiasmo.	M	L
97	Irritado, por me convidarem para fazer um trabalho impossível.	M	L
98	Contente, por não ter sido eu a estragar a máquina.	M	L
99	Aborrecido, por me estarem a pôr propositadamente na berlinda.	M	L
100	Agoniado, por me ter arriscado a fazer figura de parvo.	M	L

A caminho do comboio, você passa por uma rua estreita com prédios altos. De repente, uma telha cai lá de cima onde estão a trabalhar alguns homens. Um bocado de telha parte-se e salta, aleijando-o na sua perna.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

101	Diria: “O que eu devia fazer era processá-los”:	M	L
102	Insultava-me, por ser tão azarado.	M	L
103	Seguia sem parar, porque uma pessoa não deve permitir-se que a distraiam dos seus planos.	M	L
104	Continuava no meu caminho e ficava contente por não ter acontecido nada pior.	M	L
105	Ia tentar descobrir quem eram aquelas pessoas irresponsáveis.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

106	Recordava, aos trabalhadores, as suas obrigações para com a segurança pública.	M	L
107	Sossegava os homens, dizendo-lhes que não tinha acontecido nada de grave.	M	L
108	Dizia-lhes um palavrão.	M	L
109	Censurava-me, por não ter reparado mais cedo em que espécie de sítio eu estava a andar.	M	L
110	Fazia com que esses trabalhadores descuidados pagassem pelo seu descuido.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

111	Esses trabalhadores não sabem fazer o seu serviço como deve ser.	M	L
112	Tive muita sorte em não ficar gravemente ferido.	M	L
113	O diabo que os carregue.	M	L
114	Porque é que estas coisas me estão sempre a acontecer?	M	L
115	Nos dias que correm não há cuidados que cheguem.	M	L

Como se sentiria e porquê?

116	Zangado, por ter ficado magoado.	M	L
117	Furioso, porque o descuido deles quase me matou.	M	L
118	Calmo, porque uma pessoa deve dominar-se.	M	L
119	Chateado, com a minha pouca sorte.	M	L
120	Feliz, porque saí dali apenas com um arranhão.	M	L

É quase de noite. Você conduz o seu carro na cidade e pára num sinal luminoso. Quando a luz muda para o verde, você repara que os peões não obedecem ao sinal e atravessam-se no seu caminho. Tal como a lei recomenda, você avança cautelosamente antes que o sinal vermelho apareça de novo. No momento de se safar, um polícia de trânsito manda-o encostar e acusa-o de ter ofendido o direito de circulação dos peões. Você explica que procedeu da única forma possível. No entanto, o polícia passa-lhe uma multa.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

121	Censurar-me-ia por ter sido tão descuidado.	M	L
122	Levava o caso a tribunal e arranjava provas contra o polícia.	M	L
123	Perguntava ao polícia porque é que ele tem tanta raiva aos condutores.	M	L
124	Tentava colaborar com o polícia que, apesar de tudo, é boa pessoa.	M	L
125	Aceitava a multa sem discussão, uma vez que o polícia apenas cumpriu o seu dever.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

126	Dizia ao polícia que ele não tem o direito de usar a sua posição para me espezinhar.	M	L
127	Censurava-me por não ter esperado pela luz verde seguinte.	M	L
128	Agradecia ao polícia por me ter salvo de um possível acidente.	M	L
129	Defendia os meus direitos por uma questão de princípio.	M	L
130	Batia-lhe com a porta na cara e continuava a conduzir.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

131	Ele está a cumprir o seu dever. Afinal de contas, devia agradecer-lhe por me ter ensinado a lição.	M	L
132	Cada um deve exercer a sua profissão da forma que acha mais correcta.	M	L
133	O que este tipo precisa é de voltar para a escola.	M	L
134	Como é que eu pude ser tão burro.	M	L
135	Aposto que este tipo se sente alguém cada vez que passa uma multa a um desconhecido.	M	L

Como se sentiria e porquê?

136	A ferver de raiva, porque ele está a arranjar-me problemas.	M	L
137	Ofendido, porque ele está a fazer pouco de mim.	M	L
138	Envergonhado com o meu descuido.	M	L
139	Indiferente, apesar de tudo, estas coisas estão sempre a acontecer.	M	L
140	Aliviado, porque assim fui impedido de me meter em sarilhos piores.	M	L

Você volta para casa, depois de ter passado dois anos lá fora, com um contrato de trabalho. Na altura em que fez o contrato, podia escolher entre esse caminho ou um lugar no negócio do seu pai. Apesar dos conselhos do seu pai, você preferiu ir-se embora. Agora que voltou para casa, você percebe que as suas oportunidades são as mesmas que tinha antes. Das duas uma, ou se associa com o seu pai, ou aceita um contrato como trabalhador não especializado. Na verdade, gostava de abrir um café, mas falta-lhe o capital para esse projecto. Após uma grande hesitação, você decide pedir ao seu pai que entre com o dinheiro.

Depois de escutar a proposta, ele lembra-lhe que lhe tinha oferecido um trabalho na sua firma na altura em que você emigrou. A seguir, ele diz-lhe: “Não estou disposto a queimar o que ganhei com tanto esforço nos teus projectos malucos. É altura de começares a ajudar-me no meu negócio”.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

141	Aceitaria a sua oferta porque, neste mundo, toda a gente depende de alguém.	M	L
142	Confessava-lhe que apostar em mim, realmente, não resulta.	M	L
143	Mandava-o passear com todas as letras.	M	L
144	Dizia-lhe que sempre desconfiei que ele não gostava de mim.	M	L
145	Agradecia-lhe por ter conservado um emprego em aberto, para mim, todos estes anos.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

146	Ia trabalhar com ele e fazia-o feliz.	M	L
147	Desistia do esforço e acabava com tudo.	M	L
148	Aceitava a oferta do meu pai, porque ofertas como esta não caem do céu.	M	L
149	Mandava-lhe à cara que toda a gente acha que ele é um sovina.	M	L
150	Dizia-lhe que eu não trabalhava para ele nem que ele fosse a última pessoa à face da terra.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

151	Um dia ele vai pagá-las todas juntas.	M	L
152	As questões familiares não podem entrar nas decisões de negócios.	M	L
153	Mas como é que eu fui tão burro a pontos de lhe falar neste assunto.	M	L
154	Tenho de admitir que o meu pai está a fazer por mim o melhor que pode.	M	L
155	Isto prova o que eu sempre pensei: o meu pai nunca acreditou em mim.	M	L

Como se sentiria e porquê?

156	Enraivecido, porque ele não quer que eu vença com o meu esforço.	M	L
157	Agradecido, por causa da oferta de um emprego com futuro.	M	L
158	Ofendido, por ele estragar o meu futuro.	M	L
159	Resignado, não se pode ter tudo ao mesmo tempo.	M	L
160	Desesperado, por não ter conseguido a aprovação do meu pai.	M	L

Uma tarde em que você e um grande amigo estão a marrar para os exames, a sua namorada aparece inesperadamente. Vocês namoram há mais de um ano mas, ultimamente, não se têm encontrado muitas vezes, e você fica muito contente por ela ter aparecido. Convida-a a entrar e apresenta-a ao seu amigo e os três passam uma hora muito agradável em conjunto. Alguns dias depois, você telefona à sua namorada e convida-a a sair, para celebrarem o fim da época de exames, mas ela responde que apanhou uma grande constipação e acha melhor não sair de casa. Depois de jantar, você está chateado e decide ir ao cinema sozinho. À saída do cinema, você vê o seu amigo de braço dado com a sua namorada.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

161	Dizia à minha namorada que podia ter-me dito que estava tudo acabado, em vez de me traiçoar pelas costas.	M	L
162	Cumprimentava-os delicadamente, tal como fazem as pessoas civilizadas.	M	L
163	Explicava-lhes, mas com todas as letras, que não queria ter mais nada a ver com eles.	M	L
164	Dizia-lhes que estava encantado por saber que eles se tinham tornado amigos.	M	L
165	Desaparecia dali para não ter de os encarar.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

16	Enfiava-me em casa para não ser visto.	M	L
167	Esbofeteava-o e levava-a comigo.	M	L
168	Mostrava-lhes que, na verdade, eu não me importo que eles estejam juntos.	M	L
169	Perguntava-lhe se roubar é a única maneira que ele conhece de arranjar uma mulher.	M	L
170	Mostrava-lhes que vencer uma batalha não é vencer a guerra.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

171	Isto não teria acontecido se eu me tivesse preocupado mais com ela.	M	L
172	No amor e na guerra vale tudo.	M	L
173	Aqueles dois sempre me saíram uns aldrabões.	M	L
174	Espero que venham a ter aquilo que merecem.	M	L
175	Realmente, eu estava a ficar farto dela.	M	L

Como se sentiria e porquê?

176	Aliviado, por me encontrar livre outra vez.	M	L
177	Magoado, porque eu não devia ser tão confiante.	M	L
178	Resignado, porque temos que aceitar a vida tal com é.	M	L
179	Indignado, por causa da desonestidade deles.	M	L
180	Furioso com eles os dois, por causa do que aconteceu.	M	L

Você e um antigo colega do liceu estão a concorrer para uma vaga que abriu no Conselho de Administração da firma em que trabalham. Ainda que pareçam ter as mesmas hipóteses, o seu amigo teve mais oportunidades para evidenciar recursos pessoais em situações críticas. Contudo, recentemente, você conseguiu arranjar alguns negócios excepcionais. Apesar disso, o Conselho de Administração decide promover o seu amigo em vez de o promover a si.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

181	Tentava descobrir quem foi o director que me lixou.	M	L
182	Continuaria a cumprir o meu dever como uma pessoa responsável deve fazer.	M	L
183	Aceitaria a decisão como a prova de que eu não sou feito para ser director.	M	L
184	Contestaria vigorosamente as decisões do Conselho de Administração.	M	L
185	Dava os parabéns ao meu colega pela sua promoção.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

186	Pediria ao Conselho de Administração para reconsiderar, porque uma decisão errada poderia prejudicar a companhia.	M	L
187	Censurar-me-ia por ter desejado um lugar que não está ao meu alcance.	M	L
188	Mostrava ao Conselho de Administração até que ponto eles foram parciais na sua decisão injusta.	M	L
189	Ajudava o meu amigo a ser bem sucedido no seu novo lugar.	M	L
190	Partia a cara de cada um dos membros do Conselho de Administração.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

191	Reconheço que não estou à altura.	M	L
192	Com certeza que não ia gostar mais do lugar de director do que do lugar que tenho agora.	M	L
193	Aqui há gato, esta decisão não me cheira bem.	M	L
194	Temos de passar por estas coisas como se não fossem nada.	M	L
195	O diabo que carregue aquele Conselho de Administração.	M	L

Como se sentiria e porquê?

196	Contente, por ainda conservar o trabalho a que estou habituado.	M	L
197	Perturbado, porque a minha falta de capacidades passou a ser conhecida por todos.	M	L
198	Furioso com os directores, por causa da forma como me trataram.	M	L
199	Resignado, porque no mundo do trabalho as coisas são assim mesmo.	M	L
200	Zangado, porque fui vítima de uma decisão injusta.	M	L

MCMI-II
(Millon. 1987)

INSTRUÇÕES

As páginas seguintes contêm afirmações que as pessoas utilizam para se descreverem e caracterizarem os seus sentimentos e atitudes.

Não se preocupe se algumas frases lhe parecerem pouco usuais. Elas estão incluídas no questionário para descreverem experiências muito variadas.

Se concordar com uma afirmação ou achar que essa afirmação o descreve, marque V (F).

Se discordar com uma afirmação, ou achar que essa afirmação não o descreve, marque F (V F)

Tente responder a todas as afirmações, mesmo que não esteja completamente seguro da sua escolha. Se pensou bem e mesmo assim não consegue decidir-se, marque F.

Não leve muito tempo com cada afirmação

MCCI-II

Inventário Clínico Multiaxial de Millon

1. V F Sigo sempre as minhas ideias em vez de fazer aquilo que os outros esperam de mim.
2. V F Sempre me senti melhor a fazer as coisas calmamente sozinho do que com outras pessoas.
3. V F Falar com as outras pessoas tem sido quase sempre difícil e penoso para mim.
4. V F Acredito ter força de vontade e ser determinado em tudo aquilo que faço.
5. V F Nas últimas semanas começo a chorar quando a mais pequena coisa corre mal.
6. V F Algumas pessoas acham-me presunçoso e centrado em mim próprio.
7. V F Quando era adolescente tinha muitos problemas por causa do meu mau comportamento na escola.
8. V F Sinto sempre que não sou desejado num grupo.
9. V F Critico frequentemente com veemência quem me aborrece.
10. V F Sinto-me satisfeito por ser um seguidor de outros.
11. V F Gosto de fazer tantas coisas diferentes que não consigo decidir o que fazer primeiro.
12. V F Por vezes posso ser muito duro e mau nas relações com a minha família.
13. V F Tenho pouco interesse em fazer amigos.
14. V F Penso que sou uma pessoa muito sociável e que gosta muito de se dar com os outros.
15. V F Sei que sou uma pessoa superior, por isso não me preocupo com o que as outras pessoas pensam.
16. V F As pessoas nunca me deram crédito suficiente pelas coisas que eu tenho feito.
17. V F Tenho um problema com a bebida que tenho tentado acabar sem sucesso.
18. V F Ultimamente, sinto "borboletas no estômago" e fico com suores frios.
19. V F Tentei sempre expôr-me pouco durante actividades sociais.
20. V F Farei sempre coisas pelo simples facto de poderem ser divertidas.
21. V F Fico muito aborrecido com as pessoas que nunca parecem ser capazes de fazer nada bem.
22. V F Se a minha família me pressiona, é provável que me sinta zangado e resista a fazer o que eles querem.
23. V F Sinto frequentemente que devo ser punido pelas coisas que fiz.
24. V F As pessoas gozam comigo nas minhas costas, comentando a forma como me comporto ou pareço.
25. V F As outras pessoas parecem mais seguras do que eu sobre quem são e o que querem.

26. V F Tenho tendência para desatar a chorar ou ter ataques de fúria por razões que desconheço.
27. V F Comecei a sentir-me sozinho e vazio há cerca de um ano ou dois atrás.
28. V F Tenho tendência para ser dramático.
29. V F Tenho dificuldade em manter o equilíbrio quando ando.
30. V F Gosto de competição intensa.
31. V F Quando entro em crise procuro rapidamente alguém que me ajude.
32. V F Protejo-me de problemas nunca deixando as outras pessoas saberem muito a meu respeito.
33. V F Sinto-me fraco e cansado a maior parte do tempo.
34. V F As outras pessoas ficam mais zangadas com coisas aborrecidas do que eu.
35. V F O vício da droga sempre me meteu numa série de problemas no passado.
36. V F Ultimamente, dou comigo a chorar sem qualquer razão.
37. V F Acho que sou uma pessoa especial que merece atenção especial dos outros.
38. V F Nunca me deixo enganar por pessoas que dizem que precisam de ajuda.
39. V F Uma forma certa de tornar o mundo pacífico é melhorando a moral das pessoas.
40. V F No passado envolvi-me sexualmente com muitas pessoas que não significavam muito para mim.
41. V F Acho difícil simpatizar com pessoas que estão sempre inseguras acerca das coisas.
42. V F Sou uma pessoa muito concordante e submissa.
43. V F O meu mau génio sempre foi a causa principal dos meus problemas.
44. V F Não me importo de intimidar os outros para conseguir que eles façam o que eu quero.
45. V F Nos últimos anos até a mais pequena das coisas parecia deprimir-me.
46. V F O meu desejo de conseguir fazer as coisas perfeitas atrasa frequentemente o meu trabalho.
47. V F Sou tão sossegado e reservado que a maioria das pessoas nem nota que eu existo.
48. V F Gosto de namoriscar com membros do sexo oposto.
49. V F Sou uma pessoa passiva e medrosa.
50. V F Sou uma pessoa instável, que muda constantemente de ideias e de sentimentos.
51. V F Sinto-me muito tenso quando penso nos acontecimentos do dia.
52. V F Beber álcool nunca me causou problemas sérios no trabalho.
53. V F Ultimamente sinto não ter forças, mesmo pela manhã.
54. V F Comecei a sentir-me um falhado há alguns anos atrás.
55. V F Fico ressentido com pessoas que têm a mania que conseguem sempre fazer as coisas melhor do que eu.

56. V F Sempre live um medo terrível de perder o amor das pessoas de quem mais preciso.
57. V F Deixo com facilidade que as pessoas se aproveitem de mim.
58. V F Ultimamente, tenho vontade de partir coisas.
59. V F Ultimamente, tenho pensado seriamente em acabar comigo.
60. V F Estou sempre a tentar fazer novos amigos e conhecer pessoas novas.
61. V F Controlo bastante bem as minhas finanças para estar preparado para qualquer eventualidade.
62. V F Estive na primeira página de várias revistas do ano passado.
63. V F Poucas pessoas gostam de mim.
64. V F Se alguém me criticasse por ter feito um erro, rapidamente apontaria alguns dos erros dessa pessoa.
65. V F Algumas pessoas dizem que eu gosto de sofrer.
66. V F Expresso frequentemente os meus sentimentos de raiva e depois sinto-me terrivelmente culpado por isso.
67. V F Ultimamente, sinto-me agitado e sob grande tensão, mas não sei porquê.
68. V F Perco frequentemente a capacidade de sentir quaisquer sensações em partes do meu corpo.
69. V F Acredito que existem pessoas que usam telepatia para influenciar a minha vida.
70. V F Tomar as chamadas drogas ilegais pode ser insensato, mas no passado eu achei que precisava delas.
71. V F Sinto-me sempre cansado.
72. V F Parece que não consigo dormir e acordo tão cansado como quando fui para a cama.
73. V F Tenho feito uma série de coisas estúpidas, por impulso, que acabaram por me causar muitos problemas.
74. V F Nunca perdoou um insulto nem esqueço um embaraço que alguém me causou.
75. V F Devemos respeitar as gerações anteriores e não pensarmos que sabemos mais do que elas.
76. V F Presentemente, sinto-me terrivelmente deprimido e triste a maior parte do tempo.
77. V F Sou do tipo de pessoas de quem os outros se aproveitam.
78. V F Tento sempre agradar aos outros mesmo quando não gosto deles.
79. V F Há vários anos que me ocorrem sérios pensamentos de suicídio.
80. V F Descubro com facilidade como as pessoas estão a tentar causar-me problemas.
81. V F Sempre tive menos interesse pelo sexo do que a maioria das pessoas.
82. V F Não consigo compreender porquê, mas pareço gostar de magoar as pessoas que amo.
83. V F Há muito tempo que decidi ser melhor ter pouco a ver com as pessoas.

84. V F Estou disposto a lutar até à morte para não deixar que ninguém me roube a minha auto-determinação.
85. V F Desde criança que sempre tive de estar alerta face a pessoas que tentavam enganar-me.
86. V F Quando as coisas se tornam aborrecidas gosto de encontrar algo excitante.
87. V F Tenho um problema com o álcool que tem criado problemas, para mim e para a minha família.
88. V F Se alguém deseja fazer algo que exige grande paciência, deve pedir-me a mim.
89. V F Sou provavelmente o pensador mais criativo de entre as pessoas que conheço.
90. V F Não vi um único carro nos últimos 10 anos.
91. V F Não vejo nada de errado em usar as pessoas para obter aquilo que quero.
92. V F A punição nunca me impediu de fazer aquilo que queria.
93. V F Há muitas ocasiões em que, sem razão aparente, me sinto muito alegre e cheio de entusiasmo.
94. V F Quando era adolescente fugi de casa, pelo menos uma vez.
95. V F Digo muitas vezes coisas que me arrependo de ter dito.
96. V F Nas últimas semanas sinto-me exausto, sem razão especial.
97. V F Desde há algum tempo que me tenho sentido culpado por já não conseguir fazer bem as coisas.
98. V F As ideias circulam no meu pensamento sem parar, e não se vão embora.
99. V F Tornei-me bastante desanimado e triste acerca da vida, nos últimos um ou dois anos.
100. V F Muitas pessoas têm vindo a espiar a minha vida privada, há anos.
101. V F Não sei porquê, mas às vezes digo coisas cruéis só para fazer os outros infelizes.
102. V F Detesto ou tenho medo da maioria das pessoas.
103. V F Expresso abertamente a minha opinião acerca das coisas, sem me importar com o que os outros possam pensar.
104. V F Quando alguma figura de autoridade insiste para que eu faça algo, é provável que não o faça ou que o faça mal de propósito.
105. V F O meu hábito de abuso de drogas levou-me a faltar ao trabalho, no passado.
106. V F Estou sempre disposto a ceder em favor de outros para evitar desacordos.
107. V F Estou frequentemente irritado e rabugento.
108. V F Já não tenho forças para ripostar.
109. V F Ultimamente, tenho que repetir as coisas vezes sem conta, sem razão aparente.
110. V F Penso frequentemente que não mereço as coisas boas que me acontecem.
111. V F Uso o meu charme para chamar a atenção das outras pessoas.

112. V F Quando estou sozinho, sinto frequentemente a presença de outra pessoa que não pode ser vista.
113. V F Sinto-me à deriva, sem saber para onde a vida vai.
114. V F Ultimamente, tenho suado muito e sentido-me muito tenso.
115. V F Às vezes sinto que devo fazer algo para me magoar a mim ou a outras pessoas.
116. V F Tenho sido injustamente punido pela lei, por crimes que nunca cometi.
117. V F Estive muito agitado nas últimas semanas.
118. V F Continuo a ter pensamentos estranhos dos quais gostava de me ver livre.
119. V F Tenho tido muita dificuldade para tentar controlar o impulso para beber em excesso.
120. V F A maioria das pessoas pensa que eu não valho nada.
121. V F Consigo ficar muito excitado sexualmente quando luto ou discuto com a pessoa que amo.
122. V F Tenho sido capaz, ao longo dos anos, de manter o meu consumo de álcool no mínimo.
123. V F Sempre “testei” os outros para descobrir até que ponto é que eles são de confiança.
124. V F Mesmo quando estou acordado, pareço não notar as pessoas que me rodeiam.
125. V F Tenho muita facilidade em fazer muitos amigos.
126. V F Tento sempre ter a certeza de que o meu trabalho está bem planeado e organizado.
127. V F Frequentemente oiço as coisas tão bem, que isso me incomoda.
128. V F O meu humor parece mudar de dia para dia.
129. V F Não culpo ninguém que se aproveite de quem não se importa com isso.
130. V F Mudei de emprego mais de três vezes nos últimos dois anos.
131. V F Tenho muitas ideias que estão avançadas no tempo.
132. V F Há já algum tempo que me venho sentindo triste e não consigo sair deste estado.
133. V F Penso que é sempre melhor procurar ajuda para tudo aquilo que faço.
134. V F Zangou-me frequentemente com as pessoas que fazem as coisas devagar.
135. V F Fico realmente chateado com as pessoas que esperam que eu faça aquilo que não quero.
136. V F Nos últimos anos tenho-me sentido tão culpado, que poderei fazer algo de terrível a mim próprio.
137. V F Nunca me isolo quando estou numa festa.
138. V F Dizem-me que eu sou uma pessoa correcta com sentido moral.
139. V F Por vezes fico confuso e sinto-me incomodado quando as pessoas são simpáticas para mim.
140. V F O meu consumo das chamadas drogas ilegais tem levado a discussões familiares.
141. V F Fico muito apreensivo nas relações com o sexo oposto.

142. V F Há membros na minha família que dizem que eu sou egoísta e que só penso em mim.
143. V F Não me importo que as pessoas não se interessem por mim.
144. V F Francamente, minto com frequência para não ter chatices.
145. V F As pessoas podem mudar facilmente as minhas ideias, mesmo que já esteja decidido.
146. V F Há pessoas que me tentaram "tramar", mas eu tenho força de vontade suficiente para os neutralizar.
147. V F Os meus pais diziam-me frequentemente que eu não prestava.
148. V F Faço frequentemente as pessoas zangarem-se, mandando nelas.
149. V F Tenho um grande respeito pelos que me são hierarquicamente superiores.
150. V F Não tenho praticamente laços pessoais fortes com nenhuma pessoa.
151. V F As pessoas disseram no passado que eu fiquei demasiadamente interessado e demasiadamente entusiasmado com demasiadas coisas.
152. V F Voei sobre o Atlântico trinta vezes no ano passado.
153. V F Acredito no ditado "deitar cedo e cedo erguer...".
154. V F Mereço o sofrimento que tenho experimentado na minha vida.
155. V F Os meus sentimentos em relação às pessoas importantes da minha vida passam frequentemente do amor ao ódio.
156. V F Os meus pais sempre discordaram um do outro.
157. V F Já me aconteceu beber dez ou mais bebidas sem ficar bêbado.
158. V F Nos grupos sociais fico quase sempre muito auto-consciente e tenso.
159. V F Eu tenho em grande conta as regras porque acho que são um bom guia a seguir.
160. V F Desde criança que tenho vindo a perder o contacto com a realidade.
161. V F Raramente sinto algo com intensidade.
162. V F Costumava ser realmente inquieto, viajando de lugar para lugar sem saber aonde iria parar.
163. V F Não suporto as pessoas que chegam atrasadas aos encontros.
164. V F Há pessoas velhacas que frequentemente tentam ficar com o crédito das coisas que fiz ou pensei.
165. V F Fico muito irritado se as pessoas exigem que eu faça as coisas à maneira delas, e não à minha.
166. V F Tenho capacidade para ter sucesso em quase tudo o que faço.
167. V F Ultimamente, tenho-me sentido a desfazer em pedaços.
168. V F Pareço encorajar as pessoas que amo a magoarem-me.
169. V F Nunca tive nenhum pêlo nem na cabeça nem no corpo.
170. V F Quando estou com outras pessoas gosto de ser o centro das atenções.

171. V F Pessoas pelas quais tive uma grande admiração inicialmente, acabaram por me desapontar.

172. V F Sou do tipo de pessoas que é capaz de se dirigir a alguém e dar-lhe uma descompostura.

173. V F Prefiro estar com pessoas que me protejam.

174. V F Houve muitos períodos na minha vida em que estava tão contente e gastei tanta energia que me fui abaixo.

175. V F Tive dificuldades no passado em evitar o abuso de drogas ou álcool.

Anexo II

Pacote de questionários aplicados aos participantes do sexo feminino

INSTRUÇÕES

Agradeço desde já a sua colaboração e peço a sua atenção para alguns aspectos a ter em conta antes de iniciar a resposta aos questionários.

Deverá responder aos questionários pela ordem apresentada. Após terminar o preenchimento de um questionário e iniciar outro, por favor não volte atrás, ao questionário anterior.

Leia as instruções de cada questionário porque são diferentes.

Por favor seja sincero nas repostas e sinta-se à vontade uma vez que os questionários são anónimos. Não escreva o seu nome em nenhuma das folhas.

Não leve muito tempo com cada questionário, mas ainda assim, não responda apressada e descuidadamente

E por último, e também muito importante, não conferencie com os colegas sobre como responder. As respostas são pessoais e devem reflectir apenas a sua opinião.

Mais uma vez, muito obrigado pela sua participação.

Código: _____

PAMaDeP – Versão B (Forma F)

Isabel Soares (Univ. Minho)
 Margarida Rangel Henriques (Univ. Porto)
 Lúcia Neves (Univ. Minho)
 Armando Pinho (Univ. Minho)

(GEV – Grupo de Estudos da Vinculação)

Data: ___ / ___ / ___ Sexo: _____ Idade : _____ Estado Civil: _____

Habilitações Literárias: _____ Profissão / Ocupação: _____

Se é estudante, indique: Estabelecimento de ensino: _____ Ano: _____

Profissão do Pai: _____ Habilitações Literárias do Pai: _____

Profissão da Mãe: _____ Habilitações Literárias da Mãe: _____

Vive com os seus pais? SIM NÃONeste caso, mantém, actualmente, contacto regular com os seus pais? NÃO SIMDepende dos seus pais financeiramente? NÃO SIM**Instruções**

Este questionário procura conhecer comportamentos, pensamentos e sentimentos característicos da sua relação com os seus pais, com os outros em geral e consigo própria. Ao responder, tente lembrar-se do modo mais habitual de como as coisas aconteciam, na sua forma geral de sentir, de pensar ou de se comportar.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas pretendemos que responda com sinceridade e de acordo com a sua situação.

Relativamente a cada afirmação deverá avaliar, em que medida, ela se aplica ao seu caso, concordando ou não com o que aí é dito. Assim, se discorda totalmente da afirmação deverá assinalar com uma cruz sobre o número 1 da escala de resposta; se, pelo contrário, “concorda totalmente” deverá assinalar o número 4 e assim sucessivamente, identificando o número que melhor traduz o seu grau de acordo sobre a afirmação. A escala de respostas é assim constituída pelos seguintes níveis:

1 – Discordo totalmente**2 - Discordo****3 - Concordo****4 - Concordo totalmente**

Por exemplo, para a afirmação:

Quando era pequena, merecia a admiração dos adultos.	1	2	3	4
--	----------	----------	----------	----------

Indique sempre, para todas as afirmações, o seu grau de acordo e em caso de dúvida opte pela resposta que melhor corresponda ao seu caso.

Não existe tempo limite para responder, no entanto, procure dar a resposta que corresponde à sua primeira impressão, sem demorar muito tempo em cada afirmação.

Uma vez preenchida cada uma das partes não deverá voltar atrás.

Quando acabar verifique, por favor, se respondeu a todas as questões, não deixando nenhuma em branco.

Código: _____

FORMA PAI

Este questionário procura conhecer o modo como o seu pai (ou pessoa que o substituiu) se relacionou consigo quando era pequeno(a), período que se pode estender até aos 15 / 16 anos. Em seguida, é apresentado um conjunto de afirmações e gostaríamos que para cada uma indicasse em que grau ela caracteriza a relação do seu pai consigo. Assim, se considerar que a afirmação caracteriza muito mal, que era exactamente o contrário, deverá assinalar que *discorda totalmente*, colocando uma cruz no número 1 da escala de resposta; se considerar que a afirmação caracteriza muito bem o que foi a relação do seu pai consigo, deverá assinalar que *concorda totalmente*, colocando uma cruz no número 4 da escala de resposta e, assim sucessivamente, expressando o seu grau de acordo com a afirmação correspondente.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. O meu pai achava que era ele quem devia resolver os meus problemas.	1	2	3	4
2. O meu pai, geralmente, perdoava-me os erros ou limitações.	1	2	3	4
3. O meu pai intrometia-se na minha vida.	1	2	3	4
4. O meu pai fazia-me sentir culpado(a) por não estar perto dele.	1	2	3	4
5. O meu pai tinha prazer em estar comigo.	1	2	3	4
6. O meu pai fazia-me sentir que eu era um fardo para ele.	1	2	3	4
7. O meu pai pressionava-me para estudar e para o sucesso, em vez de me dar apoio e compreensão.	1	2	3	4
8. O meu pai e eu pensávamos da mesma maneira.	1	2	3	4
9. O meu pai pensava que eu não era capaz de tomar conta de mim, se ele não estivesse ao meu lado.	1	2	3	4
10. O meu pai e eu éramos extremamente unidos.	1	2	3	4
11. O meu pai tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé.	1	2	3	4
12. O meu pai tinha que dar a sua opinião para que eu pudesse tomar decisões.	1	2	3	4
13. O meu pai era infeliz na sua relação conjugal, amorosa.	1	2	3	4
14. O meu pai mostrava que gostava de ser pai.	1	2	3	4
15. O meu pai confidenciava-me os seus problemas e preocupações.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
16. O meu pai tentava controlar tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
17. O meu pai era paciente e tolerante.	1	2	3	4
18. O meu pai, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer.	1	2	3	4
19. O meu pai precisava de todo o meu apoio e atenção.	1	2	3	4
20. O meu pai fazia-me sentir que gostava de mim tal como eu era, sem exigir que eu fosse uma pessoa diferente.	1	2	3	4
21. O meu pai era alguém a quem eu tinha dificuldade em agradar.	1	2	3	4
22. O meu pai era uma pessoa a quem podia fazer as minhas confidências.	1	2	3	4
23. O meu pai não me deixava fazer as coisas que eram normalmente permitidas a crianças da minha idade.	1	2	3	4
24. O meu pai manifestava um bem-estar e uma capacidade de agir que me dava confiança.	1	2	3	4
25. O meu pai não tinha sido capaz de se aguentar nos maus momentos, se não fosse a minha ajuda.	1	2	3	4
26. O meu pai não tinha tempo para mim.	1	2	3	4
27. O meu pai desiludiu-me muito.	1	2	3	4
28. O meu pai, muitas vezes, era áspero e duro comigo.	1	2	3	4
29. O meu pai estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e apoio.	1	2	3	4
30. O meu pai tentava fazer com que eu precisasse dele para tudo.	1	2	3	4
31. O meu pai era rigoroso e rígido, amedrontando-me.	1	2	3	4
32. O meu pai pressionou-me para que fosse independente, desde demasiado cedo.	1	2	3	4
33. O meu pai era muito crítico em relação a tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
34. O meu pai esperava de mim que eu lhe desse mimos e apoio.	1	2	3	4
35. O meu pai tinha manifestações físicas de afecto comigo (abraços, carícias, etc.).	1	2	3	4
36. O meu pai fazia-me sentir especial por fazer-me confidências da sua vida.	1	2	3	4
37. O meu pai, raramente, estava comigo a fazer as minhas coisas.	1	2	3	4
38. O meu pai desapontou-se muito comigo.	1	2	3	4
39. O meu pai preocupava-se demasiado com a possibilidade de eu me magoar ou de ficar doente.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
--	-----------------------------	-----------------------------	--

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
40. O meu pai não queria que eu me tornasse adulto(a).	1	2	3	4
41. O meu pai esforçava-se por me compreender e ajudar quando eu me sentia mais triste.	1	2	3	4
42. O meu pai fazia-me sentir culpado(a) e diminuído(a) quando não aprovava o que eu fazia	1	2	3	4
43. O meu pai chamava-me a atenção para as suas preocupações e necessidades.	1	2	3	4
44. O meu pai era quem me dizia o que eu devia fazer ou sentir em relação às pessoas e ao mundo.	1	2	3	4
45. O meu pai só podia contar comigo.	1	2	3	4
46. O meu pai estava demasiado ocupado ou preocupado com os seus assuntos para me dar atenção.	1	2	3	4
47. A relação com o meu pai era aberta e à vontade.	1	2	3	4
48. O meu pai não me dava coragem para eu desenvolver as minhas capacidades.	1	2	3	4
49. O meu pai era incompetente ou incapaz de lidar com situações problemáticas.	1	2	3	4
50. O meu pai não gostava da minha companhia em casa.	1	2	3	4
51. O meu pai e eu éramos amigos inseparáveis.	1	2	3	4
52. O meu pai esperava que eu fosse um(a) “menino(a) exemplar”.	1	2	3	4
53. O meu pai protegia-me excessivamente.	1	2	3	4
54. O meu pai tinha expectativas muito elevadas em relação a mim e ao meu futuro.	1	2	3	4

Código: _____

FORMA MÃE

Este questionário procura conhecer o modo como a sua mãe (ou pessoa que a substituiu) se relacionou consigo quando era pequeno(a), período que se pode estender até aos 15 / 16 anos. Em seguida, é apresentado um conjunto de afirmações e gostaríamos que para cada uma indicasse em que grau ela caracteriza a relação da sua mãe consigo. Assim, se considerar que a afirmação caracteriza muito mal, que era exactamente o contrário, deverá assinalar que *discorda totalmente*, colocando uma cruz no número 1 da escala de resposta; se considerar que a afirmação caracteriza muito bem o que foi a relação da sua mãe consigo, deverá assinalar que *concorda totalmente*, colocando uma cruz no número 4 da escala de resposta e, assim sucessivamente, expressando o seu grau de acordo com a afirmação correspondente.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. A minha mãe achava que era ela quem devia resolver os meus problemas.	1	2	3	4
2. A minha mãe, geralmente, perdoava-me os erros ou limitações.	1	2	3	4
3. A minha mãe intrometia-se na minha vida.	1	2	3	4
4. A minha mãe fazia-me sentir culpado(a) por não estar perto dela.	1	2	3	4
5. A minha mãe tinha prazer em estar comigo.	1	2	3	4
6. A minha mãe fazia-me sentir que eu era um fardo para ela.	1	2	3	4
7. A minha mãe pressionava-me para estudar e para o sucesso, em vez de me dar apoio e compreensão.	1	2	3	4
8. A minha mãe e eu pensávamos da mesma maneira.	1	2	3	4
9. A minha mãe pensava que eu não era capaz de tomar conta de mim, se ela não estivesse ao meu lado.	1	2	3	4
10. A minha mãe e eu éramos extremamente unidos(as).	1	2	3	4
11. A minha mãe tratou-me, até demasiado tarde, como um bebé.	1	2	3	4
12. A minha mãe tinha que dar a sua opinião para que eu pudesse tomar decisões.	1	2	3	4
13. A minha mãe era infeliz na sua relação conjugal, amorosa.	1	2	3	4
14. A minha mãe mostrava que gostava de ser mãe.	1	2	3	4
15. A minha mãe confidenciava-me os seus problemas e preocupações.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
16. A minha mãe tentava controlar tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
17. A minha mãe era paciente e tolerante.	1	2	3	4
18. A minha mãe, frequentemente, fazia na minha vez coisas que eu era capaz de fazer.	1	2	3	4
19. A minha mãe precisava de todo o meu apoio e atenção.	1	2	3	4
20. A minha mãe fazia-me sentir que gostava de mim tal como eu era, sem exigir que eu fosse uma pessoa diferente.	1	2	3	4
21. A minha mãe era alguém a quem eu tinha dificuldade em agradar.	1	2	3	4
22. A minha mãe era uma pessoa a quem podia fazer as minhas confidências.	1	2	3	4
23. A minha mãe não me deixava fazer as coisas que eram normalmente permitidas a crianças da minha idade.	1	2	3	4
24. A minha mãe manifestava um bem-estar e uma capacidade de agir que me dava confiança.	1	2	3	4
25. A minha mãe não tinha sido capaz de se aguentar nos maus momentos, se não fosse a minha ajuda.	1	2	3	4
26. A minha mãe não tinha tempo para mim.	1	2	3	4
27. A minha mãe desiludiu-me muito.	1	2	3	4
28. A minha mãe, muitas vezes, era áspera e dura comigo.	1	2	3	4
29. A minha mãe estava sempre disponível quando eu precisava da sua confiança e apoio.	1	2	3	4
30. A minha mãe tentava fazer com que eu precisasse dela para tudo.	1	2	3	4
31. A minha mãe era rigorosa e rígida, amedrontando-me.	1	2	3	4
32. A minha mãe pressionou-me para que fosse independente, desde demasiado cedo.	1	2	3	4
33. A minha mãe era muito crítica em relação a tudo o que eu fazia.	1	2	3	4
34. A minha mãe esperava de mim que eu lhe desse mimos e apoio.	1	2	3	4
35. A minha mãe tinha manifestações físicas de afecto comigo (abraços, carícias, etc.).	1	2	3	4
36. A minha mãe fazia-me sentir especial por fazer-me confidências da sua vida.	1	2	3	4
37. A minha mãe, raramente, estava comigo a fazer as minhas coisas.	1	2	3	4
38. A minha mãe desapontou-se muito comigo.	1	2	3	4
39. A minha mãe preocupava-se demasiado com a possibilidade de eu me magoar ou de ficar doente.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
--	-----------------------------	-----------------------------	--

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
40. A minha mãe não queria que eu me tornasse adulto(a).	1	2	3	4
41. A minha mãe esforçava-se por me compreender e ajudar quando eu me sentia mais triste.	1	2	3	4
42. A minha mãe fazia-me sentir culpado(a) e diminuído(a) quando não aprovava o que eu fazia	1	2	3	4
43. A minha mãe chamava-me a atenção para as suas preocupações e necessidades.	1	2	3	4
44. A minha mãe era quem me dizia o que eu devia fazer ou sentir em relação às pessoas e ao mundo.	1	2	3	4
45. A minha mãe só podia contar comigo.	1	2	3	4
46. A minha mãe estava demasiado ocupada ou preocupada com os seus assuntos para me dar atenção.	1	2	3	4
47. A relação com a minha mãe era aberta e à vontade.	1	2	3	4
48. A minha mãe não me dava coragem para eu desenvolver as minhas capacidades.	1	2	3	4
49. A minha mãe era incompetente ou incapaz de lidar com situações problemáticas.	1	2	3	4
50. A minha mãe não gostava da minha companhia em casa.	1	2	3	4
51. A minha mãe e eu éramos amigos(as) inseparáveis.	1	2	3	4
52. A minha mãe esperava que eu fosse um(a) “menino(a) exemplar”.	1	2	3	4
53. A minha mãe protegia-me excessivamente.	1	2	3	4
54. A minha mãe tinha expectativas muito elevadas em relação a mim e ao meu futuro.	1	2	3	4

Código: _____

“Quando era pequena” (F)

As questões que seguem referem-se à sua vida passada e são iniciadas pela expressão “Quando era pequena”, reportando-se a um período que se pode estender até aos 15 /16 anos. Algumas afirmações que se seguem referem-se à relação com os seus pais. No entanto, se tiver sido criada por outros adultos que os substituíram, ou apenas com um dos seus pais, deverá responder em relação a essa pessoa que cuidou de si.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Quando era pequena, sofria muito quando tinha que me separar dos meus pais.	1	2	3	4
2. Quando era pequena, sentia-me rejeitada pelos outros.	1	2	3	4
3. Quando era pequena, os meus pais não me davam o apoio emocional que eu precisava, apesar de se preocuparem muito comigo.	1	2	3	4
4. Quando era pequena, sentia-me responsável por manter a união e harmonia familiar.	1	2	3	4
5. Quando era pequena, tinha medo que os meus pais me abandonassem.	1	2	3	4
6. Quando era pequena, era pouco autónoma no arranjo pessoal (vestir, lavar-me etc.) tendo tido, até tarde, ajuda dos meus pais ou de outros.	1	2	3	4
7. Quando era pequena, tinha medo que a minha família se separasse.	1	2	3	4
8. Quando era pequena, era afectivamente muito independente dos meus pais.	1	2	3	4
9. Quando era pequena, sofri muito com a doença de um dos meus pais.	1	2	3	4
10. Quando era pequena, sentia-me pouco amada pelos meus pais.	1	2	3	4
11. Quando era pequena, para adormecer precisava de ter um dos meus pais ao meu lado.	1	2	3	4
12. Quando era pequena, sentia-me excessivamente frágil perante obstáculos e dificuldades.	1	2	3	4
13. Quando era pequena, estava sempre preocupada com o que pudesse acontecer de mal aos meus pais.	1	2	3	4
14. Quando era pequena, tinha tendência para não revelar aos outros as minhas mágoas, por achar que não valia a pena contar.	1	2	3	4
15. Quando era pequena, fui ameaçada de abandono pelos meus pais.	1	2	3	4
16. Quando era pequena, tive que assumir a responsabilidade de cuidar de mim ou de outros, quando ainda era demasiado jovem para isso.	1	2	3	4
17. Quando era pequena, pressentia rejeição na atitude dos meus pais para comigo.	1	2	3	4

1 Discordo Totalmente	2 Discordo	3 Concordo	4 Concordo Totalmente
-----------------------------	---------------	---------------	-----------------------------

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
18. Quando era pequena, nunca queria separar-me dos meus pais.	1	2	3	4
19. Quando era pequena, sofri a ausência de um dos meus pais ou dos dois, durante um período de tempo prolongado.	1	2	3	4
20. Quando era pequena, fui pouco independente até tarde, precisando da ajuda dos pais ou de outros para resolver as minhas dificuldades.	1	2	3	4
21. Quando era pequena, sentia-me muitas vezes incompreendida e só.	1	2	3	4
22. Quando era pequena, preocupava-me muito em mostrar aos outros que tudo corria bem dentro da minha família.	1	2	3	4
23. Quando era pequena, senti-me abandonada pelos meus pais.	1	2	3	4
24. Quando era pequena, tinha tendência para sentir mal-estar físico (dores, vômitos, etc.) em situações problemáticas para mim, sem estar doente.	1	2	3	4
25. Quando era pequena, perdi (por morte) um dos meus pais ou os dois.	1	2	3	4
26. Quando era pequena, não tinha oportunidade de dizer, verdadeiramente, o que sentia ou pensava.	1	2	3	4
27. Quando era pequena, nunca me custou nada separar-me dos meus pais.	1	2	3	4
28. Quando era pequena, acusavam-me de “ser pouco dada”.	1	2	3	4
29. Quando era pequena, as pessoas consideravam-me muito madura e responsável.	1	2	3	4
30. Quando era pequena, a minha vida sofreu alterações muito negativas após a morte de um dos meus pais.	1	2	3	4
31. Quando era pequena, o que mais me preocupava era a minha família e a união familiar.	1	2	3	4

DMI

Adaptação autorizada de João M. R. M. Justo, 2009.

© Gleser, G. & Ihilevich, D. (1969)

INSTRUÇÕES: Leia cuidadosamente

Em cada uma das páginas seguintes, encontrará uma certa narrativa. Depois de cada narrativa, estão quatro perguntas e, para cada uma delas, há cinco respostas à sua escolha. As quatro perguntas procuram informação sobre quatro tipos de reacções à história contada: comportamento efectivo (real), comportamento de descarga (na fantasia), pensamentos e reacções emocionais. Destas quatro perguntas, só o comportamento efectivo tem correspondência na realidade. As outras três acontecem só no foro íntimo, dentro da cabeça de cada um.

O que nós queremos é que seleccione uma única resposta, de entre as cinco, que lhe pareça ser mais representativa (M) do seu modo de agir. Depois, escolha uma resposta que lhe pareça estar mais longe (L) do modo como reagiria. Por exemplo, vamos imaginar que de entre as cinco respostas possíveis a uma pergunta (números 136, 137, 138, 139, 140) a resposta 137 lhe parece a mais representativa do seu modo de reagir e que a resposta 140 é a que está mais longe da sua forma de reagir. Neste caso, assinale o M correspondente à resposta 137 e o L correspondente à resposta 140.

Exemplo:

Questão:..			
136	Resposta....	M	L
137	Resposta....	M	L
138	Resposta....	M	L
139	Resposta....	M	L
140	Resposta....	M	L

Por favor, marque apenas um M e um L em cada grupo de cinco respostas. Os restantes M's e L's, em cada conjunto, não devem ter qualquer anotação. Leia o conjunto das cinco respostas às perguntas, antes de pensar na sua escolha.

Não há respostas verdadeiras nem falsas, nem boas nem más; a única orientação para as suas escolhas é aquilo que sabe a respeito de si próprio. Deixe-se imaginar, por um momento, que o acontecimento descrito na narrativa está realmente a passar-se consigo, ainda que nunca se tenha passado consigo nada de igual. Quando escolher as suas respostas, lembre-se que não lhe estamos a pedir que diga do que gosta mais ou do que gosta menos, mas sim aquilo que mais ou menos se aproxima do modo como você reagiria ou se sentiria em tais situações.

Se não tem dúvidas a esclarecer, comece.

Você está à espera do autocarro na esquina da rua. As ruas ficaram molhadas e lamacentas depois das chuvas da noite passada. Um carro, em alta velocidade, passa junto ao passeio e dá-lhe um duche de lama.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

1	Tomaria nota da matrícula, para poder identificar esse condutor perigoso.	M	L
2	Censurava-me por não ter, ao menos, vestido uma gabardine.	M	L
3	Sorrindo, limparia os pingos com um lenço.	M	L
4	Resignado, lembrava-me que, no fim de contas, estas coisas acontecem.	M	L
5	Gritava insultos ao condutor.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

6	Enfiava a cara do condutor na lama.	M	L
7	Denunciava esse condutor incompetente à polícia.	M	L
8	Chamava-me burra por ter ficado tão à beira da estrada.	M	L
9	Dizia ao condutor que isto é uma coisa sem importância.	M	L
10	Informava esse condutor que os peões também têm os seus direitos.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

11	Porque é que eu estou sempre a meter-me em coisas destas?	M	L
12	Este condutor que vá para o diabo.	M	L
13	Tenho a certeza de que, lá no fundo, este condutor é boa pessoa.	M	L
14	Em dia de chuva, estas coisas podem acontecer a qualquer pessoa.	M	L
15	Gostava de saber se este condutor me terá molhado de propósito.	M	L

Como se sentiria e porquê?

16	Satisfeita, afinal de contas podia ter sido pior.	M	L
17	Triste, por causa da minha pouca sorte.	M	L
18	Resignada, porque uma pessoa tem que se aguentar com as coisas que acontecem.	M	L
19	Ressentida, por esse condutor ser tão descuidado e egoísta.	M	L
20	Furiosa, por esse condutor me ter sujado.	M	L

Você trabalha, há algum tempo, no corpo feminino da Polícia de Segurança Pública. O seu cargo é de muita responsabilidade na eficiência de um departamento que está sempre debaixo de uma grande pressão para cumprir os regulamentos. Como ultimamente as coisas não têm corrido tão bem como deviam, apesar da sua iniciativa e qualidades pessoais, você planeou fazer, dentro de pouco tempo, algumas alterações nos postos de trabalho. Antes de executar esses planos, o seu oficial superior aparece inesperadamente, faz algumas perguntas bruscas acerca do trabalho do departamento e, depois, diz-lhe que está demitida do seu posto e a sua assistente é nomeada para tomar o seu lugar.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

21	Aceitaria a minha demissão com bons modos, uma vez que o meu oficial superior está, apenas, a cumprir as suas funções.	M	L
22	Censurava o meu superior por ter tomado uma decisão contra mim, mesmo antes de se ter encontrado comigo.	M	L
23	Ficaria agradecida por ter sido aliviado de um trabalho tão difícil.	M	L
24	Ficava à espera da primeira oportunidade para lixar a minha assistente.	M	L
25	Censurava-me por não ter sido bastante competente.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

26	Dava os parabéns à minha assistente pela sua promoção.	M	L
27	Esclarecia a provável conspiração entre o meu superior e a minha assistente para se verem livres de mim.	M	L
28	Dizia ao meu superior para ir para o inferno.	M	L
29	Ficava com vontade de me matar.	M	L
30	Preferia abandonar tudo, mas isso não se pode fazer na polícia.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

31	Quem me dera poder encontrar-me, a sós, com o minha superiora, numa rua escura.	M	L
32	Na polícia, é importantíssimo que a pessoa certa esteja no lugar certo.	M	L
33	Não há dúvida de que tudo isto não passou de uma desculpa para ela se ver livre de mim.	M	L
34	Realmente, tive muita sorte em só ter perdido o meu trabalho e não a minha graduação.	M	L
35	Como é que eu fui tão parvo a pontos de deixar as coisas chegarem a este estado.	M	L

Como se sentiria e porquê?

36	Magoada, porque ele estava à espera da altura própria para me tramar.	M	L
37	Furiosa com a minha assistente, por ficar com o meu lugar.	M	L
38	Satisfeita, por não ter acontecido nada pior.	M	L
39	Transtornada, por ter sido uma falhada.	M	L
40	Resignada, afinal de contas temos de ficar contentes quando fazemos o melhor possível.	M	L

Você está a viver com a sua tia e o seu tio, que estão a ajudá-lo nos seus estudos. Eles cuidam de si desde que os seus pais morreram num desastre de automóvel, desde os seus treze anos. Numa noite em que você tem um encontro marcado para tarde com o seu namorado, lá fora está uma tempestade danada. A sua tia e o seu tio insistem consigo para telefonar e cancelar o encontro por causa do tempo e da hora tardia. Você está quase a desobedecer-lhes e pronta para sair pela porta fora quando o seu tio diz, numa voz de comando: “A tua tia e eu já te dissemos que não podes ir, e não se fala mais nisso”.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

41	Faria como disse o meu tio, porque ele sempre quis o melhor para mim.	M	L
42	Dizia-lhes: “Eu sempre soube que vocês não querem que eu me torne adulta”.	M	L
43	Cancelava o meu encontro porque é preciso conservar a paz na família.	M	L
44	Dizia-lhes que aquele assunto não lhes diz respeito.	M	L
45	Concordaria em ficar em casa e pedia-lhes desculpa por tê-los chateado.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

46	Batia com a cabeça nas paredes.	M	L
47	Dizia-lhes para deixarem de arruinar a minha vida.	M	L
48	Agradecia-lhes por estarem tão preocupados com o meu bem-estar.	M	L
49	Saía, batendo com a porta na cara deles.	M	L
50	Mantinha o meu compromisso, doesse a quem doesse.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

51	Porque é que eles não se calam e não me deixam em paz.	M	L
52	Realmente, eles nunca se importaram comigo.	M	L
53	Eles são tão bons para mim que eu devo seguir o conselho deles sem discutir.	M	L
54	Não se pode receber sem dar qualquer coisa em troca.	M	L
55	A culpa é toda minha, por ter marcado uma hora tão tardia.	M	L

Como se sentiria e porquê?

56	Aborrecida, porque pensam que eu sou um bebé.	M	L
57	Desanimada, porque não posso fazer nada.	M	L
58	Agradecida, porque se preocupam comigo.	M	L
59	Resignada, afinal de contas não se pode fazer sempre aquilo que se deseja.	M	L
60	Furiosa, porque eles interferem com os meus assuntos privados.	M	L

Você está a passar as suas férias com uma amiga que arranjou um óptimo emprego noutra cidade e foi viver para lá. Ela convidou-a para irem a um baile, este fim-de-semana, no clube recreativo. Pouco depois de lá chegarem, ela aceita um convite para dançar, deixando-a a si com um grupo de estranhos que mal conhecia. Eles conversam consigo mas, por qualquer razão, ninguém a convida para dançar. A sua amiga, por outro lado, parece ser muito popular esta noite. Parece estar a divertir-se imenso. No meio disso, chama por si e pergunta: “Porque é que não estás a dançar?”

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

61	Dir-lhe-ia, com sarcasmo: “Não estou a dançar porque prefiro estar a olhar para ti”.	M	L
62	Responderia que, realmente, não me estava a apetecer dançar.	M	L
63	Iria à casa de banho, para ver o que é que havia de errado em mim.	M	L
64	Dir-lhe-ia que é mais fácil uma pessoa familiarizar-se conversando do que dançando.	M	L
65	Levantava-me e saía dali porque parecia que ela me queria colocar mal.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

66	Assegurava-a de que estou perfeitamente feliz e contente, para ela não se preocupar comigo.	M	L
67	Gostava de lhe dar uma bofetada na cara.	M	L
68	Dizia-lhe que uma pessoa não pode ser a rainha da festa logo na primeira noite e, ainda por cima, num lugar desconhecido.	M	L
69	Respondia-lhe que agora eu sei que espécie de amiga é que ela é.	M	L
70	Gostava de me meter pelo chão abaixo e desaparecer.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

71	Esta foi preparada por ela.	M	L
72	Para começar, eu nunca devia ter cá vindo.	M	L
73	Estou contente por a minha amiga se estar a divertir.	M	L
74	Coisas como esta não se podem evitar numa festa onde não se conhece o pessoal.	M	L
75	Hei-de fazer com que ela se arrependa.	M	L

Como se sentiria e porquê?

76	Aborrecida, por ter tão pouca saída.	M	L
77	Furiosa, por causa de ela me estar a colocar mal.	M	L
78	Resignada, porque todos os estranhos têm de passar por estas coisas.	M	L
79	Zangada, por ela me ter metido numa armadilha destas.	M	L
80	Agradecida, por ter passado uma noite tão agradável.	M	L

m.

No emprego, você quer demonstrar ao seu chefe que é mais eficaz do que os seus colegas. Por isso, você está à espera que surja uma boa oportunidade para se afirmar. Um dia, trazem para a fábrica uma máquina nova. O chefe reúne todos os trabalhadores e pergunta-lhes se algum deles sabe trabalhar com ela. Você sente que chegou a oportunidade de que tem estado à espera e diz ao chefe que já trabalhou com uma máquina parecida e gostaria de ter uma oportunidade de a experimentar. Ele recusa, dizendo: “Desculpe mas não tem hipótese” e, chama um das antigas para tentar pôr a máquina a trabalhar. Assim que ele puxa a manivela de arranque, começam a saltar faíscas e a máquina começa aos soluços e pára. Neste momento, o chefe chama por si e pergunta-lhe se ainda quer uma hipótese para pôr a máquina a trabalhar.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

81	Diria: “Duvido que possa pôr a máquina a trabalhar”.	M	L
82	Diria aos meus colegas que o chefe quer responsabilizar-me pelo desarranjo da máquina.	M	L
83	Respondia ao meu chefe que ficava agradecida por me estar a dar esta hipótese.	M	L
84	Recusaria, amaldiçoando o chefe pelas costas.	M	L
85	Diria ao meu chefe que iria tentar porque nunca se deve voltar as costas a um desafio.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

86	Respondia a esse chefe que ele não ia fazer de mim o bode expiatório daquela máquina estragada.	M	L
87	Agradecia ao meu chefe por não me ter deixado estrear a máquina.	M	L
88	Dizia ao chefe para ser ele a tentar pôr a máquina a trabalhar.	M	L
89	Dizia ao meu chefe que a experiência nem sempre é garantia do sucesso.	M	L
90	Batia com a cabeça nas paredes por me ter enfiado numa situação insuportável.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

91	Este chefe é mesmo muito boa pessoa.	M	L
92	O diabo que o carregue, a ele e à sua maldita máquina.	M	L
93	Este chefe está a tentar lixar-me.	M	L
94	As máquinas nem sempre são dignas de confiança.	M	L
95	Como é que eu fui tão estúpida a pontos de pensar que podia trabalhar com esta máquina.	M	L

Como se sentiria e porquê?

96	Indiferente, porque quando não nos dão o nosso justo valor perdemos o entusiasmo.	M	L
97	Irritada, por me convidarem para fazer um trabalho impossível.	M	L
98	Contente, por não ter sido eu a estragar a máquina.	M	L
99	Aborrecida, por me estarem a pôr propositadamente na berlinda.	M	L
100	Agoniada, por me ter arriscado a fazer figura de parva.	M	L

A caminho do comboio, você passa por uma rua estreita com prédios altos. De repente, uma telha cai lá de cima onde estão a trabalhar alguns homens. Um bocado de telha parte-se e salta, aleijando-a na sua perna.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

101	Diria: “O que eu devia fazer era processá-los”.	M	L
102	Insultava-me, por ser tão azarada.	M	L
103	Seguia sem parar, porque uma pessoa não deve permitir-se que a distraiam dos seus planos.	M	L
104	Continuava no meu caminho e ficava contente por não ter acontecido nada pior.	M	L
105	Ia tentar descobrir quem eram aquelas pessoas irresponsáveis.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

106	Recordava, aos trabalhadores, as suas obrigações para com a segurança pública.	M	L
107	Sossegava os homens, dizendo-lhes que não tinha acontecido nada de grave.	M	L
108	Dizia-lhes um palavrão.	M	L
109	Censurava-me, por não ter reparado mais cedo em que espécie de sítio eu estava a andar.	M	L
110	Fazia com que esses trabalhadores descuidados pagassem pelo seu descuido.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

111	Esses trabalhadores não sabem fazer o seu serviço como deve ser.	M	L
112	Tive muita sorte em não ficar gravemente ferida.	M	L
113	O diabo que os carregue.	M	L
114	Porque é que estas coisas me estão sempre a acontecer?	M	L
115	Nos dias que correm não há cuidados que cheguem.	M	L

Como se sentiria e porquê?

116	Zangada, por ter ficado magoada.	M	L
117	Furiosa, porque o descuido deles quase me matou.	M	L
118	Calma, porque uma pessoa deve dominar-se.	M	L
119	Chateada, com a minha pouca sorte.	M	L
120	Feliz, porque saí dali apenas com um arranhão.	M	L

É quase de noite. Você conduz o seu carro na cidade e pára num sinal luminoso. Quando a luz muda para o verde, você repara que os peões não obedecem ao sinal e atravessam-se no seu caminho. Tal como a lei recomenda, você avança cautelosamente antes que o sinal vermelho apareça de novo. No momento de se safar, um polícia de trânsito manda-a encostar e acusa-o de ter ofendido o direito de circulação dos peões. Você explica que procedeu da única forma possível. No entanto, o polícia passa-lhe uma multa.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

121	Censurar-me-ia por ter sido tão descuidada.	M	L
122	Levava o caso a tribunal e arranjava provas contra o polícia.	M	L
123	Perguntava ao polícia porque é que ele tem tanta raiva aos condutores.	M	L
124	Tentava colaborar com o polícia que, apesar de tudo, é boa pessoa.	M	L
125	Aceitava a multa sem discussão, uma vez que o polícia apenas cumpriu o seu dever.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

126	Dizia ao polícia que ele não tem o direito de usar a sua posição para me espezinhar.	M	L
127	Censurava-me por não ter esperado pela luz verde seguinte.	M	L
128	Agradecia ao polícia por me ter salvo de um possível acidente.	M	L
129	Defendia os meus direitos por uma questão de princípio.	M	L
130	Batia-lhe com a porta na cara e continuava a conduzir.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

131	Ele está a cumprir o seu dever. Afinal de contas, devia agradecer-lhe por me ter ensinado a lição.	M	L
132	Cada um deve exercer a sua profissão da forma que acha mais correcta.	M	L
133	O que este tipo precisa é de voltar para a escola.	M	L
134	Como é que eu pude ser tão burra.	M	L
135	Aposto que este tipo se sente alguém cada vez que passa uma multa a um desconhecido.	M	L

Como se sentiria e porquê?

136	A ferver de raiva, porque ele está a arranjar-me problemas.	M	L
137	Ofendida, porque ele está a fazer pouco de mim.	M	L
138	Envergonhada com o meu descuido.	M	L
139	Indiferente, apesar de tudo, estas coisas estão sempre a acontecer.	M	L
140	Aliviada, porque assim fui impedido de me meter em sarilhos piores.	M	L

Você volta para casa, depois de ter passado dois anos lá fora, com um contrato de trabalho. Na altura em que fez o contrato, podia escolher entre esse caminho ou um lugar no negócio do seu pai. Apesar dos conselhos do seu pai, você preferiu ir-se embora. Agora que voltou para casa, você percebe que as suas oportunidades são as mesmas que tinha antes. Das duas uma, ou se associa com o seu pai, ou aceita um contrato como trabalhador não especializado. Na verdade, gostava de abrir um café, mas falta-lhe o capital para esse projecto. Após uma grande hesitação, você decide pedir ao seu pai que entre com o dinheiro.

Depois de escutar a proposta, ele lembra-lhe que lhe tinha oferecido um trabalho na sua firma na altura em que você emigrou. A seguir, ele diz-lhe: “Não estou disposto a queimar o que ganhei com tanto esforço nos teus projectos malucos. É altura de começares a ajudar-me no meu negócio”.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

141	Aceitaria a sua oferta porque, neste mundo, toda a gente depende de alguém.	M	L
142	Confessava-lhe que apostar em mim, realmente, não resulta.	M	L
143	Mandava-o passear com todas as letras.	M	L
144	Dizia-lhe que sempre desconfiei que ele não gostava de mim.	M	L
145	Agradecia-lhe por ter conservado um emprego em aberto, para mim, todos estes anos.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

146	Ia trabalhar com ele e fazia-o feliz.	M	L
147	Desistia do esforço e acabava com tudo.	M	L
148	Aceitava a oferta do meu pai, porque ofertas como esta não caem do céu.	M	L
149	Mandava-lhe à cara que toda a gente acha que ele é um sovina.	M	L
150	Dizia-lhe que eu não trabalhava para ele nem que ele fosse a última pessoa à face da terra.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

151	Um dia ele vai pagá-las todas juntas.	M	L
152	As questões familiares não podem entrar nas decisões de negócios.	M	L
153	Mas como é que eu fui tão burra a pontos de lhe falar neste assunto.	M	L
154	Tenho de admitir que o meu pai está a fazer por mim o melhor que pode.	M	L
155	Isto prova o que eu sempre pensei: o meu pai nunca acreditou em mim.	M	L

Como se sentiria e porquê?

156	Enraivecida, porque ele não quer que eu vença com o meu esforço.	M	L
157	Agradecida, por causa da oferta de um emprego com futuro.	M	L
158	Ofendida, por ele estragar o meu futuro.	M	L
159	Resignada, não se pode ter tudo ao mesmo tempo.	M	L
160	Desesperada, por não ter conseguido a aprovação do meu pai.	M	L

Uma tarde em que você e a sua melhor amiga estão a marrar para os exames, o seu namorado aparece inesperadamente. Vocês namoram há mais de um ano mas, ultimamente, não se têm encontrado muitas vezes e você fica muito contente por ele ter aparecido. Convida-o para tomar café e apresenta-o à sua amiga. Passados uns dias, você telefona-lhe e convida-o para jantar consigo, para celebrarem o fim da semana de exames. Ele responde que apanhou uma constipação e que é melhor não sair de casa. Depois de jantar, você está chateada e decide sair com os seus pais que vão ao cinema. À saída do cinema, você vê o seu namorado de braço dado com a sua melhor amiga.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

161	Não olhava porque tenho a certeza que eles iam fingir que não me tinham visto.	M	L
162	Cumprimentava-os delicadamente, tal como fazem as pessoas civilizadas.	M	L
163	Amaldiçoava-os pelas costas.	M	L
164	Dizia-lhes que estava encantada por saber que eles se tinham tornado amigos.	M	L
165	Ia para casa e fartava-me de chorar.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

166	Escondia-me para não ficar frente a frente com eles.	M	L
167	Dava-lhe uma bofetada na cara.	M	L
168	Mostrava que me sentia feliz por saber que eles se juntaram.	M	L
169	Perguntava-lhe se roubar é a única forma que ela conhece de arranjar um homem.	M	L
170	Mostrava-lhes que no amor e na guerra vale tudo.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

171	Não admira que ele goste dela, ela é muito mais bonita do que eu.	M	L
172	O egoísmo pode tornar desleal a melhor das amigas.	M	L
173	Aqueles dois sempre me saíram uns aldrabões.	M	L
174	Espero que venham a ter aquilo que merecem.	M	L
175	Realmente, que casal mais bem-parecido.	M	L

Como se sentiria e porquê?

176	Contente, por eles se darem tão bem.	M	L
177	Magoada, porque eu não devia ser tão confiante.	M	L
178	Resignada, porque temos que aceitar a vida como ela é.	M	L
179	Indignada, por causa da desonestidade deles.	M	L
180	Furiosa com eles os dois, por causa do que aconteceu.	M	L

Você e uma antiga colega do liceu estão a concorrer para uma vaga que abriu no Conselho de Administração da firma em que trabalham. Ainda que pareçam ter as mesmas hipóteses, a sua amiga teve mais oportunidades para evidenciar recursos pessoais em situações críticas. Contudo, recentemente, você conseguiu arranjar alguns negócios excepcionais. Apesar disso, o Conselho de Administração decide promover a sua amigo em vez de a promover a si.

Qual seria a sua reacção (comportamento real)?

181	Tentava descobrir quem foi o director que me lixou.	M	L
182	Continuaria a cumprir o meu dever como uma pessoa responsável deve fazer.	M	L
183	Aceitaria a decisão como a prova de que eu não sou feita para ser directora.	M	L
184	Contestaria vigorosamente as decisões do Conselho de Administração.	M	L
185	Dava os parabéns à minha colega pela sua promoção.	M	L

Se reagisse sem pensar (na fantasia) o que é que fazia?

186	Pediria ao Conselho de Administração para reconsiderar, porque uma decisão errada poderia prejudicar a companhia.	M	L
187	Censurar-me-ia por ter desejado um lugar que não está ao meu alcance.	M	L
188	Mostrava ao Conselho de Administração até que ponto eles foram parciais na sua decisão injusta.	M	L
189	Ajudava a minha amiga a ser bem sucedido no seu novo lugar.	M	L
190	Partia a cara de cada um dos membros do Conselho de Administração.	M	L

Que coisas lhe passariam pela cabeça?

191	Reconheço que não estou à altura.	M	L
192	Com certeza que não ia gostar mais do lugar de director do que do lugar que tenho agora.	M	L
193	Aqui há gato, esta decisão não me cheira bem.	M	L
194	Temos de passar por estas coisas como se não fossem nada.	M	L
195	O diabo que carregue aquele Conselho de Administração.	M	L

Como se sentiria e porquê?

196	Contente, por ainda conservar o trabalho a que estou habituada.	M	L
197	Perturbada, porque a minha falta de capacidades passou a ser conhecida por todos.	M	L
198	Furiosa com os directores, por causa da forma como me trataram.	M	L
199	Resignada, porque no mundo do trabalho as coisas são assim mesmo.	M	L
200	Zangada, porque fui vítima de uma decisão injusta.	M	L

MCMI-II
(Millon. 1987)

INSTRUÇÕES

As páginas seguintes contêm afirmações que as pessoas utilizam para se descreverem e caracterizarem os seus sentimentos e atitudes.

Não se preocupe se algumas frases lhe parecerem pouco usuais. Elas estão incluídas no questionário para descreverem experiências muito variadas.

Se concordar com uma afirmação ou achar que essa afirmação o descreve, marque V (F).

Se discordar com uma afirmação, ou achar que essa afirmação não o descreve, marque F (V F)

Tente responder a todas as afirmações, mesmo que não esteja completamente seguro da sua escolha. Se pensou bem e mesmo assim não consegue decidir-se, marque F.

Não leve muito tempo com cada afirmação

MCCI-II

Inventário Clínico Multiaxial de Millon

1. V F Sigo sempre as minhas ideias em vez de fazer aquilo que os outros esperam de mim.
2. V F Sempre me senti melhor a fazer as coisas calmamente sozinho do que com outras pessoas.
3. V F Falar com as outras pessoas tem sido quase sempre difícil e penoso para mim.
4. V F Acredito ter força de vontade e ser determinado em tudo aquilo que faço.
5. V F Nas últimas semanas começo a chorar quando a mais pequena coisa corre mal.
6. V F Algumas pessoas acham-me presunçoso e centrado em mim próprio.
7. V F Quando era adolescente tinha muitos problemas por causa do meu mau comportamento na escola.
8. V F Sinto sempre que não sou desejado num grupo.
9. V F Critico frequentemente com veemência quem me aborrece.
10. V F Sinto-me satisfeito por ser um seguidor de outros.
11. V F Gosto de fazer tantas coisas diferentes que não consigo decidir o que fazer primeiro.
12. V F Por vezes posso ser muito duro e mau nas relações com a minha família.
13. V F Tenho pouco interesse em fazer amigos.
14. V F Penso que sou uma pessoa muito sociável e que gosta muito de se dar com os outros.
15. V F Sei que sou uma pessoa superior, por isso não me preocupo com o que as outras pessoas pensam.
16. V F As pessoas nunca me deram crédito suficiente pelas coisas que eu tenho feito.
17. V F Tenho um problema com a bebida que tenho tentado acabar sem sucesso.
18. V F Ultimamente, sinto "borboletas no estômago" e fico com suores frios.
19. V F Tentei sempre expôr-me pouco durante actividades sociais.
20. V F Farei sempre coisas pelo simples facto de poderem ser divertidas.
21. V F Fico muito aborrecido com as pessoas que nunca parecem ser capazes de fazer nada bem.
22. V F Se a minha família me pressiona, é provável que me sinta zangado e resista a fazer o que eles querem.
23. V F Sinto frequentemente que devo ser punido pelas coisas que fiz.
24. V F As pessoas gozam comigo nas minhas costas, comentando a forma como me comporto ou pareço.
25. V F As outras pessoas parecem mais seguras do que eu sobre quem são e o que querem.

26. V F Tenho tendência para desatar a chorar ou ter ataques de fúria por razões que desconheço.
27. V F Comecei a sentir-me sozinho e vazio há cerca de um ano ou dois atrás.
28. V F Tenho tendência para ser dramático.
29. V F Tenho dificuldade em manter o equilíbrio quando ando.
30. V F Gosto de competição intensa.
31. V F Quando entro em crise procuro rapidamente alguém que me ajude.
32. V F Protejo-me de problemas nunca deixando as outras pessoas saberem muito a meu respeito.
33. V F Sinto-me fraco e cansado a maior parte do tempo.
34. V F As outras pessoas ficam mais zangadas com coisas aborrecidas do que eu.
35. V F O vício da droga sempre me meteu numa série de problemas no passado.
36. V F Ultimamente, dou comigo a chorar sem qualquer razão.
37. V F Acho que sou uma pessoa especial que merece atenção especial dos outros.
38. V F Nunca me deixo enganar por pessoas que dizem que precisam de ajuda.
39. V F Uma forma certa de tornar o mundo pacífico é melhorando a moral das pessoas.
40. V F No passado envolvi-me sexualmente com muitas pessoas que não significavam muito para mim.
41. V F Acho difícil simpatizar com pessoas que estão sempre inseguras acerca das coisas.
42. V F Sou uma pessoa muito concordante e submissa.
43. V F O meu mau génio sempre foi a causa principal dos meus problemas.
44. V F Não me importo de intimidar os outros para conseguir que eles façam o que eu quero.
45. V F Nos últimos anos até a mais pequena das coisas parecia deprimir-me.
46. V F O meu desejo de conseguir fazer as coisas perfeitas atrasa frequentemente o meu trabalho.
47. V F Sou tão sossegado e reservado que a maioria das pessoas nem nota que eu existo.
48. V F Gosto de namoriscar com membros do sexo oposto.
49. V F Sou uma pessoa passiva e medrosa.
50. V F Sou uma pessoa instável, que muda constantemente de ideias e de sentimentos.
51. V F Sinto-me muito tenso quando penso nos acontecimentos do dia.
52. V F Beber álcool nunca me causou problemas sérios no trabalho.
53. V F Ultimamente sinto não ter forças, mesmo pela manhã.
54. V F Comecei a sentir-me um falhado há alguns anos atrás.
55. V F Fico ressentido com pessoas que têm a mania que conseguem sempre fazer as coisas melhor do que eu.

56. V F Sempre live um medo terrível de perder o amor das pessoas de quem mais preciso.
57. V F Deixo com facilidade que as pessoas se aproveitem de mim.
58. V F Ultimamente, tenho vontade de partir coisas.
59. V F Ultimamente, tenho pensado seriamente em acabar comigo.
60. V F Estou sempre a tentar fazer novos amigos e conhecer pessoas novas.
61. V F Controlo bastante bem as minhas finanças para estar preparado para qualquer eventualidade.
62. V F Estive na primeira página de várias revistas do ano passado.
63. V F Poucas pessoas gostam de mim.
64. V F Se alguém me criticasse por ter feito um erro, rapidamente apontaria alguns dos erros dessa pessoa.
65. V F Algumas pessoas dizem que eu gosto de sofrer.
66. V F Expresso frequentemente os meus sentimentos de raiva e depois sinto-me terrivelmente culpado por isso.
67. V F Ultimamente, sinto-me agitado e sob grande tensão, mas não sei porquê.
68. V F Perco frequentemente a capacidade de sentir quaisquer sensações em partes do meu corpo.
69. V F Acredito que existem pessoas que usam telepatia para influenciar a minha vida.
70. V F Tomar as chamadas drogas ilegais pode ser insensato, mas no passado eu achei que precisava delas.
71. V F Sinto-me sempre cansado.
72. V F Parece que não consigo dormir e acordo tão cansado como quando fui para a cama.
73. V F Tenho feito uma série de coisas estúpidas, por impulso, que acabaram por me causar muitos problemas.
74. V F Nunca perdoou um insulto nem esqueço um embaraço que alguém me causou.
75. V F Devemos respeitar as gerações anteriores e não pensarmos que sabemos mais do que elas.
76. V F Presentemente, sinto-me terrivelmente deprimido e triste a maior parte do tempo.
77. V F Sou do tipo de pessoas de quem os outros se aproveitam.
78. V F Tento sempre agradar aos outros mesmo quando não gosto deles.
79. V F Há vários anos que me ocorrem sérios pensamentos de suicídio.
80. V F Descubro com facilidade como as pessoas estão a tentar causar-me problemas.
81. V F Sempre tive menos interesse pelo sexo do que a maioria das pessoas.
82. V F Não consigo compreender porquê, mas pareço gostar de magoar as pessoas que amo.
83. V F Há muito tempo que decidi ser melhor ter pouco a ver com as pessoas.

84. V F Estou disposto a lutar até à morte para não deixar que ninguém me roube a minha auto-determinação.
85. V F Desde criança que sempre tive de estar alerta face a pessoas que tentavam enganar-me.
86. V F Quando as coisas se tornam aborrecidas gosto de encontrar algo excitante.
87. V F Tenho um problema com o álcool que tem criado problemas, para mim e para a minha família.
88. V F Se alguém deseja fazer algo que exige grande paciência, deve pedir-me a mim.
89. V F Sou provavelmente o pensador mais criativo de entre as pessoas que conheço.
90. V F Não vi um único carro nos últimos 10 anos.
91. V F Não vejo nada de errado em usar as pessoas para obter aquilo que quero.
92. V F A punição nunca me impediu de fazer aquilo que queria.
93. V F Há muitas ocasiões em que, sem razão aparente, me sinto muito alegre e cheio de entusiasmo.
94. V F Quando era adolescente fugi de casa, pelo menos uma vez.
95. V F Digo muitas vezes coisas que me arrependo de ter dito.
96. V F Nas últimas semanas sinto-me exausto, sem razão especial.
97. V F Desde há algum tempo que me tenho sentido culpado por já não conseguir fazer bem as coisas.
98. V F As ideias circulam no meu pensamento sem parar, e não se vão embora.
99. V F Tornei-me bastante desanimado e triste acerca da vida, nos últimos um ou dois anos.
100. V F Muitas pessoas têm vindo a espiar a minha vida privada, há anos.
101. V F Não sei porquê, mas às vezes digo coisas cruéis só para fazer os outros infelizes.
102. V F Detesto ou tenho medo da maioria das pessoas.
103. V F Expresso abertamente a minha opinião acerca das coisas, sem me importar com o que os outros possam pensar.
104. V F Quando alguma figura de autoridade insiste para que eu faça algo, é provável que não o faça ou que o faça mal de propósito.
105. V F O meu hábito de abuso de drogas levou-me a faltar ao trabalho, no passado.
106. V F Estou sempre disposto a ceder em favor de outros para evitar desacordos.
107. V F Estou frequentemente irritado e rabugento.
108. V F Já não tenho forças para ripostar.
109. V F Ultimamente, tenho que repetir as coisas vezes sem conta, sem razão aparente.
110. V F Penso frequentemente que não mereço as coisas boas que me acontecem.
111. V F Uso o meu charme para chamar a atenção das outras pessoas.

112. V F Quando estou sozinho, sinto frequentemente a presença de outra pessoa que não pode ser vista.
113. V F Sinto-me à deriva, sem saber para onde a vida vai.
114. V F Ultimamente, tenho suado muito e sentido-me muito tenso.
115. V F Às vezes sinto que devo fazer algo para me magoar a mim ou a outras pessoas.
116. V F Tenho sido injustamente punido pela lei, por crimes que nunca cometi.
117. V F Estive muito agitado nas últimas semanas.
118. V F Continuo a ter pensamentos estranhos dos quais gostava de me ver livre.
119. V F Tenho tido muita dificuldade para tentar controlar o impulso para beber em excesso.
120. V F A maioria das pessoas pensa que eu não valho nada.
121. V F Consigo ficar muito excitado sexualmente quando luto ou discuto com a pessoa que amo.
122. V F Tenho sido capaz, ao longo dos anos, de manter o meu consumo de álcool no mínimo.
123. V F Sempre “testei” os outros para descobrir até que ponto é que eles são de confiança.
124. V F Mesmo quando estou acordado, pareço não notar as pessoas que me rodeiam.
125. V F Tenho muita facilidade em fazer muitos amigos.
126. V F Tento sempre ter a certeza de que o meu trabalho está bem planeado e organizado.
127. V F Frequentemente oiço as coisas tão bem, que isso me incomoda.
128. V F O meu humor parece mudar de dia para dia.
129. V F Não culpo ninguém que se aproveite de quem não se importa com isso.
130. V F Mudei de emprego mais de três vezes nos últimos dois anos.
131. V F Tenho muitas ideias que estão avançadas no tempo.
132. V F Há já algum tempo que me venho sentindo triste e não consigo sair deste estado.
133. V F Penso que é sempre melhor procurar ajuda para tudo aquilo que faço.
134. V F Zangou-me frequentemente com as pessoas que fazem as coisas devagar.
135. V F Fico realmente chateado com as pessoas que esperam que eu faça aquilo que não quero.
136. V F Nos últimos anos tenho-me sentido tão culpado, que poderei fazer algo de terrível a mim próprio.
137. V F Nunca me isolo quando estou numa festa.
138. V F Dizem-me que eu sou uma pessoa correcta com sentido moral.
139. V F Por vezes fico confuso e sinto-me incomodado quando as pessoas são simpáticas para mim.
140. V F O meu consumo das chamadas drogas ilegais tem levado a discussões familiares.
141. V F Fico muito apreensivo nas relações com o sexo oposto.

142. V F Há membros na minha família que dizem que eu sou egoísta e que só penso em mim.
143. V F Não me importo que as pessoas não se interessem por mim.
144. V F Francamente, minto com frequência para não ter chatices.
145. V F As pessoas podem mudar facilmente as minhas ideias, mesmo que já esteja decidido.
146. V F Há pessoas que me tentaram "tramar", mas eu tenho força de vontade suficiente para os neutralizar.
147. V F Os meus pais diziam-me frequentemente que eu não prestava.
148. V F Faço frequentemente as pessoas zangarem-se, mandando nelas.
149. V F Tenho um grande respeito pelos que me são hierarquicamente superiores.
150. V F Não tenho praticamente laços pessoais fortes com nenhuma pessoa.
151. V F As pessoas disseram no passado que eu fiquei demasiadamente interessado e demasiadamente entusiasmado com demasiadas coisas.
152. V F Voei sobre o Atlântico trinta vezes no ano passado.
153. V F Acredito no ditado "deitar cedo e cedo erguer...".
154. V F Mereço o sofrimento que tenho experimentado na minha vida.
155. V F Os meus sentimentos em relação às pessoas importantes da minha vida passam frequentemente do amor ao ódio.
156. V F Os meus pais sempre discordaram um do outro.
157. V F Já me aconteceu beber dez ou mais bebidas sem ficar bêbado.
158. V F Nos grupos sociais fico quase sempre muito auto-consciente e tenso.
159. V F Eu tenho em grande conta as regras porque acho que são um bom guia a seguir.
160. V F Desde criança que tenho vindo a perder o contacto com a realidade.
161. V F Raramente sinto algo com intensidade.
162. V F Costumava ser realmente inquieto, viajando de lugar para lugar sem saber aonde iria parar.
163. V F Não suporto as pessoas que chegam atrasadas aos encontros.
164. V F Há pessoas velhacas que frequentemente tentam ficar com o crédito das coisas que fiz ou pensei.
165. V F Fico muito irritado se as pessoas exigem que eu faça as coisas à maneira delas, e não à minha.
166. V F Tenho capacidade para ter sucesso em quase tudo o que faço.
167. V F Ultimamente, tenho-me sentido a desfazer em pedaços.
168. V F Pareço encorajar as pessoas que amo a magoarem-me.
169. V F Nunca tive nenhum pêlo nem na cabeça nem no corpo.
170. V F Quando estou com outras pessoas gosto de ser o centro das atenções.

171. V F Pessoas pelas quais tive uma grande admiração inicialmente, acabaram por me desapontar.

172. V F Sou do tipo de pessoas que é capaz de se dirigir a alguém e dar-lhe uma descompostura.

173. V F Prefiro estar com pessoas que me protejam.

174. V F Houve muitos períodos na minha vida em que estava tão contente e gastei tanta energia que me fui abaixo.

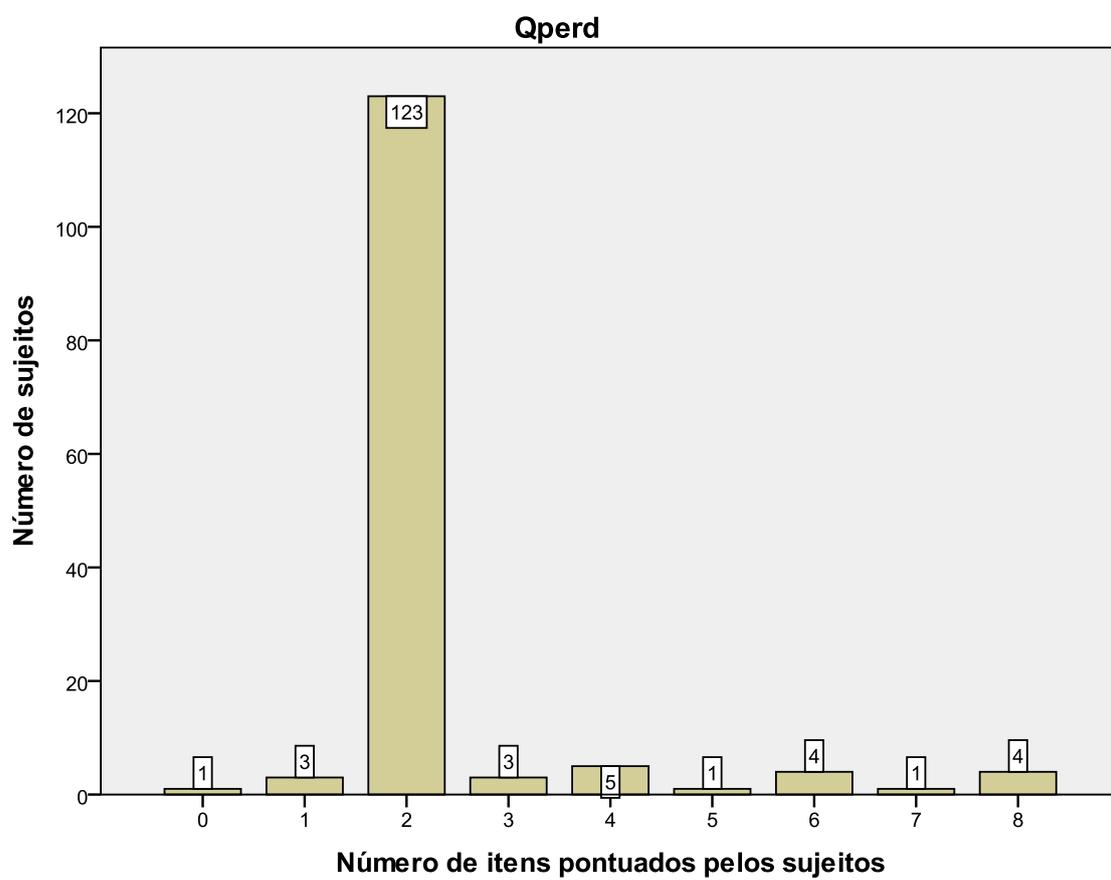
175. V F Tive dificuldades no passado em evitar o abuso de drogas ou álcool.

Anexo III

Frequências da variável Qperd

Gráfico anexo 1

Frequência de pontuação da escala Qperd



Anexo IV

Testes de Normalidade

Tabela anexa 1

Teste K-S para a distribuição normal da amostra

	K-S	p-value
Esquizóide	.095	.003
Evitante	.139	.000
Dependente	.086	.010
Histriónico	.075	.046
Narcísico	.078	.031
Antisocial	.119	.000
Agressivo	.092	.004
Compulsivo	.056	.200*
Negativista	.075	.045
Autodestrutivo	.155	.000
Esquizotípico	.104	.001
Borderline	.116	.000
Paranoide	.068	.200*
Prej	.091	.005
Psobr	.120	.000
Pfus	.128	.000
Mrej	.106	.000
Msobr	.046	.200*
Mfus	.115	.000
Qaban	.124	.000
Qdep	.099	.001
Qhiper	.101	.001
Qperd	.491	.000
TAO	.072	.063
PRO	.090	.006
PRN	.121	.000
TAS	.100	.001
VER	.066	.200*

* This is a lower bound of the true significance.

